

Tiago Novaes

Documentário

Documentário

Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministra da Cultura

Ana de Hollanda

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES – FUNARTE

Presidente

Antonio Grassi

Diretora Executiva

Myriam Lewin

Diretora do Centro de Programas Integrados

Ana Claudia Souza

Gerente de Edições

Oswaldo Carvalho

Tiago Novaes

Documentário

Copyright©Tiago Novaes
Todos os direitos reservados

Fundação Nacional de Artes – Funarte
Rua da Imprensa, 16 – Centro – Cep: 20030-120
Rio de Janeiro – RJ – Tel.: (21) 2279-8071
livraria@funarte.gov.br – funarte.gov.br

*Coordenação da Bolsa Funarte
de Criação Literária*
Ana Vasconcelos

Edição
Oswaldo Carvalho

Produção Editorial
Jaqueline Lavor Ronca

Produção Gráfica
João Carlos Guimarães

Produção Executiva
Suelen Teixeira

Projeto Gráfico
Fernanda Lemos
Gilvan Francisco

Capa
Livio Avelino

Revisão
Obra Completa Comunicação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
FUNARTE / Coordenação de Documentação e Informação

Novaes, Tiago.
Documentário / Tiago Novaes. – Rio de Janeiro :
FUNARTE, 2012.
240 p. ; 21 cm .

ISBN 978-85-7507-146-5

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD B869.3

Sumário

1. A Cura do Autor	8
2. Genealogias da Confissão e do Abandono	130
3. <i>Perlaboració</i>	192
4. Fortuna	228

A Cura do Autor

A mim causa singular impressão comprovar que minhas histórias clínicas carecem, por assim dizer, do severo selo da ciência, e que apresentam mais um caráter literário. Mas consolo-me pensando que este resultado depende inteiramente da natureza do objeto, e não de minhas preferências pessoais. O diagnóstico local e as reações elétricas não têm eficácia alguma na histeria, ao passo que uma exposição detalhada dos processos psíquicos, tal como estamos habituados a encontrar na literatura, me permite atingir, por meio de um número limitado de fórmulas psicológicas, um certo conhecimento da origem de uma histeria.

Sigmund Freud, *Estudos sobre a histeria*

Introdução

A elaboração e a exposição deste caso clínico têm como propósito principal o de voltar a trazer à baila uma porção pequena da real complexidade da alma, e apresentar, em segundo plano, as possíveis relações que se estabelecem entre um analista e um paciente, não apenas no interior do enquadre analítico, mas também do lado de fora de seus ampliados domínios. Em caráter meramente colateral, trata-se do relato de um drama humano, e da prolífica ilustração de um malogro exemplar.

Tão habituados estamos a uma exposição simplificada dos conflitos do homem que nos esquecemos da delicadeza e da peremptoriedade com que nosso pensamento irrompe na consciência, com que se entrelaça a outros, às lembranças, matizadas por toda sorte de afetos impronunciáveis. Se as palavras são diques seguros e insuficientes dos afetos, é certo que apenas na sua composição os moinhos do tempo e da história voluteiam. O que temos de mais singular, como se pode ver nestas grossas pinceladas, é fruto e agente da História impessoal. Esta História, a síntese de acasos e decisões irrecuperáveis.

Há ainda uma razão pessoal para descrever este caso específico, e a exponho por se tratar também de um assunto de in-

teresse comum. Como já se poderá aventar pelo título da obra, o paciente em questão é um escritor. Este escritor exerceu um impacto profundo em meu percurso profissional, cuja marca pode ser denotada na elaboração mesma desta obra. A reflexão pode ser situada da seguinte maneira: o caso clínico é um dos mais recentes gêneros literários, criado por Freud quando este ainda se encontrava às voltas com a terapia catártica e a hipnose. Utilizo, portanto, um gênero literário específico para abordar meu encontro com um escritor. Estamos acostumados a tentar aferir traços de caráter no interior das obras de arte. Freud o fez nas obras de Miguelangelo e Da Vinci. Seu insucesso neste aspecto foi notável. Minha demanda é a de seguir o fio inverso – deprender a obra a partir do encontro com o autor vivo.

Como psicanalista, tenho ciência de que minha presença neste caso se encontra exposta de modo irremediável. O colega de profissão estranhará a informalidade do relato, ainda que não se espante com a fluência discursiva de uma sessão, a que está habituado. Talvez reconheça, contudo, que o idioleto especialista e rebuscado vale como um aparato defensivo que só cai bem ao próprio analista. É hora de permitir que o público leigo passe para o lado de cá – o dos perscrutadores. Nada perderemos.

Sabe-se, de qualquer modo, que não é mais possível mencionar a terceira pessoa sem situar a primeira, pois apenas assim se cumprirá a justiça de abrir espaço para a segunda: o leitor, que não obstante, será fatalmente prejudicado pela sonegação de um sobejo de informações essenciais. Quanto a isto, não há o que fazer: a zona sombria da verdade é sempre maior que a iluminada. E como eterno aprendiz de meu ofício, devo dizer que nos encontramos aqui na confluência de dois grandes campos – a

literatura e a psicanálise – que ainda se alicerçam, sem pedir desculpas, nas bases eternas do mistério.

Não foi esta, contudo, a razão medular pela qual tanto se ocultaram os detalhes mais superficiais da vida do escritor, cuja maior parte permanece um enigma até para mim. Assim como as novelas de cavalaria exigem um prefácio que afirme terem sido entregues por um terceiro, os casos clínicos precisam continuamente voltar a afirmar que existe uma linha tênue entre dizer demais e de menos. Se digo demais, acuso a identidade do autor. Em compensação, tolhe-se o esclarecimento se a oculto em nome de nossa postura ética. As críticas advirão de qualquer maneira, estou ciente disso. Como já revelo que o paciente é um escritor, pouco mais poderei dizer. Não digo que seja conhecido. Também não digo que não seja. Todos são famosos, ainda que somente aos olhos da mãe, ou de um substituto precário desta.

Há ainda uma última questão a abordar, à guisa de introdução. É sabido que Freud nutria grande admiração pelos literatos, e que o único prêmio que recebeu lhe foi concedido pela qualidade formal de sua obra. Ao expor minha aproximação dos conflitos de um escritor, creio que esteja trazendo a lume algum aspecto do próprio fundamento do saber psicanalítico. Faz tempo que sabemos disso: todo avanço é um recomeço.

O escritor

Não quero tratar aqui da trama férrea que me constitui. Não quero tratar do passado, de meus pais, de um trauma que se repete como um eco maior que o ruído original. Não quero falar de um complexo sempre presente, sempre igual em quase todos os aspectos. E de modo algum quero que encare estas palavras em uma primeira entrevista como a grande resistência a ser combatida, enfrentada, demolida, com estocadas palavreiras, tijolo a tijolo. Não quero ser visto como um caso, não posso ser um modelo clínico, não pretendo justificar os preceitos da sua ciência, ainda que acredite nessa ciência. Não estou aqui para tornar mais sólida e firme sua identidade como analista, para que você possa publicar um artigo, um ensaio que comece com “A guisa de...”, ou “A propósito de um caso de...”, ou coisa semelhante. Só iremos trabalhar bem juntos se você levar em conta estas palavras que, acredite, levaram muito tempo para germinar, e são resultado de um labor sofrido. São uma síntese, uma grande síntese. Já fui um sujeito desarmado, sem recorrer às consagradas muletas das formas de relação, sem capacidade para reproduzi-las, expondo-me sem ser apresentado, sem mediações, sem preparo, sofrendo tudo o que a hostilidade impessoal do mundo me dirigia. Esperava encontrar um reflexo de minha abertura na disposição de

meus contemporâneos. Acreditava que, como eu, os que circulavam e habitavam nosso tempo também fariam o mesmo e, como você pode imaginar, como todo mundo exceto eu poderia prever, dei com os burros n'água. Estou sozinho. Do entusiasmo, do encanto, de uma fantasia que era a única base que sustentava meu centro de gravidade passei – passo, muitas vezes, desde sempre e cada vez mais – a uma indiferença profunda em relação às coisas. Se quiser, pode pensar nisso como uma fantasia temporã de onipotência que se perpetuou justamente porque não existiu em um primeiríssimo momento de minha vida. Sou um entediado. O tédio torna tudo uniforme, e vai tocando o tecido dos meus gostos. Meu paladar não desfruta mais de um prato, ele somente depura a receita culinária que o concebeu, com seus ingredientes e modo de preparo. Adoro ir ao cinema, não abro mão de uma cerveja com os amigos, mas desde que me tornei um adulto, ou desde que me propus a sê-lo, as idas ao cinema já não mais me exaltam. Enxergo os filmes como os jornais querem que os enxerguemos – classificação, pequena sinopse, informações técnicas, um punhado de trivialidades sobre a produção, e um pequeno juízo espirotuoso – este saber apressado que não me faz conhecer, mas matar e morrer na insalubridade dos catálogos. Nada mais é novidade, e só se muda para não mudar. Os amigos, então, a mesma coisa. A partir do momento em que os conheci, sem no fundo saber quem são, a partir do instante em que os instituí como casos, como neuroses particulares e típicas, não consigo vê-los de outra maneira, e neles nada mais me surpreende. O mitômano narrará mais uma história em que ninguém acredita; o político erguerá um novo sentido para a vanguarda, e os colegas da mesa irão concordar ou não com ele, sem nunca levá-lo às últimas consequências; nada

se esperará do piadista *blasé* além de uma fala mansa e de um contágio de risadas; e os “novos religiosos” prosseguirão com um credo profissional liberal, mistura de campanha sanitária e cultura oriental engravatada. Sou também uma neurose para eles, nada novo parte dos assuntos e comentários que faço. Persistimos na ilusão de que o tempo não passa. Ou de que passa. E volto para casa, um pouco embriagado, tragicamente lúcido, embrulhado, sem dissabor ou contentamento, sem me distrair com algo que se disse. Meus camaradas pressentem o mesmo, embora o considerem um resultado mais ou menos esperado de anos de amizade. E o que faço então? Volto para a faculdade? Descubro outros amigos? Repito o entusiasmo da adolescência? Bem sei: não adiantaria. Seria novamente o esforço para repetir o mesmo orgasmo. O mesmo sonho. E não se pode sonhar duas vezes o mesmíssimo sonho. Ou, você me corrija se estiver errado, todos os sonhos de alguém são o mesmo. Saber disso é tornar-se adulto.

Aí está. Este é o meu estado, minha posição frágil e maciça, meu sol e minha sombra. Em uma única sessão, está tudo aí, disse o que podia. E agora que falei, sinto-me árido e desabitado. Cada trilha atingiu o seu ápice – um promontório impessoal.

Como irá você me ajudar a erigir uma ponte? Qual é o encanto? Qual a compostura alquímica de suas palavras? É uma aposta: os dois ganham ou os dois perdem.

O analista

É verdade que, no percurso de um analista, há sempre um paciente que o inaugura em seu lugar. No meu caso, foi o escritor

esse paciente. Antes dele, não sabia o que fazer de meu consultório. Não possuindo dinheiro para um par decente de sapatos, ou mesmo para uma faxina, eu mesmo limpava tudo com os modos descuidados de um efebo. Por sorte meu pai possuía um imóvel comercial e consegui tomá-lo em caráter provisório sem me onerar com aluguéis ou contratos, que são os fardos que levam a maioria dos aspirantes a analista a engavetar os cartões que mandaram fazer poucos meses após saírem da gráfica. Muitos colegas passaram por isso. Não bastava o exemplo para que deixassem de escorregar na mesma caçapa.

Mas ainda que não precisasse desembolsar este montante mínimo, o aluguel do meu apartamento constituía fonte permanente de preocupações. As datas de vencimento das faturas eram tão dispersas que não passava uma semana sem que tivesse de ir ao banco. Por estas e outras, cogitei por longo período me mudar para o consultório. Dormiria no divã. O conjunto comercial tinha um banheiro com ducha, seria só retirar toda a sujeira e remover a parafernália acumulada no boxe – produtos de limpeza, um capacho aposentado, uma cadeira de escritório sem encosto, uma caixa úmida de sapatos. Os pacientes perceberiam alguma diferença? Sentir-se-iam invasores de uma alcova privada, excessivamente habitada? Intuiriam o meu calor na sala, a oleosidade de meus dedos sobre os móveis, os flocos de pele morta sobre o tapete? É bem capaz que inspirassem minha emanção natural nas nervuras dos tacos, das dobradiças, de uns copos esquecidos. E no corredor de entrada, na escada estreita, na sala de espera minimalista, quase sem móveis (o que não era uma opção), nos fios de cabelo apegados durante o sono ao divã, no olor do sabonete. O consultório não dispunha de

uma cozinha, mas um frigobar e um minifogão resolveriam o problema. O que dizer, contudo, da certeza de que se fritou um ovo há pouco na sala de atendimento?

Muitos psicólogos atendem na própria casa, no terceiro dormitório do apartamento, ou em uma edícula atrás do jardim, cujo acesso se dá por uma entrada lateral. Em geral, pacientes são curiosos em saber detalhes da vida de seu analista, para desmascará-lo ou atenuar a sua importância, e esta decisão de trabalhar onde se mora é prato cheio para os mais empertigados. Muitos substituem o desejo de melhorar pelo impulso exploratório de fazer enormes suposições a partir de detalhes irrelevantes no ambiente: um celular sobre uma mesa, um marcador de páginas curioso, uma foto em branco e preto, revelando um tímido instante de ternura, repouso, saudade. Tal curiosidade me deixava paranoico. A possibilidade de encontrá-los na rua, na fila do cinema, no trânsito, punha-me em estado constante de alerta. E quando isso ocorria, por mais banal que fosse o que estivesse fazendo, eu me sentia flagrado. Para confundir essa espécie de investigação sintomática, eu espalhava pistas falsas: um rosto de alguém que não conhecia no porta-retratos, um livro que nunca leria, cadernos espalhados que não usava e que nem eram meus. Era uma prática que me fazia submergir ainda mais neste jogo de aranha e mosca, não alcançando nunca um termo satisfatório. Tudo levava a crer que eu tinha algo a esconder até mesmo de mim. Foi depois, bem depois que descobri que isso era uma verdade.

O que um analista dirá numa primeira entrevista é sempre algo muito delicado. Ele tem pouco tempo para pensar, sabe muito pouco de seu paciente, reconhece que está sendo testado

de alguma forma, precisa deixá-lo falar, e ao mesmo tempo não pode deixá-lo sozinho. Além do mais, nunca se sabe se é possível ajudá-lo. Não se pode fazer nenhuma interpretação radical, o que estimularia uma interrupção precoce da parte do paciente. O vínculo deve estar bem constituído para se começar a dizer o que interessa. A solução, neste momento, é elaborar uma síntese aberta – não uma análise – do sofrimento do paciente. É uma fórmula: “Você está me falando de como se sente sozinho”, ou “Você está dizendo de uma dor muito profunda, que não o abandona desde a morte de seu pai”, e prossegue: “Vamos continuar conversando? Preciso ouvir mais, até para saber se posso te ajudar, mas ao que tudo indica você poderia se beneficiar muito de uma análise.” E quanto mais inexperiente é o analista, mais cenográfica será sua participação na sessão, pois ou bem ele se atrapalha no impacto do encontro, inédito para ele, ou recorre a roteiros preestabelecidos. E, mesmo assim, cumpre que algo seja singular. Uma mensagem terá de ser proferida.

E o que seria então esta primeira mensagem, que não encerrasse ou concluísse, mas abrisse a possibilidade de outras, como se as ideias fossem borboletas que sobrevoassem a sala de atendimento, e com sua rede o analista auscultasse uma delas, a mais enigmática, aquela que, sem que se saiba por quê, é dispersamente seguida pelas outras, e a entregasse de volta ao paciente para que este a mastigasse, sentisse o seu gosto, a textura de sua asa escamosa e pincelada, seu organismo verminoso. Esta borboleta seria, no atendimento de um paciente escritor, a epígrafe do romance fragmentário composto pelas sessões. Eu poderia lhe perguntar: o que representa a epígrafe de um livro? Ela acolhe o livro, sem sê-lo? Ela esclarece o título? Em que momento escolhe

o autor a sua epígrafe? Ela é o dizer antes, aquilo que o livro foi? É a viga invisível, o cristal onde o branco se quebra em elementos invisíveis? Vejam como o escritor me contagiara com seu estilo. Estas imagens são a prova disso. As engrenagens já palmilham um ritmo vertiginoso. O tempo destila nosso encontro. O que estará fazendo? O que fez comigo naquele instante em que o ponteiro indiferente anunciava, despercebido, que o dia prosseguia?

Ao chegar, ancião e infante se sentaram desamparados. Tinha a barba por fazer, mas em vez da impressão desleixada e casual, expressava muito incômodo com seu aspecto anacrônico. Passava as mãos pelo queixo, repuxava com a ponta dos dedos os fios hirsutos, pretos como agulhas. Seu corpo o desapontava. Mais: seu corpo o constrangia. Era um homem que empreendeu um grande esforço para conciliar os cuidados físicos, e fracassou na tentativa. O escritor exigiu minha presença e ao mesmo tempo procurou barrar-me a entrada. Tudo o que proferiu disse respeito ao que eu não deveria ser, ao que não deveria fazer. “Seja um analista sem dar qualquer sinal de sua figura. Não encarne um analista, não recorra a modelos, isto não me convence nem me seduz. Exponha-se como eu.” Punha à prova meu intelecto e, não obstante, falava do interior do jargão analítico. Desgrenhado e de olhos vermelhos, trouxe o pacote hermético, pronto e selado. Invertendo os papéis, hipnotizou as minhas palavras. Discorreu com vagar, rastejando sobre as vírgulas, de si para si, enquanto eu deixava de existir, cada vez mais diluído em seu olhar subjetivo e totalizante. Quando finalmente me desprendi do transe, quarenta e cinco minutos haviam se passado, e só o que pude fazer foi abrir a agenda e perguntar se poderíamos continuar aquela conversa outro dia.

O escritor

Há algo de enorme importância que me esqueci de dizer na primeira entrevista. O problema é que o lembrei há alguns dias e agora voltei a esquecer. Você irá me dizer que, se me esqueci, é porque se trata de algo fundamental, o que escorrega é o que sustenta, o que foge é aquilo que está. Eu sei dos pormenores de uma análise. Já passei por vários curandeiros antes de você. Li Freud e seus comentadores, embarquei na *egotrip* de Jung, acompanhei a construção de uma caixa orgástica, de acordo com as instruções precisas de Reich, brinquei com os cubos mágicos de Winnicott e preenchi as palavras cruzadas de Lacan. E nada. Fui a retiros espirituais, embarquei em dietas holísticas. Fiz ioga e alongamento, sempre estudando, sempre descrente. Se algo funciona – sempre foi meu princípio – precisará funcionar à revelia de minha fé. Não me peçam que acredite. Ninguém, hoje, perante tantas e nenhuma opções ideológicas, perante o ocaso de toda utopia, deveria solicitar a fé de um semelhante. É o mesmo que pedir a um sujeito que feche os olhos para atravessar a rua. É pedir que seja idiota. Não confundamos inocência com ingenuidade.

Esta é a minha condição, portanto: faço tudo o que me pedir. Só não me peça para acreditar que aquilo que fizermos surtirá efeito. Tenho de mudar sem o saber, sem que participe ativamente do processo. Eu sujeito meus processos internos à sua manipulação – anestesiado, você faz a cirurgia.

Muitos tratamentos e autoajudas exigem a crença na mudança. Aí é que está o embuste. Eles dependem de algo que não existe mais. Não podem, portanto, ser postos à prova. Apenas

alimentam as nossas esperanças. Por isso estou aqui. Sei que a psicanálise, visto que fundada por um judeu ateu, não exige o ilusionismo, mas uma disposição de abertura, e isso tenho de sobra. Exige que relaxemos os músculos, atiremo-nos ao socorro de um desconhecido, e me cansei de fazer isso. Exige sacrifício e paixão, e posso dizer que estas são virtudes em meu ofício. Que eu encarne, portanto, o pagão imolado.

Aí reside o nó, a cada dia mais firme, entre meu infortúnio e meu arbítrio: sacrifico-me na descrença. Confio na bondade de estranhos e venho consultá-lo sem entusiasmo. Um planeta de núcleo incandescente, sedimentando ao redor de si uma crosta fria. A intensidade do fogo produziu o seu esmorecimento visível. Ao passo que, em algum lugar, dentro ou fora, ele continua ardendo, queimando sem aquecer.

Não, não sei se falo do meu desejo. Vivemos no século do desejo, ainda que de um hedonismo culpado, e não é um século muito bom. A espontaneidade deste século matou a faculdade do espanto. Já reparou como os adolescentes de hoje trocaram a exploração corajosa pela constatação embasbacada? Concluo que só as coisas que duram nos surpreendem. Como as pirâmides. Deixe-me então falar do indesejado. Vamos falar do tédio. Não estaremos alternando o rumo da conversa, tenho certeza. Para onde quer que nos viremos, cairemos no mesmo, no inferno do mesmo.

Você pensa que o desejo está implicado com o meu lugar na sociedade. “Vamos achar um lugar para você. Vamos incluí-lo.” Mas acredito que não importa onde esteja, mas o valor do que faço. Esta é minha onipotência, há quarenta anos eu seria apenas mais um, neste aspecto. A busca pela originalidade está ligada,

no meu caso, à busca pela fome do mundo. De que o mundo precisa? Como poderia ajudar, fazendo o que melhor sei fazer? Ser um escritorzinho famoso, uma nova revelação. O mundo está cheio disso. Toda semana vejo duas ou três jovens cuja voz e composições foram descobertas. Intelectuais felizes compram músicas dessa gente, e as põem para tocar em jantares sofisticados. Essas músicas são boas. Todas boas. E o mundo continua faminto. Com isso, estou falando do tédio, do buraco, desta liberdade que teima em produzir padrões e identidades.

Há alguns dias estava caminhando pela livraria. Gosto de observar as pessoas. É evidente que ninguém ali sabe que sou um escritor, que meu livro está metido entre tantos outros, esperando o encontro casual com alguma curiosidade distraída. Espreito atônito os leitores, procurando compreender o que estão fazendo ali, o que procuram, de que gostam. Nessas andanças, dei com um casal de adolescentes que caminhava atrás de mim enquanto eu me dispersava na sessão de pockets. Ouço a voz feminina dizendo: “Já pensou o seu livro sair na lista do vestibular daqui a alguns anos?” Virei-me. Os dois não tinham mais de dezoito anos. Ela era uma garota rechonchuda e ele, um dândi em seus trejeitos, dentro de uma camiseta estampada da Atari – pálido, cabelos curtos, negros e lambidos, de sombra nos olhos. Não respondeu à amiga. Amaciava o chão com os pés tortos e um sorriso de quem ainda não cresceu. Não sabia se punha as mãos para trás – posição de intelectual – se cruzava os braços – posição de fastio e defesa – ou se segurava a alça da bolsa que descia pelo peito – posição de viajante que não veio para ficar. Perscrutava os livros com um ar de opulência patética, com prazer em fazer parte do mundo.

Aquilo me deixou arrasado. Perdi o dia. Era eu aquele menino, carregando aquela aspiração estúpida. “Afinal, não há quem não seja especial, se visto de perto”, pensei comigo. “Não há vida que não mereça um livro, e não há um livro que não tenha algo de que se possa servir.”

Segui o casal e o abordei. Vencendo a introspecção, dirigi-me ao adolescente:

“Perdão, boa tarde, não queria incomodar vocês.”

Ambos se viraram, expectantes. O que viram? Um leitor, um homem mais velho em uma livraria. Disse ao garoto:

“Você não é um escritor?”

Ele permaneceu com os olhos grandes, à espera. Mas já se podia ver que ficara extasiado. Antes mesmo que respondesse, continuei:

“É você, não é? Não é você? Não posso acreditar.”

O rapaz não sabia bem como reagir. Desejava me escrutinar, mas ao mesmo tempo hesitava em me dirigir um olhar honesto. Aproveitei a situação vantajosa. Era fácil demais. Tão fácil que não tive nenhum pudor em exclamar, e prosseguir na encenação:

“Puxa, adorei seu livro!”

O rosto iluminado disfarçou o júbilo, a pose de escritor se refez, demão sobre demão, e ele se obrigou a parecer habituado com a situação. Prossegui:

“Olha, fazia muito tempo que não topava com uma narrativa tão penetrante, tão envolvente. Um lirismo sem volteios, um lirismo direto, da vida comum. Economia de linguagem. Você é único, puxa, estou até nervoso. Que pena não estar com meu exemplar aqui, adoraria que você o autografasse.”

Por um momento, o jovem fez menção de abrir a bolsa. É claro que carregava vários exemplares consigo, e considerou me retribuir com um deles, tão extasiado que ficara pelo reconhecimento. Depois, disfarçou o gesto. Quem sabe isso não revelaria um certo amadorismo. Afinal ele era um escritor. Eu, um leitor. Eu o fiz acreditar que sabia seu nome, ao passo que eu não era senão um anônimo que acompanharia suas produções futuras com fidelidade. Era com a mesma cordialidade e insubmissão de um candidato à presidência para com o seu eleitor que ele lidava comigo.

O adolescente agradeceu, aparentou descontração. “Ah, não vai faltar oportunidade”, disse-me, e antes de me despedir, falei que conhecia dezenas de amigos que me invejariam por ter esbarrado na mais nova revelação da literatura.

Depois desse encontro, aproximei-me de mais três pessoas e, fingindo que as reconhecia por um livro publicado, reagiram todas de modo semelhante. Não havia como errar. Afora as crianças, todo mundo na livraria era escritor. Todo mundo tinha um blogue, confessava um original na gaveta, uma edição natalina das próprias memórias, um esboço de reflexões edificantes ou era um editor que invejava a visibilidade daqueles que publicava. A ideia dos leitores comprando, satisfeitos com seus prazeres desinteressados, era uma ficção. E não a única.

O analista

O escritor, na segunda entrevista, perfez um arco de aproximação, e as fórmulas de que dispunha se alargaram para acolher

um estofa mais flexível. Reparei, por seu modo de falar, em um prazer sutil que brotava como uma nota de rodapé que sobressai ao texto principal, em feliz contradição com este. Se o primeiro encontro permitiu a lapidação tamborilada, o segundo carregou as tintas da inspiração. Formou com a primeira entrevista uma entidade complementar – a primeira contendo a melancolia do recuo; a segunda, a euforia do avanço. “Não há mais nada a dizer.” Ora, só um tolo acreditaria numa patuscada dessas. Apenas um analista incapaz se deixaria atingir pelo abatimento desbotado do paciente, por mais contagiosa que seja a lucidez da melancolia. Em uma primeira entrevista, um paciente poderá dizer: “Odeio meu chefe. Meu problema está no meu chefe. Não o suporte. Ele tira minha alegria de viver.” E então, o apressado poderá desejar resolver o probleminha do seu cliente em perguntas fáceis como: “Por que então você não muda de emprego?”, e vai querer ajudar, criando maneiras de administrar o cotidiano do infeliz, confinado em uma arapuca. Agora, outra opção é se converter em uma presença côncava. Só assim, na oitava sessão, o cliente dirá uma frase curiosa: “Só penso no meu chefe.” Na vigésima quinta, continua: “Meu chefe me faz lembrar do meu pai, que me oprimia com o seu silêncio.” Dez meses depois: “Sou apaixonado pelo meu chefe.” E se formos suficientemente escabreados para crer que a história não acabou por aí, teremos a oportunidade de ouvir, um ano e meio mais tarde: “O que faço com esta ambiguidade de afetos, com este prazer que sinto ante meu algoz?” E então, estaremos prontos para começar.

Quem estaria disposto a dar passos tão radicais, iniciando uma análise? Quem teria coragem de dispensar saídas mais rápidas para o sofrimento, e encontrar todas as semanas um sujeito

interrogativo, e que o fizesse descobrir segredos que depende-ram tanta pá e terra revirada para serem escondidos? É mais fácil dizer que está com estresse do que aceitar que o emprego onde se está é uma porcária. É mais fácil pensar que apanhou uma ‘depressão’ do que se deparar com uma história de vida que começou e se perpetua cinzenta. É justamente por não se contentarem com o atalho sem saída que analistas são uma classe em extinção. Hoje, aquele que padece assumiu uma deliciosa postura de mártir. Quantas vezes ouvi no David Letterman alguém que fez sucesso há dez ou vinte anos e que desapareceu de sob os holofotes, dizer: “Descobri que eu tenho uma doença chamada depressão.” E desfia a infância miserável que teve, o pai alcoólatra, a mãe que trabalhava feito menor de idade em romance de Dickens, e considerar em seguida: “Mas naquela época, ninguém sabia que se tratava de depressão. Eu desconhecia a minha condição”, sem contudo fazer o elo entre a infelicidade de agora e a criação miserável que daria ao sujeito, por mais famoso que se tornasse depois, consciência da tragédia e a certeza de que, por maior que seja o alívio provocado por um diagnóstico, um remédio psicotrópico não passa de uma pequena lobotomia temporária. A dor continua desligada de seus motivos.

E eu pensando nisso, em como a análise está fora de seu tempo e o analista navega na contracorrente, ao acompanhar o avanço do paciente e o desnudar de sua outra face nesta segunda sessão, súbito constato que o escritor, sem parar de falar, fixa o olhar na parede atrás de mim. Minha intuição logo pressentiu que ele acompanhava o movimento de uma aranha. Não pude conter a rigidez, ainda que sutil. A certa altura, perdi um ou outro comentário do escritor, enquanto este contava a história

da livraria. Meu escritório estava cheio de aranhas. Mantinha o hábito de chegar um pouco antes do atendimento, para caçar as criaturinhas que alfinetavam o ar, abrindo e fechando as quelíceras, as patas compridas e um corpo do tamanho da cabeça de um prego. Construía suas teias entre os móveis, nas quinas das paredes e das portas. Com a vassoura espigada, eu desfazia os fios e espremia contra o chão os aracnídeos que fugiam. Algumas resistiam ao impacto. Outras se partiam, e em seguida ao apertão da piaçava contra o assoalho, tudo o que restava era uma pata em espasmos, e eu de cócoras, filosófico, a contemplar aquela articulação que já não era uma aranha, aquele ser que já não era uma vida.

Entretanto, a cada dia, mais e mais aranhas assomavam ao consultório, e às vezes, algumas das criaturinhas escapavam e interagem na sessão. Quando o escritor fixou os olhos em um ponto atrás de mim, a primeira reação que tive, logo contida, foi a de me virar. Como se a aranha da parede pusesse a nu a minha própria insuficiência. Quando contei para minha analista (analistas precisam de seus analistas, é gente que cobra mais do que você pelas sessões, e consome boa parte de sua receita mensal; analistas precisam também de supervisões, que custam os olhos, e duram o mesmo que uma sessão de análise; não é incomum que o analista aprendiz procure um outro muito experiente para a supervisão com a esperança de que este encaminhe pacientes). Estava enfim a dizer de minha analista, quando lhe contei das aranhas e do medo que sinto. Ela calou, mas não conteve uma sutil contração nos cantos dos lábios. No ato, refleti sobre sua interpretação, e achei-a infundada. “Ela deve pensar que se trata de um medo das mulheres.” Não é nada disso. Recorreu a dicio-

nários de símbolos. A aranha não poderia representar o medo da morte, ou qualquer outra coisa? Não haveria uma lembrança de infância, ou apenas um instinto de sobrevivência se manifestando?

A verdade é que a aranha não interrompera a fala do paciente, mas a minha escuta. Ao fim de um grande esforço voltei a me absorver. Atravessei as cortinas da distração para contracenar com o nosso protagonista. E logo, pensava se o escritor viera para fortalecer ou para se livrar de sua esperança. A cura se daria ao fazê-lo acreditar? Ou coincidira com o ocaso de todas as utopias, o reconhecimento ainda mais radical da situação absurda que o trouxera à luz?

O escritor

Estou triste: será que foi algo que comi? Minha boca está ácida com o refluxo de sonhos ruins. Tenho muito medo de adoecer antes de vir a ser. Como prevenção ao podre, atiro fora alimentos antes do prazo de validade. Lavo as mãos antes de me deitar, pois sei que elas poderão encostar em minha boca no meio do sono, e não quero ingerir mais germes e bactérias.

Há algo de importante que desejo revelar: não consigo escrever. Sou o escritor de apenas dois livros que já não me agradam, e impossibilitado de escrever um terceiro. Não sei fazer nada além de escrever, e como não posso escrever, não faço nada. Creio que isto tenha algo a ver com meu tédio. Houve um tempo em que era fascinado pelo mundo – ou pela ideia que fazia dele. Comprara uma máquina fotográfica antiga, pesada e volumosa, e tinha o

hábito de registrar miudezas. Prendia as revelações na cortiça e perdia noites divagando nas imagens de pequenas mulheres, de semáforos em tardes chuvosas, da fumaça de um cigarro subindo por um corredor de luz. Abandonei tarde demais a morada parental, contemplando tudo do alto, aproximando-me das coisas apenas com a vista do devaneio. Construí o mundo antes de habitá-lo, e quando parti para me apresentar a ele, a incompatibilidade destruiu o que eu havia construído. Era como a criança que fez com pá e balde de plástico um castelo de areia no Polo Industrial de Cubatão, ao lado das fábricas de Cubatão, sob a fumaça e o fogo de Cubatão. Será que construía o castelo para desviar minha atenção da fábrica? Construí um castelo para tentar entender a fábrica? Para enxergar histórias na fábrica? E será que enxergava a fábrica pensando que se tratava de um castelo? Não seria o castelo uma reação à sombra da fábrica? E o que seria este gesto de escrever sobre a fábrica sem nunca adentrá-la, sob o seu vulto salomônico, sofrendo a multiplicação de seus produtos?

Escrevo sobre fábricas. Meus dois primeiros livros, ao menos, eram sobre fábricas. Neste interlúdio de espera e de cansada euforia que se sucedeu à minha primeira publicação, disse a mim mesmo, batendo os pés, que desta vez eu queria uma história de castelos. E outra vez ainda, o que saiu foi uma fábula industrial. Não gosto de romances sobre fábricas. Sempre me inspirei nos castelos, nos vampiros dos estúdios, nos heróis gregos, nos desencontros da comédia, nas passagens secretas em ruínas circulares. Faz um bom tempo que me esforço para criar uma trama. Para descrever alçapões, lendas, e reviravoltas da fortuna. E não consigo. Se continuar com minhas narrativas-fábrica, os homens vão me enxergar como uma vítima da fábrica. Vão me identifi-

car de modo automático com a figura do contestador. Precisaréi corresponder mais e mais a essa imagem desoladora, não vou conseguir me enxergar de outra maneira, e vou mergulhar na minha miséria que, gulosa, tomará espaço exclusivo onde antes havia um apanhado de outros traços. Escritores são os artistas que mais se suicidam – mais do que atores, pintores ou músicos – e não desejo repetir a história com uma lamúria masoquista e aniquilante. Não consigo falar daquilo que amo, ainda que ame a areia e não o aço, frágil e indefesa ante a brisa e o tempo. Tenho de falar apenas do que odeio, do meu desdesejo. Só consigo falar e pensar no meu tédio, no estranho hábito de ir à livraria e ficar olhando as capas cada vez mais bonitas dos livros, tomando um expresso, fazendo esforço para me sentir um escritor numa livraria tomando um expresso.

É isto, doutor? É este ramerrão o luto necessário? Se deixar de esperar tanto do mundo, ele voltará a me surpreender? Faltou-me o desvario de Quixote, a arte de prosseguir na ilusão. Quer que eu fale sobre minha drogadição à surpresa, de meu vício por efemérides e clímaxes? Devo aceitar que não estamos em um tempo de revolução, mas de melancolia?

As pessoas são assim tão solitárias quanto eu? Elas se contentam com a solidão das fábricas? Das fábricas de amizades embutidas, de casamentos congelados, de convicções em postas? Devo aceitar a indigestão, engolir o fado, e conviver com o refluxo do pesadelo?

Você não irá me responder às perguntas que faço. Você é es-perto o suficiente para saber que nenhuma resposta me tranquilizaria. Quando abrir a boca, saberei que você tem uma voz, e que está preso a ela. Não saberá dizer senão os motes psicanalíticos:

“Vamos construir juntos um sentido que dê conta de seu sofrimento”, ou “Sempre foi assim? Desde quando você pensa nestas coisas?”, “Curioso isso que me falou.” E as denominações de praxe: investimento, relação, vínculo, resistência, inconsciente, continência, desejo, associação, ato falho, e o modo gentil usado pelos analistas de fazer com que toquemos na própria chaga. Os analistas que conheci vestem bem a roupa de analistas. Se eles tomam café numa livraria, são analistas tomando café numa livraria. Isso é incrível. Os escritores não são diferentes. Agora vejo: são escritores tomando café, são escritores andando na rua, apanhando um livro na estante, são escritores pensando. Quando vejo um escritor pensando – e agora, só o que preciso fazer é olhar para as pessoas na livraria, são todas escritoras – ele é diferente de todo o resto. É quase possível apalpar suas reflexões edificantes. Ele caminha como se uma câmera fosse flagrá-lo a qualquer momento, tal como aquelas fotografias de Sartre ou de Sérgio Buarque de Hollanda. Tomando café, então, ele se reclina, confortável, imerso em um mundo próprio, mas depende de espectadores que invejem sua introspecção. São clichês. É disso que preciso.

Tento reconstruir todos os clichês europeus, brasileiros e norte-americanos para criar meu livro sobre castelos, para vestidos, e não consigo: a mulher caminhando na areia com roupas esvoaçantes, as viaturas à noite ao redor da casa, o comediante arrotando misérias para um analista judeu que mora com a mãe, os tiras numa casa noturna, os gângsteres em volta de uma mesa redonda, meio gordos, fumando e bebendo, o jeito calmo de falar dos mafiosos, o *nerd* alvo de uma peça dos colegas, despido em frente a beldades que cachinam, o doente de amor que desaba debaixo de chuva, o filme que brinca com os clichês.

Não consigo recriar o que já está pronto porque talvez seja o prisioneiro do maior clichê de todos – a consciência de ser especial. O órfão que descobre ter poderes mágicos, o *hacker* que se revela o escolhido, o imigrante cubano que faz a América, o mascarado que passa dezenas de anos arquitetando um ataque terrorista perfeito, o *freak* que desvenda uma teoria da conspiração, o *hobbit* que escapa de sua vida britânica rumo a uma incrível jornada, um vampiro que descampa séculos como um burguês decadente, sempre notável e solitário. Não consigo evitar, e tampouco tirar proveito, pois no fundo duvido desta grande besteira. Seria excelente ser um escritor interessante tomando café, como todo mundo. Eu não passo de um sujeito anônimo tomando café, e por isso que não sou interessante nem para mim mesmo.

O analista

Atrasado. Liu, o dentista que divide o andar comigo, já abriu a porta para o escritor. Pressenti-o a escutar meus passos em escada ascendente, a subir o lance estreito de degraus acarpetados e encardidos. Vislumbrei a sua silhueta de perfil, a coluna ereta mal encostando no descanso esburacado do sofá, esfinge rígida na sala de espera do dentista, no fundo do corredor.

A sala de espera de Liu é sem dúvida um recanto exótico. No interior de sua metragem exígua, um computador arcaico e volumoso compete com dois sofás castanhos com protuberâncias de espuma saindo pelos rasgos do estofado, uma janela com as venezianas sempre fechadas que dá para os fundos de uma casa. Há pôsteres na parede: fotografias esbranquiçadas e quebradi-

ças de sorvetes. Nunca vi cartazes de comida em um consultório de dentista. Mas este chinês solitário, que na falta de opção me toma como seu colega, deve ter angariado os pôsteres de alguma lanchonete em vias de falir, e para decorar sua sala de espera dependurou nas paredes manchadas grandes fotografias de *sundaes* e *banana-splits*, que com o passar dos anos se assemelharam a registros históricos.

O escritor fitava um dos quadros. Ou não me viu chegar, ou aguardou tímido que eu o chamasse. Talvez estivesse chateado com a minha demora. Abri a porta que dava para a minha sala de espera, entrei na sala de atendimento, desliguei o celular, guardei a bolsa e me dirigi até o meio do corredor para chamá-lo. Dirigiu-me o rosto glacial. Vinha ali com um único propósito, e ainda que não soubesse qual era, não se desviava dele. Tinha plena consciência de que não éramos amigos, e estávamos atados por uma relação de ajuda profissional. Então, dei-me conta de que não sabia nada sobre o escritor. Não sabia onde morava, que encontro de acasos o trouxera ao mundo, ou como se tornara um artesão de palavras. Pegara o livro no último capítulo e tentava compreender como a história havia se desenrolado até lá. Curiosa, a situação terapêutica. O máximo de intimidade com o mínimo de familiaridade. E isso era necessário.

Permaneceu mudo ao se sentar. Olhou pela janela. Sem se desviar da paisagem urbana desencontrada, reclamou: “Estou triste. Será que foi algo que comi?” Falava sério. O rosto de vítima acuada, incompreendida, esta história de abismo ontológico, de não conseguir escrever. O escritor está seco. Julga deter a exclusividade da dor. A dor o autoriza, a dor desculpa o seu umbigo intransigente. A dor é a sua voz do autor, e só na dor de-

sestruturante que sua identidade se constitui. O clichê do sujeito especial – clichê inescapável – ele só não o consegue reconhecer quando se trata de sua relação com a própria dor. Neste ponto, o primeiro homem e o último homem do mundo – o mais feliz e o mais infeliz – são especiais. Se a felicidade é condenável num mundo de misérias (o escritor sorri apenas no bar, e somente se vinculado à boemia ou à bossa-nova), é preciso ser o maior dos miseráveis, o bobo da corte vestido. O herói do nosso tempo é o sujeito fora do tempo. Observa-se que o autor quis escapar dos tipos (o rebelde, o erudito, o solitário, o excêntrico, o enciclopédico, o midiático, o intelectual antenado, o inebriado pela fama) e acabou personificando o tipo puro – aquele negativo que não pode ser porque tudo o que é se limita por uma silhueta. Porque ser alguém implica acreditar em uma forma do mundo, e nenhuma forma do mundo é mais verossímil, e a busca pela verdade foi substituída pela sistemática constatação de ilusões. “Sou feliz!”: ilusão. “Vou crescer na vida!”: ilusão. “A satisfação está no dobrar esta esquina!”: ilusão. Aos olhos cegos do universo, o ponto de exclamação não existe. E não é o desespero que o faz dismantelar as construções limitadas, mas a própria esperança. O escritor parece ter abraçado tão forte cada modelo de mundo, com tanta aflição e júbilo, que o abraço esmagou o modelo, do mesmo modo que um naufrago afoga o salva-vidas. Por isso cada mundo durou tão pouco. Os hábitos, implicados em cada “jeito de ver”, uma vez reconhecidos em sua limitação, tornam-se correntes das quais precisaria se desvencilhar.

Hoje contei a quantidade de aranhas que esmaguei: nove. Não sei de onde vêm. Não consigo imaginar o que comem.

O escritor

Há outra coisa que me impede de escrever. Todo escritor, em entrevistas e debates, satisfaz a plateia e a própria convicção quando fala do ofício. Quero dizer, todo escritor tem convicções, e não há quem desgoste disso. Poucos dias atrás, fui à livraria – e assisti no anfiteatro a um debate com escritores. Um deles expressou que passa todos os dias trancado no escritório, oito horas, laborando. Convenceu-nos de que a escrita é suor e sacrifício, e sua persuasão era tamanha que todos, até mesmo eu, acreditamos que assim deveria ser, e aplaudimos de pé, encorajados a trabalhar, encantados com o poder da arquitetura narrativa. Mais tarde, quando eu voltava para casa, recostado no vidro do ônibus, disposto a recomeçar carregado da sabedoria daquelas palavras, lembrei-me da outra apresentação, proferida pouco antes, no mesmo debate, pelo outro escritor convidado. Ele dizia que a alteridade da literatura era avessa ao método rígido. A inspiração norteava o gesto milagroso de criar algo maior que nós mesmos – o autor ficava semanas sem escrever e, súbito, num jantar com amigos, fazendo compras no supermercado, durante o banho, vinha-lhe o ímpeto de deitar um jorro invisível ao papel, e interrompia tudo o que estava fazendo, rendendo-se humilde ao chamado das musas. Naquele momento, todo o auditório se levantou, inebriado pelas imagens “jorro invisível”, “humilde”, “a criatura maior que o criador”, e por um momento, na balbúrdia das palmas explodindo no anfiteatro, uma pequena multidão acreditava exatamente na mesma coisa. E o escritor-trabalho, que compartilhava o palco com o escritor-inspiração, não fez outra coisa senão aplaudir também. E ambos falavam

não apenas de si mesmos. Eram representantes da profissão, e se dirigiam com uma boca cheia de totalidade a uma plateia de autores.

Pois esta é a minha dificuldade: não tenho convicções. Ou tenho, mas minha convicção é sempre tomada do livro que estou lendo, do interlocutor circunstancial, dos aforismos que emprestem durante um tempo insuficiente a certeza de saber. Às vezes acredito que não tenho personalidade. Sou oco. Nos tempos de colégio, minha tinta seguia a matéria do bimestre. O professor abordava o barroco, e em pouco tempo, minhas cartas transbordavam de adjetivos, sombras e arabescos. Quando passamos para o romantismo, minha individualidade se exacerbou. Eu contemplava o mundo do alto de um cume escarpado, e gostava de tomar cerveja fingindo que era absinto. Depois, escrevi com sutileza sobre as veleidades da burguesia, as traições, toda hipocrisia, a posição subalterna da mulher dividida entre a paixão e a convenção. Depois, já entrado no século XX, após uma breve recaída na arte pela arte, abdiquei da linguagem elitista. Queria escrever como o “povo” fala. O fim do colegial foi um período incerto. Imitei à farta Clarice, Graciliano, Drummond, Rubem Fonseca, Guimarães Rosa. Hoje, quando me perguntam como escrevo, respondo com evasivas, a não ser que tenha pouco antes participado de um debate como aquele. Não elaborei ainda uma fala para me livrar desta pergunta, para aplacar as dúvidas, para ser visto como escritor e não como um boa-vida. E eu preciso de certezas. Nenhum erudito venha me dizer que sou obrigado a habitar o não-lugar, o entre, a angústia, pois quem não vive assim não sabe o que é padecer o exílio do hábito, da língua, do sofrimento. Não venham levantar a bandeira da loucura – a

loucura absolve o mundo, mas condena o louco. Se carrega um tesouro, não pode usufruir dele. Não incorpora os elogios que lhe são dirigidos.

Exploro e abomino as biografias. Confiro-lhes uma importância excessiva; os acontecimentos fortuitos que sucedem aos biografados me parecem resultado de movimentos intencionais muito astutos, e julgo que deva fazer igual. Tomo o acaso como prescrição. Se não vejo sentido em algo que faço, esta ação logo se adere ao mínimo múltiplo comum do desdém. Preciso que o outro me dote de significados. Só descanso quando o vejo agindo como eu, não importa quem seja. O inédito me aterroriza. Enquanto leio a biografia de Balzac, por exemplo, pergunto-me se não deveria fazer como ele, que dos vinte aos trinta anos trancou-se em uma água furtada e, financiado pelos pais, escreveu dezenas de histórias, uma pior que a outra, aprimorando seu estilo. Balzac ficou famoso aos trinta e poucos anos. Arrisco, então: ainda tenho chance. Rubem Fonseca só foi começar aos trinta e sete: não deveria eu também aguardar o momento certo, escrever um conto por semana ao longo de dez anos, e publicar os doze melhores dentre centenas? Rulfo só escreveu dois livros. Afinal, se todas as obras de um autor são a mesma, como diria Picasso, não deveria me contentar com pouco? Mas Picasso não se contentou com pouco. Ele não temia a repetição. Será então que o pouco é um mero pedantismo? Sinto em minhas mãos o traquejo de um Simenon, que durante setenta anos publicou cinco livros por ano, chegando a escrever um romance em seis dias. Nelson Rodrigues escreveu *Vestido de Noiva* em cinco dias. Fernando Pessoa compôs “Guardador de Rebanhos” de pé, no ensejo de uma única insônia. Herberto

Helder rejeitou grandes prêmios, e eu que, torpe, salivo ao ver os zeros à direita de homenagens pecuniárias pelo melhor romance do ano! E escrever para quem? Para alguns poucos corajosos jornalistas, estudantes e amigos? E como escritor, não deveria estar entre outros escritores? Não deveria me juntar a eles, abdicar desta solidão e dividir uma cerveja com aqueles que também são desassossegados? Solitários fazem companhia a solitários?

E por falar nisso, na palestra de que falei, conheci um simpático escritor, que assistia ao evento e se sentou do meu lado. Trocamos telefones e ficamos de manter contato. Chechinatto, já ouviu falar? Nunca li um livro dele. Quem sabe não conheça a porta de entrada para o mundo?

O analista

Uma análise é a biografia involuntária elaborada a partir de um único, duvidoso testemunho: a do próprio biografado. A temática desta biografia oficial e não autorizada é inspirada pela avidez em narrar e em dar cabo de um calvário pessoal. O impulso inicial deste movimento, a constatação de uma impotência da força de vontade. Os homens só se sujeitam a uma sessão de análise quando todos os outros recursos já foram exauridos. A busca por ajuda é uma resistência, um armistício e uma declaração de guerra ao inimigo, que passa a ser levado a sério. Há quem se mate, mas não leve a sério a dor que carrega. “Isso é real”, ainda que não material. “Tenho de olhar para isso”, ainda que não se consiga olhar para isso, e ainda que só se olhe para isso. “Este

martírio não se harmoniza com minha identidade. Reconhecê-lo é o único modo de proceder com o exorcismo.” A análise, neste caso, faz um duplo movimento. Por um lado, encoraja essa cisão interna, ajuda-nos a estranhar o banal absurdo, a cruz do hábito, e cria entidades dentro de nós – o isso, o eu, o supereu – para facilitar o distanciamento instrumental. Por outro lado, obriga-nos a reconhecer a paternidade do sintoma, a nos responsabilizar pela sua compreensão. Levando estes elementos em consideração, concluímos que uma análise nunca é um diálogo equilibrado. O analista se dirige ao “outro estranho” do paciente, e este sempre responde para si, ao outro. É nos quartos espelhados que surgem os fantasmas.

Perdido em conjecturas após a sessão, formulo duas hipóteses possíveis. Cada uma delas sugere um modo específico de conduzir o tratamento. Sei que pode parecer cedo para levantar hipóteses, mas sem elas perambulamos às cegas. Freud o fazia logo de início, e ainda assim, atendia o paciente todos os dias, com exceção dos domingos. Ele não estava para brincadeira.

A primeira hipótese pode ser facilmente delimitada sob o conceito de neurose narcísica. Nos últimos anos, esta disposição recebeu destaque nas clínicas contemporâneas. Se os piores males psíquicos no início do século XX eram a histeria e a neurose obsessiva, a grande maioria das crises de nossos dias diz respeito à neurose narcísica.

Não estou seguro de que as “doenças mentais”, ou as patologias reveladas pela psicanálise, sejam mais ricas que os signos do zodíaco. Estão em menor número que elas. Aquilo que Freud e seus discípulos passaram a batizar de histeria, neurose obsessiva, psicose e perversão são apenas o que logramos divisar com

maior facilidade. São o dó-ré-mi da clínica, quando o que costumamos observar é um acorde instável e dinâmico. Vejamos:

Uma histérica clássica é acometida de paralisias em certas partes do corpo. Uma perna ou um braço cumprem a função de um órgão genital; são famosas pelas triangulações sedutoras – reproduzindo o trio pai-mãe-filha, têm sempre uma rival para apimentar uma anedota erótica. A histérica ama mais a anedota que o parceiro, que passa a valer como o mal necessário. É evidente que nosso paciente não se enquadra nesse perfil esquematizado.

O obsessivo é um sujeito neobarroco, preenchido por rituais bem elaborados que o defendem da falta, e da falta de controle. O ideal do obsessivo é o mundo simplificado e doméstico, onde tudo está à vista. Costuma ter pouca maleabilidade, e se apavora com o ódio que sente pelas figuras que ama. Bem. Nosso paciente pode ter o mundo simplificado, mas é um rapaz que se entrega, e não identifico nele uma contrafobia (a reação de se atirar sobre aquilo que teme). Ao contrário do obsessivo, ele esvazia todos os rituais de seus sentidos. Ele não reprime o próprio ódio. Não, o escritor não é um obsessivo.

O perverso é o sujeito em cuja psique a Lei – a interdição moral, paterna e social – não inscreveu a sua marca. É por isso que ele transita muito bem em nossa sociedade, e ocupa cargos de autoridade. Porque engana, mente e ilude sem culpa ou empatia. Não consigo sequer conceber esse *modus operandi* em alguém tão escrupuloso quanto o escritor.

O psicótico é aquele que, em decorrência de uma relação fusional com a mãe, não sentiu a necessidade de desenvolver plenamente o seu aparato simbólico. Tem um trato curioso e literal com a linguagem. Toma as palavras por coisas. Uma palavra é,

sim, uma coisa, mas ela também substitui uma coisa, ela remete a esta coisa. Isto não está claro para o psicótico. O paciente distingue clichês, sutilezas, e nem sabemos onde está a sua mãe. Deixemos de lado essa opção.

A esta altura, os meus colegas analistas já devem estar se revirando em suas poltronas. Simplifiquei demais as patologias que lhe são tão preciosas. Não sei se irão se tranquilizar com esta *mea culpa*. Afinal, tudo o que faço é transcrever as minhas próprias associações analíticas. E, por exclusão, elas me tomaram pela mão até uma conhecida variante da psicose típica: o narcisismo.

Quando algo muito ruim nos acontece, regredimos. O corajoso se torna covarde. O organizado se desorganiza. O amor próprio se espatifa como um vaso. De adultos, tornamo-nos criancinhas. E o de ruim que aconteceu fica ainda pior porque, na condição de bebês, perdemos a noção do tempo, do espaço, e do eu. É por isso que a dor parece absoluta. É por isso que ouvir de alguém que “isto vai passar” nos acalma. Porque esquecemos o que é o tempo, porque sem limites precisos do eu a miséria ultrapassa os nossos contornos e desbota os entornos. Nada mais importa. Estou dizendo isso para convencê-los de que o nosso eu – nossa identidade, nossos limites – não nos foram dados de antemão. Não surgiram no parto. Assim como aprendemos a andar e a falar, também constituímos uma identidade nos primeiros anos. Identidade que perdura no tempo, que se desloca no espaço, em lembranças e afetos, gestos e interesses. Está aí. Talvez o paciente não tenha constituído o seu *eu* como deveria. Algo atrapalhou esse desenvolvimento.

O narcisista sempre fala de si mesmo, tem dificuldade de ouvir o outro e de percebê-lo porque está sempre precisando

cumprir com as palavras uma função inconsistente. Quem sou eu? E mais: quanto valho? Tenho valor? Não tenho? Qualquer comentário mais contundente o desmorona, porque já está desmoronado. Sua incapacidade em prosseguir deriva de uma incapacidade de tomar decisões, de estipular prioridades, e cada decisão o insere de modo muito violento e estereotipado em determinada “categoria” de indivíduo. A contradição o martiriza. O seu próprio corpo é vago, indefinido, e a sua esfinge é o homem resoluto, que não teme a ação. Nenhum narcisista é Narciso. Ao contrário deste, ele se contempla no espelho para descobrir quem é. Por querer ser outro e julgar que pode sê-lo. Alheado de seus desejos, ele é o *flanêur* das mil personas. Ventríloquo em busca de legitimidade, de tanto emular um “si mesmo”, ele já não tem certeza de nada.

Está claro. Sim, talvez demasiado claro. Agora não sei se consigo enxergá-lo de outra maneira. Não sei se poderei enxergar outra coisa. É o eu do escritor – seu firmamento movediço – que está na berlinda. Não sabe quanto vale, não tem critérios, e sua escrita é a medida de si, equivale a si próprio, a ser analisado e julgado. Há uma reinstauração constante de sua identidade. Ele não repara na repetição. Aos ouvidos ingênuos, nosso paciente pode soar vário e multifacetado. Ele mesmo não reconhece neste caos de gostos e desgostos o que lhe é próprio, o que persiste e que, persistindo, se transforma.

E por que o seu mal é o mal do século XXI? Difícil dizer. A resposta fácil remete à crise das instituições. Igreja, Estado. Família. Vou citar Júlia Kristeva, conhecida de muitos, boa escritora e psicanalista francesa:

Não se dispõe nem do tempo nem do espaço necessários para constituir uma alma. A simples suspeita de tal preocupação parece ridícula, deslocada. Umbilicado sobre seu quanto-a-mim, o homem moderno é um narcisista, talvez cruel, mas sem remorso. O sofrimento o prende ao corpo – ele somatiza. Quando se queixa, é para melhor comprazer-se na queixa, que ele deseja sem saída. Se não está deprimido, empolga-se com objetos menores e desvalorizados, num prazer perverso que não conhece satisfação. Habitante de um espaço e de um tempo retalhados e acelerados, tem, com frequência, dificuldade de reconhecer em si mesmo uma fisionomia. Sem identidade sexual, subjetiva ou moral, este anfíbio é um ser de fronteira, um ‘borderline’, um ‘falso self’. Um corpo que age, na maioria das vezes, mesmo sem a alegria da embriaguez performática. O homem moderno está perdendo sua alma. Mas não sabe disso, pois é precisamente o aparelho psíquico que registra as representações e seus valores significantes para o sujeito. Ora, a câmara escura está avariada.

Vivemos na era das mônadas: ansiamos o inédito, a criação autóctone, mas precisamos de espelhos, a todo custo. Não engolimos a palavra que nos singularize, mas a que nos aproxime daqueles “iguais a nós”, nos menores detalhes – na predileção por uma música, por um corte de cabelo, nestes broches de autodefinição, impermeáveis à menor discordância. A discordância abre feridas em nosso eu debilitado, enfraquece nossas convicções titubeantes. Amamos os semelhantes, e não os diferentes. O familiar, e não o devir. Ficamos apenas na superfície

das crenças, com medo de desvelar a sua porosidade. Aderimos de vez ao *nonsense*.

Já o dilema proposto na segunda hipótese pode ser apresentado com uma pequena parábola. Não sei se foi James Joyce ou Thomas Mann que teve uma filha esquizofrênica. Um dos dois se analisou com Jung, e relatou-lhe que sua filha escrevia como ele. Ah, claro, James Joyce. Uma filha esquizofrênica poderia escrever como James Joyce, jamais como Thomas Mann. Mas continuando a parábola: Joyce relatou a seu analista que sua filha escrevia como ele e, como ele, expressava uma profunda sensibilidade. Como seria possível? A resposta de Jung a esta pergunta foi: “Sim, mas onde você nada, ela se afoga.”

E o escritor: ele nada ou se afoga? Para nos auxiliar com esta pergunta, recorro às palavras de Cortázar em *Prosa do observatório*:

Essa hora que pode chegar alguma vez fora de toda hora, buraco na parede do tempo, / Essa maneira de estar entre, não por cima ou atrás, mas entre,

Recordam-se da menção do nosso paciente a estar condenado ao “entre”, à condição da fronteira? Desconheço se estava, ao falar de sua dor, recorrendo a estas palavras de Cortázar. Pouco provável. Mas se para Cortázar o “entre” é um projeto, uma ação sobre o mundo, para o outro se trata de um fardo, uma disfunção e uma riqueza, a limitação mesma que faz dele o que é. Uma loucura que o protege da insana normopatia social.

Esta foi, em verdade, a hipótese que me consumiu naquele fim de tarde. Consistia em se deixar seduzir pela visão do

escritor, e ao modo de um orientalista, louvar um eu fragmentado, desprovido de certezas, clichês e moradas. Quem seria eu para defender o conforto do homem assentado? Para pregar a conservação ou o retorno de instituições caducas, de rituais desusados, de uma solidez tão essencial quanto defensiva? Que o nomadismo era fonte de amargura, já estava claro. Mas este impulso gitano não era menos legítimo, não importa o que o paciente achasse disso. Se eu decidisse seguir este caminho, haveria consequências. Precisaria acompanhá-lo em suas viagens, mesmo que o itinerário fosse circular e repetitivo. Longe do meu próprio território, estaria abrindo mão da segurança de meu instrumental analítico. E mais, estaria ignorando este instrumental, que afirmava a descomposição do eu e da identidade como uma fragilidade funcional, e não como riqueza criadora. Deveria abdicar da superação da dor, e confiar na chance de que, algum dia em algum horizonte, algo parecido com um lar (um mundo de clichês próprios) despontaria.

O escritor

É um rio de lava e espinho que corre por uma artéria debaixo de meu coração, e o empurra para fora. Uma flor de raízes azuis que, vencendo o concreto, aproveitando-se de suas brechas e imperfeições, ganha o vento e a madrugada. Um farfalhar de mãos que se tocam por acaso no cruzamento, mãos que se desconhecem, mas que trocam destinos nas linhas de suas palmas. É a poeira sobre o óleo sobre a tela, a pátina sobre o ferro do

escorregador, o verniz sobre a madeira de lei da escrivaninha, a língua sobre os pelos de um felino.

Tem vezes que tudo o que se precisa para libertar-se é ouvir de alguém que nossos problemas não são tão grandes assim, que estamos tomando um gato por uma onça. Outras vezes, precisamos ouvir o contrário: que não estamos delirando, ou que nosso delírio é verdadeiro.

Você reconhece minhas lástimas. Mas venho aqui para que me dite que toda opinião não passa de fraqueza. Devasso as gavetas onde estão reservados os segredos, e você me atira almofadas, fotos, vinis, selos, tudo na mesma leitura da “disfunção”. O taxímetro acionado, e você me conduz aonde não quero ir, para receber influência de uma posição com que não concordo. Para você substituir um poema por um esquema.

Entendo: falta-me a conquista de um lugar. E um lugar só se conquista afirmando os próprios querereres perante os outros, não sob censura, não com pedras nas mãos, prestes a ser dilapidado, não no lusco-fusco, cheio de ira e de justificativas. Meus desejos não fluem com naturalidade porque minha castração simbólica foi excessiva – a castração que é o reconhecimento de limites: não posso voar, somos mortais, as soluções mágicas não funcionam, as conquistas são difíceis e gradativas. O confronto entre onipotência infantil e esforço maduro foi substituído por uma impotência unívoca. Ora, minha furiosa frustração e timidez se devem a esta impotência, à sombra de uma fantasia infantil de onipotência.

Pois bem, é isto que você me diz, não é? Viu como pego rápido estas planilhas lógicas? Quer que eu prossiga? O meu futuro é espelho do passado. O Booker Prizer que pretendo ganhar

equivale ao abraço da professora do ginásio. Entre estes reflexos reside o presente hostil, do qual me esquivo, entretido em defesas obsessivas (rituais, cacoetes, agendas) que me impedem de desfrutá-lo. Enxergar o presente é reconhecer que tenho um corpo, que ele precisa de cuidados, que minhas roupas já podem seguir para um bazar beneficente, que exijo demais dos amigos e minha perícia é limitada. E ainda, que a areia de minha ampuhlheta é finita. Você tem razão quando diz que há um paradoxo em minha temporalidade. Acerta em cheio quando afirma que não faço absolutamente nada porque não tenho tempo.

O Chechinatto é um caso triste. Aquele senhor da livraria. Um escritor. Já falei dele, não?

O analista

Aranhas assombram porque não se movem. São predadores pacatos, que dependem da própria paralisia e do voo estabulado de outros insetos. Sua teia não passa de um ar pegajoso, uma cela de muco. A distração é o voo em falso que conduz a esta teia, onde o aracnídeo espreita. Há aqueles que saltam atrás da comida. Aqueles que são grandes demais e precisam permanecer escondidos. E há aqueles seres invisíveis que guardam o deslize alheio.

(Com certo embaraço é possível afirmar que analistas são aranhas, enquanto escritores são moscas convulsas, vazias enquanto não houver um voo caótico que as preencha.)

O espaço transicional é desconhecido do escritor. Resultado: ele não brinca. O leite derramado é o seu sangue no azulejo da

cozinha. Não há um espaço para o erro e a experimentação. Esta onipotência a que ele se refere nunca foi vivida de fato – o seio jamais se apresentou quando ele o sugava – e por isso, ele continua sugando em falso, frustrado com o mundo que não realiza suas expectativas alucinadas.

Permanece este vazio: o escritor nunca menciona pai ou mãe. Eles estão omitidos como figurantes, o que é assaz curioso para um sujeito que conheça tão bem a “lógica psicanalítica”. Na relação transferencial, o escritor me irrita com sua onipotência da dor. Sua dor é uma lucidez sem atestado, é quando ele se julga mais próximo da superfície crua e sem mediações no contato com a realidade. Sinto o ódio que a mãe e o pai lhe dirigem, ainda que não os conheça. É como ouvir uma música. Tolstói acreditava que a música, traduzindo a emoção de um momento específico de seu criador, transportava-o para esse momento. Os ouvintes são tomados por um êxtase estrangeiro quando invadidos por impressões que não lhes pertencem. É uma boa maneira de compreender a transferência: capto personalidades que não são minhas para responder ao modo de agir do escritor.

Desta maneira, que seriam estas aranhas que encarno?

O escritor

“Para escrever um diário íntimo é preciso merecê-lo”, disse Cortázar uma vez. Gosto de Cortázar, ele aguça minha percepção. Preciso escolher com cuidado os livros que leio. Livros triviais e demasiado laxativos diluem a riqueza do que se vê. “A função incalculável de alguns livros em uma vida ainda pe-

nosa, atenta, expectante.” Foi Cortázar quem disse isto, também. Não sei quantos anos tinha quando o escreveu. E na base desta dúvida, outra: ainda há tempo de ser bom como ele? Talvez o meu método esteja equivocado. Precisaria escolher o método, a postura e as influências conforme meu estilo. É necessário aprimorar a voz, e isto se faz com a insistência e a disciplina, e não apenas escrevendo para cumprir o dever do destino. Às vezes penso que preencher um diário ou uma análise só perturba meu ofício. É como usar trufas para fazer um sanduíche.

Preocupo-me em ser inteligente, e evito parecer inteligente. Sendo inteligente, convém parecer o mais estúpido possível. É fácil parecer inteligente. É só escrever com calma, pescar tudo de espirituoso que se encontra no caminho. O difícil é escrever com paciência e ao mesmo tempo não amansar o tigre que carrego comigo. Quero que o livro abrigue algo que seja bom e que seja meu. E se tiver de incluir algo de ruim, ao menos que seja meu. É às vezes espinhoso separar o ruim fundamental do apenas ruim.

E não se trata do único obstáculo espinhoso. Apesar das minhas convicções (ou da convicção de que não as tenho), imagino carregar alguma disfunção psíquica que me impede de registrar os progressos, que só se insinuam sob a forma do tédio. O ruim disto é que nunca sinto que atingi um cume, por mais baixo que seja. O bom é que sou sempre uma criança a descobrir com uma intensidade incurável. Ciências, artes, o mundo é puro vir-a-ser. E ainda, é um cosmo indecifrável, labirinto de repartições *kafkaianas*. É preciso estar alerta, e a maioria das pessoas não está aí para te ajudar. Tenho de me virar sozinho. Aprender os cuidados básicos. A dificuldade, creio, reside em achar que o elementar

e trivial é perda de tempo. A busca pela saúde: caminhar no parque, contar calorias, vislumbrar o próprio percurso como uma escada ascendente, com seus entraves e superações – é algo que me afasta da carne das coisas. O que me impediria de morrer jovem, portanto, é aquilo que me impede de viver. O que me impede de escrever me daria mais tempo de vida para escrever.

Poderia escrever um bom romance, a única coisa que me tolhe é considerar-me medíocre. Ah, se eu não temesse abdicar da minha confortável estupidez, desta sensação de eterna imaturidade! Bastava não pensar em dinheiro, em reconhecimento, em comparecer a festas fúnebres, à caça de admiração, de retribuições imediatas e gratuitas. Assisto a filmes comerciais para descansar de minha vocação, para minimizar o juízo, para me confundir e constatar o modo rasteiro com que os milagres mais complexos são tratados com superficialidade e rompantes catárticos. Sei que a vida é breve, mas não obtenho prazer sem esta amnésia. Quando exausto depois de tanta luta, sinto-me só. A solidão exige providências, e o ciclo se reinicia.

Depois que meu primeiro livro saiu, achei que as pessoas passariam a me admirar. Foi nesse momento que comecei a perder amigos. Talvez quisesse expurgar um papel que, exceto na literatura, cansei de assumir: o de irmão menor. Ora, será que somos admirados apenas pelos desconhecidos? Somente eles poderão ouvir o que dizemos? Quando comentava algo do fundo da mesa, quando bradava uma posição de extrema importância, os mais altos me barravam com seus ombros largos, e eu era neutralizado na conversa. Justo eu, que sempre achei que me encontrava entre grandes homens! Eu, que dei demasiada atenção a cada um de seus conselhos, de suas críticas, que sempre

almejei obras conjuntas, confrarias, coautorias, qualquer coisa que me animasse dentro daquela dimensão do encontro onde a euforia substitui os escrúpulos, e persiste o elã de se desdobrar na força conjunta e na comunhão entre compadres de boa vontade. Agora que perdi a mão, já não há ninguém. Invejam-me a sorte, mas que sorte é esta? Afirmo que não posso escrever, e tudo o que me dizem é que sou ótimo, imagine, quero é tapinhas nas costas, elogios, tomam-me por mimado, carente de confete. Eu, imagine, eu. E eles? Todos estão mais pobres, mais comportados, mais ajustados, e não consigo ver por quê. Sim, estamos num mundo de dados, fatos e relatos, e talvez por isso eu me sinta cansado o dia inteiro. Fujo do papel e da caneta, que são as coisas que mais amo. Será que foi algo que comi? Será que é algo que puseram na água que tomamos? Será uma lombriga que se alimenta das minhas ideias? Perdi o humor juvenil de que se alimentam as grandes obras. Perdi a habilidade de construir algo sem saber como terminar. Perdi o porte, o corte, o impacto que movia minha pena e deixava para depois os remendos e as concordâncias, a beleza da frase isolada, o critério atual e padrões ordenados. Eu, justo eu, que sempre fui apenas isso, que jamais poderei ser outra coisa. Desejo fugir e partir para o deserto, reencontrar o castelo, fugir das fábricas que apitam em minha caverna, que me transportam para a linha de produção, que me recordam das horas, do ócio criativo, da refeição balanceada, do exercício correto, estes escritores que escrevem direito, e que ganham milhares de prêmios porque escrevem direito, e eu que carrego todos os gritos de guerra em meu peito e não sei como gritar, que estou sem voz, arrastado por uma ressaca de convenções das quais não pude abdicar.

Grande merda publicar um livro. Fui invejado pelos amigos, e não conquistei porra nenhuma. Dois livrinhos aí circulando. “Sim, sou escritor, há um pequeno depósito em uma pequena empresa com seiscentos exemplares e meu nome na capa.” Ótimo. Que se danem todos.

O que me resta fazer? Escrever, um imperativo. Para quem, não sei. Para quê, não sei. Escrever – e não escrever – com profunda inconsciência do que se faz. Não saber como se faz. Diluir a própria essência naquele ruído surdo entre o esperar e o ver acontecer. Quer saber? Não me interessa aprender, não me interessa possuir tais ou quais livros, ter recebido um prêmio, ser membro daqui ou dali, pois nada disso basta. Basta este martírio da verdade, de uma sinceridade que só o defunto pode ofertar. Escrevo pouco, esquecido do que fiz, e produzo muito, pois nada basta, nem artificios, nem enredo, nem habilidade, para fazer o escritor. Ser escritor é a maneira que encontrei de não ser nada e de assistir a tudo, sem as mãos para agarrá-lo. Há pouco falei em essência, mas não é disso que se trata. Não é do essencial, ou do padecimento, ou do passado, ou da miséria humana, ou da dimensão trágica da existência, ou do estranho, ou do resgate da narrativa, ou daquilo que ainda será compreendido. Tudo isso é ainda muito pouco. Sento para escrever, e paro porque meu gato se aninha em meu colo, suplicante e entregue. E ainda que tenha a mente cheia de lucubrações e o fôlego de alegrar o papel com a caneta, não me movo, pois o gato está ali, extasiado, a cabeça enfiada debaixo de meu braço, ronronando e pedindo que afague o seu pêlo branco. É isto a literatura: o sonho deste gato que me impede de escrever.

O analista

Eis a incrível arte da autoanulação radical: desapareça. Que todas as marcas da biografia sejam denegadas por uma crítica feroz e bem articulada. Tenha vergonha de seu corpo, de sua voz, de seu jeito de andar, de seu cartão de visitas. Acredite que sua opinião não vale o esforço. O silêncio seria a única maneira de convencer. Com isso, desperte a suspeita e a paranoia das pessoas. Seja tão austero com elas quanto consigo. Se por acaso tiver de se manifestar, fale irritado, engasgando nas meias palavras, com a energia de quem não suporta mais e o pudor de quem teme a reação do público. Semeie mal-entendidos. Por meio de sentenças agudas, breves e unilaterais, incite a antipatia dos ouvintes. Seja bajulador (para evitar o contra-ataque) e ao mesmo tempo, cultive um ódio generalizado, mais poderoso que a barragem que o represa. Sem entender por quê, frequente os lares dos que mais odeia. Conteste e subestime o que faz e o que fez. Esqueça de tudo o que faz e o que fez. Se acossado por alguma alegria passageira, repreenda-se. E inveje. Sempre compare os atributos que os outros têm de melhor com os próprios, tão singelos. Não banque o engraçadinho, não ouse o que os outros ainda não fizeram. Não se arrisque. Seja um intruso em todos os lugares, da livraria à própria casa. Nenhum lugar será seu, e em lugar nenhum poderá se demorar. Esgotado, como um fugitivo em região de guerra, passará a noite em lugares inóspitos e será obrigado a levantar acampamento quando a vontade era de poder repousar, as pernas esticadas e os braços abertos. E repita isto até não conseguir fazer diferente.

Seja previsível. Faça as vezes do burocrata de vida enfadonha, e sinta-se no íntimo superior a todos os críticos e realizadores. Constate que faria melhor. Mas saiba: ninguém te dará chance de mostrar o que pode. A inveja alheia irá derrubá-lo. Ela deixará o telefone mudo, as perguntas sem resposta, e a espera insuportável.

Ao final, isole-se como a única alternativa possível. A solidão será cárcere – só você divisará as barras. Não faltará quem responsabilizar pela sua miséria, mas, no fundo, saberá que as pessoas – tão limitadas quanto você – não poderiam vencer todos os anteparos que armou para se proteger. Não adivinham os seus óbvios sinais. Seu grito de socorro soaria a uma tosse lacerada. Estará mais emaranhado quanto mais se debater. Todo ato agressivo que cometer, Deus lhe dará em dobro.

Pensará duas vezes. Três. Mil, antes de escolher. E escolherá errado. E se escolher certo, fará mal uso e curso da escolha. Providenciará para que dependa da atenção de desconhecidos cujos valores não são de modo algum aparentados aos seus. Apelará para o romantismo das putas e para o humanismo dos magnatas. E vai cair.

Vendado, no escuro, um mapa servirá de venda. Perseguirá conselhos, barganhará pistas, desejará entender a sobriedade e a naturalidade dos que atravessam uma rua e que brincam com os próprios filhos. Tudo o que desejar será o mínimo, e para isto percorrerá grandes distâncias, ao encalço de sua *rosebud*, do ventre repelente e do abraço pálido. Mas tentará entender o enigma das biografias, o que nenhuma delas relata, segredando umas às outras a entrelinha banal que se oculta sob a veleidade de suas entrevistas. Não terá a habilidade de matutar a lógica que costura todas as contradições.

Se acaso o procurarem com boas e genuínas intenções, e como por milagre vencerem toda relutância e baterem à porta, insistentes ao longo de um, dois dias, estará você lá dentro, mas não abrirá. Conservará o silêncio. E o arrependimento engrossará a viscosidade cáustica que lhe corrói os ossos.

O escritor

Não posso te pagar ainda. Estou esperando um depósito. Sempre entro no negativo, não há como. Meu pai diz: nunca entre no negativo, você não pode pagar estes juros abusivos. Mas por acaso tenho escolha? Alguém em sã consciência entra no negativo por vontade própria? Sempre trabalhei para cobrir minhas dívidas. Outro dia, estava no café da grande livraria, em presença de um grupo de grandes escritores à uma daquelas mesas circulares de madeira. Alternando-se, os autores se levantaram para pedir cafés e lanchinhos no balcão. E apareciam com mocaccinos, frappuccinos, mochas, e outros pediam pães de queijo, suco de abacaxi, carpaccio. Eu via tudo aquilo e pensava: por que não eu? Por que não poderia? Tenho de pedir estas comidas, é claro. Não tenho direito a um estadão? Puxa, dou um duro danado. Só por que não tenho dinheiro? Quem sou eu se não posso pedir um mocaccino em presença de colegas escritores? Armei-me de orgulho, levantei-me e fui até a fila, esperando a minha vez de pedir, sentindo a liberdade de consumir sem culpa. Veio à cabeça: estou pensando demais. Por que você não pede logo o que quer? Afinal, você estará sempre sem dinheiro. Um pouco a mais, um pouco a menos... Lembrei-me de meu pai, para quem

comer fora era uma frivolidade. Nos meus tempos de criança, comia-se em casa. Restaurante era caro. E a comida caseira, repetitiva como o relógio. Remorso antecipado. Besteira, precisar de mocaccino para se afirmar. Neste momento, voltei-me para os escritores, esta gente que não se parecia muito com meus amigos de infância. Vestiam-se muito bem. Carregavam sacolinhas com o logotipo da livraria. Um deles já me mostrara uma aquisição daquela tarde – um livro enorme de xilografuras medievais, uns três quilos de papel, uma beleza. Destes que você vê nas estantes dos profissionais liberais já estabelecidos. Pensava nisso, quando alguém me chamou. Virei-me. Era a atendente. “O que deseja?” Um mocaccino, falei, quase timidamente. “Doze reais”. Desconcertado, pus a mão no bolso, já sabendo que o dinheiro que carregava não seria suficiente. Saquei o cartão. Era um ultraje pagar isto. Eu não podia tomar um mocaccino. Só eu não podia tomar um mocaccino. Com doze reais eu comia arroz com carne moída a semana inteira. Doze reais por uma porção de líquido! A moça atrás do balcão leu meus pensamentos. Desviou o rosto com mesurada indiferença. Até para ela, que devia viver de salário mínimo, um mocaccino nada representava. Expedia mocaccinos o dia inteiro. “Ela deve saber reconhecer alguém que pede um mocaccino contando as moedinhas.” A bebida enfim estava pronta, o dinheiro fora debitado de minha conta corrente negativa e, com displicência, juntei-me aos outros à mesa. Conversavam sobre um tal de Nestor. Riam muito com suas tiradas. O Nestor era impagável, diziam.

“Quem é Nestor?”, perguntei.

“É o irmão do Juca, sabe, ele levou uma moça para casa, e descobriu que a conhecera no lançamento do Pereira.”

Um outro tipo de voz rouca soltou:

“O lançamento de agosto?”

“Isso mesmo.”

“Mas eu estava lá. Com quem ele estava? Não lembro de nenhuma moça.”

Naquele breve intervalo, eu já terminava o mocaccino, e comia a colheradas o chantilly que se apegava ao interior da xícara. Como não sabia do que falavam, concentrava-me naquela atividade.

“Os agudos estavam no lançamento?”

“Não. Estes você sabe muito bem onde andam.”

Perguntei então quem eram os agudos. Dirigi a pergunta a um escritor à minha esquerda que usava camisa listrada e tinha dedos compridos e as articulações rechonchudas.

“Quem são os agudos?”, e não querendo desviar a atenção da conversa, onde alguém contava uma história sobre o impagável Nestor, ele disse rapidamente: são os publicitários que descobriram que a aparência de despojamento e rebeldia vendia livros e atraía fãs. Uma das agudas usava sombra nos olhos e acordava sempre depois do meio-dia (mais tarde se soube que ela ia à academia antes de amanhecer, e ligava sim, e muito, para as espinhas), o outro assumiu a defesa de causas operárias, feministas, homossexuais, e raciais, e com isto caía nas graças da elite instruída. Outro, ainda, usava óculos chamativos e fazia poses com roqueiros famosos. Eram todos grandes empresários, tinham muito dinheiro, e as quitinetes imundas onde pareciam morar não passavam de escritórios de serviço e depósito de livros. Durante o dia, quando se acreditava estarem desmaiados no sofá de um amigo ou amargando uma ressaca, não faziam outra coisa senão fomentar contatos, firmar parcerias e negociar participações

em grandes encontros literários. E o seu lema: a literatura é 1% inspiração, 10% transpiração, 100% *lobby* editorial.

“Eles nos chamam de graves.”

“Graves?”

E a conversa já se desviava para outros terrenos especializados. Tentei acomodar-me mais na cadeira pequena. Não havia mais mocaccino para beber. Sentia-me ignorante no que se refere às regras do meio. No entanto, achava tudo aquilo bastante torpe.

O analista

Eis um mestre na arte de se anular. Veem? O escritor se une a colegas, mas se sente só e sem parceiros. Agora descobrimos: ele se queixa de não conseguir escrever, mas começa falando – de um assunto para o outro – sobre este suposto romance que está maquinando. Contradição? Improvável. Ele já disse isto. Ele o faz em segredo até de si mesmo. Como se o seu método consistisse em se retirar para que o romance realize o trabalho, com a impaciência da maresia que esculpe o promontório. Ele se julga um autor sem romance, mas parece que é antes o seu romance que não possui um autor que assuma a paternidade.

Para Antonio Candido em um ensaio em começo de carreira, a maturidade de um escritor pode ser reconhecida ao se passar da apreensão da realidade à sua compreensão:

Quase sempre os escritores alcançam a plenitude quando são capazes de passar do subjetivismo adolescente

– que faz da realidade um conjunto de impressões e emoções – para uma posição de análise objetiva, que reconhece a existência própria do mundo onde o sujeito se insere.

Onde estaria o escritor? Não na compreensão, e tampouco na apreensão. Na reação, talvez. Ele apenas reage às ondas do real que lhe sobrevêm. Antes da crise do romance, ele parece detectar uma crise do autor. Seu próprio eu se encontra dilacerado. Deste modo, ele joga o tempo todo com a fusão e a cisão. Quantos romances fará caber em um só? Quantas vezes poderá mimetizar? Não chegamos a ser personagens à procura de um autor, pois tampouco os personagens se distinguem uns dos outros. É como a questão financeira: ele reclama de dinheiro, mas eu também não me queixei na primeira sessão dos custos de vida de um analista iniciante? Cito Cortázar, e em seguida, ele o faz, como se nossas vozes compusessem uma eurritmia convulsa. Pelo seu eixo vazio, os conflitos que elenca não poderiam ser comuns a ele e a mim? Acabo de citar Antonio Candido. Não sei como é a vida deste honorável senhor, que tanto contribuiu para ampliar os rumos da crítica literária brasileira. Mas de algum modo, as palavras que decidi inserir aqui não são o nosso ponto de encontro? Ou de identidade? Não seria uma citação de autoridade um lugar de indiferenciação? Os analistas alcinharam isto de transferência e contra-transferência. E trata-se de algo que pode ser encontrado em qualquer lugar.

Em qualquer lugar.

Já começo a submergir na vertigem de sua transferência comigo. Se não sei como ele é capaz de construir personagens, por não possuir a habilidade de se colocar no lugar dos outros, é fato que ele coloca os outros em alguns lugares bastante claustrofóbicos.

A situação enseja temas polêmicos no campo psicanalítico. O primeiro: a transferência como manifestação de uma loucura intersubjetiva. O bom analista atua como uma caixa de ressonâncias do paciente, e não é raro que ele capte, com sua abertura à alteridade – e sem auxílio de trocas verbais – lembranças, impressões, sentimentos desse outro, com quem estabeleceu contato tão íntimo e singular. Já sonhei um passado que não é meu. Os esquizofrênicos costumam possuir este poder: sem que nos conheçam, lançam observações muito pertinentes, ao modo de ensinamentos e advertências, integradas aos seus discursos supostamente desconexos. Como conseguem? As psiques são muito mais permeáveis nos estratos inconscientes. Freud já observou isso mais de uma vez. Acreditava que os avanços da psicanálise nos levariam a desenterrar as histórias de toda a nossa ascendência humana. Os pós-freudianos cunharam os fenômenos de “neuroses transgeracionais”, e podem ser resumidos da seguinte forma: padecemos as dores de nossos ancestrais. Os traumas que muitas vezes procuramos na infância do paciente, serão encontrados em sua árvore genealógica.

Acabo de afirmar que a transferência é a manifestação de uma loucura intersubjetiva. Quem experimenta esta porosidade pode atestar a maior verdade sobre a loucura que já nos ensinaram. Foi Shakespeare o primeiro psicólogo a declarar que há método na loucura. Ela não consiste na desordem que sua ma-

nifestação comporta. Procuremos fugir dos estereótipos vazios. Afinal, a alucinação é um sintoma defensivo. Uma alucinação é uma cena coerente, bem organizada, análoga à projeção cinematográfica, onde a película que substitui o “real” pode às vezes brotar de nossas lembranças, às vezes da lembrança de outrem. Curioso como essas manifestações já foram tomadas por um dote mediúnico. É mais verossímil para o nosso ser recalcante acreditar na existência de um mundo invisível onde vivem os mortos do que admitir que guardamos mais lembranças do que as que de fato vivemos.

O escritor

“Você já viu corujas em bando?”, foi o que disse Chechinatto, em resposta a minhas esperanças natimortas. Já te falei de Chechinatto? Sujeito curioso, muito curioso. Não costumo fazer novas amizades, você sabe, mas ao conhecer Chechinatto, senti ganas de inaugurar uma nova fase. Quem sabe não foi esta análise que me deu a flexibilidade necessária para encontrá-lo? Espero que nos tornemos amigos. Talvez a vida seja um caminho com várias etapas, e cada etapa demande uma nova safra de companhias, condizentes com cada período. E quem sabe eu não tenha forçado a barra e prolongado demais a “curva orgástica” de amizades que caducaram. Foi só conhecer este sujeito, pensei comigo: o único problema foi não ter reunido a coragem para me desligar de certas pessoas e me ligar a outras. “Encontrar a minha turma.” Não é isso que dizem? Pois bem, foi nesse espírito que coleí em Chechinatto, aquele de que falei na semana passada, à

mesa com os outros escritores. É um sujeito curioso. É um grave típico, embora flerte com os ideais agudos. Já tem seus cinquenta e poucos anos, mas conversamos de igual para igual. E olhe só: Chechinatto já publicou 25 livros. Foram seis livros de poesia, um de ensaios, nove livros de contos, três folhetins e seis romances. Eu não consigo imaginar alguém que tenha publicado 25 livros e não seja renomado. Acerca disso, o próprio Chechinatto menciona com um misto de pompa e constrangimento: “Nós, escritores, sempre fomos incompreendidos em nosso tempo. Sinto que estou contribuindo para a riqueza das gerações futuras.” Por vezes culpava a nossa época degenerada: “Escritor hoje não vale nada. Foi-se o tempo em que as pessoas liam romances para conhecer o mundo.” Ora ou outra, contradizendo-se, segredava-me que concluía há cinco anos um romance popular. “Foram eles que pediram. Já chega, vou provar que também posso fazer uma obra rentável.” Com estas conversas, em que eu mais ouvia que falava, passamos a nos reunir na livraria.

“Talvez isso signifique que não basta publicar para tornar público. Houve um tempo em que tudo o que se precisava era pedir à gráfica quinhentos exemplares, distribuídos entre críticos, escritores, jornalistas, livreiros e artistas da cidade, e eis um novo clássico. Estudo maneiras de me tornar público, o que hoje se tornou mais difícil do que escrever um bom livro. Não há uma fórmula infalível. Mas o certo é que, para ser lido, é preciso ser famoso. E, claro, para ser famoso, não basta escrever. São necessários outros atributos. Desde o meu primeiro romance que me preparo para as entrevistas. Não me acanho em dizer que treino todos os dias para quando as pessoas vierem me pedir alguma opinião sobre a literatura contemporânea, a função do autor, e

coisas assim. Tenho praticado com um audiolivro, que ensina a repetir a mesma coisa dezenas de vezes sem perder o vigor. Tem sido muito útil, pois costumava recheiar entrevistas com relatos desinteressantes. Mas repare que as celebridades ostentam um ar confiante, e respondem a perguntas sempre com desembaraço e entusiasmo, como se redescobrissem as mesmas opiniões que divulgam há anos.”

Em geral, conversamos sobre estas coisas, e não sobre literatura. Chechinatto demonstrava certa amargura perante alguns grupos de autores, dos quais tentara fazer parte e fora discretamente rejeitado. Enquanto entabulava estas considerações, eu me questionava se não seria importante congregar os artistas e confrontar opiniões.

“Já viu corujas em bando? Nós os escritores somos vaidosos e intolerantes, e não queremos muito trato com os outros.”

“E os agudos? Pelo que me disse, sempre andam em bando.”

“Sim, mas esse hábito deles não passa de uma parceria profissional, sob um verniz de amizade”, – respondeu-me.

“Mas se eles se reúnem para isso, por que não se uniriam por causas mais nobres? Bons autores são, ainda que por meio da mentira, perseguidores da verdade. Não do modo como um acadêmico o faz, mas como prática sensível. São gente que formula uma compreensão do mundo e se inquieta com o que não está certo nele. Houve um tempo em que escritores trocavam cartas inspiradas, redigiam manifestos, aderiam a passeatas, assumiam lutas e opinavam nos jornais. *J'accuse*, recorda-se? E Sartre, nas caminhadas estudantis? E Hemingway, na Guerra Civil Espanhola? Metiam o dedo na consciência dos leitores. Escritores sempre incomodaram.”

“Mais que nunca eles se preocupam em agradar”, retorquiu Chechinatto – “A história tem estes casos, sim, mas são exceções que confirmam a regra. Recordar-se de para onde foi Hemingway depois de suas festas e guerrilhas? E o apoio de Borges à ditadura argentina? Você o considera revolucionário? Que tantos autores tenham louvado a Revolução Cubana para depois ficarem de mal com ela é algo que só prova a veleidade de nossa classe.”

“Ao menos se posicionaram. Sabemos as suas opiniões. Estão engajados em seus equívocos e acertos. São filhos da História, como todos, mas também são albatrozes, como no poema de Baudelaire, e albatrozes enxergam muito bem e sobrevoam em bando.”

“E são desajeitados quando descem ao convés de um navio. Clarice. Salinger. João Antônio. Lima Barreto. Não sabiam se virar. Eram esquisitos, deslocados. Nunca foram de conversa.”

“Mas essa é uma concepção romântica do autor, eu quero aproveitar a referência a Baudelaire...”

“Apenas naquilo que lhe convém”, cortou-me. “Você é um idealista. Pois a minha visão é a de que o autor é uma coruja. Silenciosa, atenta, feia, noturna e solitária. A coruja é objeto de afeição, mas apenas a distância.”

Como de costume, a presença de um interlocutor me impediu de pensar e prosseguir com o raciocínio. Depois, comigo, continuei a conversa. Recolhido, minha convicção só fez aumentar. Talvez fosse este o meu lugar neste mundo: congregar os artistas. Retomar sua vocação política. Se eu sou fraco e desenraizado, os outros também devem ser. Talvez a questão não seja uma falha inadaptativa minha, mas um ponto cego do meu tempo. Propunha algo muito simples, portanto. Conversar com os meus pares

acerca da arte, discutir concepções à exaustão e colocá-las em prática. Que lutássemos pela queda dos juros e contra a monarquia dos bancos, que nos opuséssemos ao *lobby* ruralista, ocupado em abrir brechas na Lei de Preservação Ambiental. Que nos uníssemos aos professores da rede pública por aumento de salários e melhoria de condições; pela extinção de cargos de assessor em Brasília e das mordomias dos juízes, deputados e senadores; pela punição dos carrascos da Ditadura Militar. Elaboraríamos ideias simples e factíveis: eleições para o Poder Judiciário, bicicletas elétricas para os urbanos, uma imprensa oficial que publicasse títulos clássicos de bolso a preços simbólicos. Nestes dias de dominação anglo-saxônica, tradutores são mais lidos que os escritores de nossa língua. Montaríamos comissões permanentes de estudo e divulgação da obra de autores injustamente relegados à indiferença: Fausto Wolff, Carlinhos de Oliveira, Elias José, Torquato Neto, Maura Lopes Cançado, Ganymedes José, Osman Lins, Moura Fuentes, Ricardo Guilherme Dicke, Wander Piroli, Roberto Drummond, Oswaldo França Júnior, Juarez Barroso. Retornariam todos e faríamos uma grande festa. Seria divertido utilizar a nossa influência. Em vez disso, Chechinatto fincava os pés numa atitude indiferente. E eu queria ação.

Três dias depois, voltamos a nos ver. Eu estava contente por ter com quem conversar. Avistei-o na mesma mesa em que nos encontráramos nas outras duas vezes. A distância, ombrinhos arqueados e tez rija, sorriu-me e acenou para se certificar de que o havia notado. O lugar estava transbordando de empresários, laptops e rodas informais. Sorriu-me ainda mais, e seu sorriso parecia um esgar doloroso, como se o ato não fosse um gesto espontâneo, mas o repuxo extenuado de alguns músculos da

face. “É por isso que ele tem tantas rugas ao redor da boca”, matutei enquanto me aproximava. Tinha em meu íntimo uma convicção: tentaria levar Chechinatto a participar comigo desse plano. Levava um caderno na bolsa, disposto a anotar nomes que – segundo cuidadoso crivo – seriam convidados para uma conversa.

“Ah, oh, olá”, disse, oferecendo-me a cadeira à sua frente. “Como vai, como vai?”

A timidez comparecia. Antecipara-me. Respondi em voz baixa, a palavra sumindo em sua banalidade. (Ora, o que era isso? Como pude me preparar tanto para este encontro e sentir de cara esta fraqueza?) Simulei displicência. Segurança. Falei alto. Tentei observá-lo como que de longe, percebê-lo como um sujeito, apenas um sujeito, convencendo-me de que este homem desconhecia minhas capacidades e que, como eu, poderia se surpreender. Eu não estava com a razão? “Vamos, homem!”, pensei. “Aja!” Nem bem começara, e todas as palavras pareciam sem propósito. Um olá. “Preciso pensar rápido. Fingir que me movimento como os outros. Fingir o que sou. Fiquei sozinho tempo demais.”

Uma cerveja ia bem a esta hora, mas tudo o que tinham era café. Café, café, café. No máximo um café com rum, ou outra bebida a um valor proibitivo. Portanto, a seco, sentei e comecei a falar. Para começar:

“E aí, como vai? Comprou alguma coisa?”

Besteira. Estava apelando para a conversa de madame.

“Ah, hoje não. Gosto de vir aqui para ver o movimento. Você sabe, não leio a prosa contemporânea. Já cheguei a um ponto em que só faço releituras. Apenas as obras que já li me interessam. Não ligo para as novidades. O tempo destilará o que é bom.”

Esta era uma máxima dos graves, aos quais Chechinatto se enquadrava: toda novidade é ilusória. O homem já esgotara seus temas, e não há mudança significativa na literatura. O sangue destes vampiros se diluíra desde os antediluvianos. De modo que: “Comprou algo hoje?” era a pior pergunta para puxar papo com um grave. Sem que desse por isto, estava concordando com ele.

“É demais, não? Sabe, nem leio mais o jornal. Não me interessa.”

“É, a veleidade da imprensa”, respondi, arredondando as palavras. Mas não era disso que queria falar.

Difícil demais. Mais uma conversa sobre o que era e o que não era literatura: não tinha paciência para aquilo. Estávamos reeditando um encontro que as pessoas, sem uma alternativa à mente, tinham centenas de vezes ao longo da vida. Distraído com a movimentação dos empresários, Chechinatto lançou uma carta nova.

“Ninguém que eu conheça leva isto em conta, mas acredito que oitenta por cento das mudanças na Arte se deva ao desenvolvimento da técnica. Não sei se me entende. Quero dizer que a história da técnica determina a história da Arte, mais do que o desenvolvimento das ideias.”

E silenciou um instante. Aguardei que prosseguisse. Visto que nada me ocorresse, recostei-me na postura de “escritor mais novo” que aprende com o “escritor mais velho” sobre a experiência da vida. Algo muito típico dos graves. Sem olhar para mim, continuou:

“Arte é forma, não é? O conteúdo pode ser o mesmo do de um tratado maçante, ou de uma conversa entre idosos no parque.

A forma é o que coroa a obra com a pujança artística. Arte é forma, conhecimento e expressão. Ora, faz quinhentos anos que a forma é determinada pelos avanços da técnica.”

“Mas de que técnica está falando?”, obstei. Não entendia.

“Espere, veja. Paciência. No início, o ‘papel’ era a pele de cordeiro, e se utilizava um bico de pena para tingi-la. O escriba tinha bastante tempo para pensar, pois a cada quatro ou cinco palavras a tinta secava na pena, e era preciso embebê-la no nanquim. Esquecemo-nos da revolução que representou a caneta-tinteiro, e em seguida a simples, barata e ordinária caneta. A partir de então, a velocidade pontuou o ofício. Como se não bastasse, os sujeitos desenvolveram a máquina para escrever. Um botão por letra, tornou-se possível bater centenas de letras em um minuto. Já então se escrevia obedecendo aos reflexos e não mais à reflexão. Em outro tempo, ponderava-se antes de escrever. Papel e tinta eram artigos de luxo, e na maioria das vezes o manuscrito seria a versão única e última para os monges e os atores. A caligrafia, um tai-chi-chuan meticuloso, filha perseverante das estações do ano. Com a máquina de escrever, criou-se a arte de pensar depois de fazer. Inventou-se a história da economia da linguagem, que não é senão eliminar os excessos da pressa, e que alcançou um status de método: um modo de se adiantar à autocensura, de flagrar no papel os frutos do acaso, do erro, do inconsciente. Suspeitava-se da Razão que, ironicamente, era a responsável pela criação da máquina de escrever. Em seguida veio a tecla, e logo ninguém mais se lembrava de como eram pesados os botões das Olivettis. Se outrora havia alguma preocupação com as frases sem erros, o editor de texto dos computadores transferiu a revisão para o

momento posterior à escrita. O pensamento se divorciou da palavra, e esta revelou seu enraizamento aos fundamentos caóticos da subjetividade. A memória esteve implicada em toda esta evolução degenerada. Ela já foi o nosso sexto sentido. Nos tempos em que o nanquim secava na pena, era preciso guardar a frase na memória enquanto ela não se fixasse no papel. Tente fazer isto hoje. Na terceira palavra você já terá esquecido o que ia dizer. Imagine os desdobramentos desta perda da faculdade de lembrar.”

Fez uma pausa. Sua garganta estava seca. Deu outro sorriso-esgar, e pareceu coçar o céu da boca com a língua. Fez que iria se levantar, mas voltou atrás. A retórica reabriu a sua boca:

“Agora, você teria dúvidas de que a palavra meditada, fermentada e assada no calor do espírito seja diferente da palavra crua? Que a formatação pela contagem de toques não determina a forma como consideramos determinado texto? Basta examinar as obras de Kerouac. Ele não passa de um motorista. Kerouac escrevia como quem viaja, tantas páginas num dia equivaliam a tantos quilômetros rodados na estrada. Agora, não se imagina Borges ou Machado preocupados com economia. Em tempos de editor de texto, nem Borges, nem Machado poderiam existir, ainda que se inspirassem na *môt juste*, flauberiana. A economia destes derivava da ponderação.”

“Com a fotografia, ocorreu o mesmo, só que mais tarde. Lembro-me da época em que meditava antes de tirar uma foto, pois cada rolo de filme tinha espaço para doze poses. Doze! Hoje, a arte não está na produção, mas na pós-produção. Não são as mil fotos que se tira, mas as novecentas e noventa e nove que se retira. O belo deriva da exclusão, de lançar fora a porcaria. Sem

falar que a fotografia surgiu como uma tela instantânea, um produto de compostos químicos e de uma máquina. Os agudos não gostariam nada destas conjecturas, mas a técnica empobreceu a arte. As justificativas vieram depois, apenas para legitimar este movimento arbitrário e produtivo. O fato é que já não operamos sem as maquinarias. Atrofiados, somos almas menores que as de Euclides e Santo Agostinho.”

E feliz por esta última sentença, interrompeu a exposição e se ergueu para apanhar uma água. Pode ser que estivesse apenas ensaiando para responder às entrevistas. Pôs uma das mãos em meu ombro ao passar. Neste meio-tempo, outros dois amigos de Chechinatto apareceram. Os do mocaccino. Depois, lembrei-me da pequena lista de autores por reunir. Mas a ocasião oportuna já estava desfeita. Se a sua companhia bastou para me deixar acuado, na presença dos outros, mais frios e evasivos, logo criei uma desculpa, que ninguém ouviu, para me afastar.

O analista

O que o escritor quer ser? Um jovem prolífico, autor de histórias cativantes e cheio de amigos e parceiros. O que o escritor pensa que é? Um velho solitário, expatriado, com dois livros insignificantes no currículo, e a cabeça tão povoada de poréns que não resta lugar para a surpresa. O que o escritor é? Um sujeito atado a uma clausura psíquica, a uma espécie de alucinação invisível onde se encontra enjaulado. Tal alucinação o impede de ver que já publicou livros – o que não é pouca coisa – com um círculo de amizades antigas e de novos parceiros – o que também

não é de se desprezar. Embora não pareça, o escritor não está parado. Ele caminha.

Vendo-o relatar os seus supostos desencontros, suas mãos cravadas nas coxas enquanto arrola um carrossel de dificuldades, não posso deixar de sentir condescendência pelo autor. Torço por ele. Tenho vontade de convidá-lo para uma cerveja e dizer eu mesmo, sem papas psicanalíticas na língua: “Rapaz, abra os olhos. Vá desfrutar a vida, que nunca foi nem será ideal. Faça bom uso de seus recursos. Concentre-se no presente, não se sinta tão miserável assim. Afugenta este corvo!”

Funcionaria? Ele me daria ouvidos? Talvez. Mas a tarefa de análise consiste em enunciar a sentença necessária em seu devido momento. Para isso, não temos senão a experiência decantada na intuição. E essa intuição me remete à *via crucis* dos artistas. Ao fato de que a matéria literária não se resume à luz que incide sobre a porção mais bela do jardim, mas também (e principalmente, arriscaria) aos seus recantos escuros e assombrados. “Mas isso pode ser um equívoco, uma ilusão histórica, uma concepção de escritor tão datada quanto caduca. Quase cristã: para comunicar uma verdade, o escritor morrerá por nós. Viverá pouco para se eternizar nos outros.” Bem, o escritor veio à análise, não? Não quero entorpecê-lo com interpretações. Pretendo que se livre das feridas que o impedem de viver, ainda que a angústia alicerce a subjetividade.

Trata-se de uma questão de economia interna. Afinal, não se sairá melhor se puder fazer novos amigos, aumentar seu ritmo de produção artística, deslocar-se pelo mundo? Será? E afinal, estou aqui por sua obra ou por sua vida? Devo conservar sua miséria para que escreva melhor? Minha responsabilidade, como analista, não abrange apenas a sua integridade psíquica?

E a integridade física não se apoia na obra? Uma vida pode ser sacrificada em nome de algo, ainda que o paciente o considere superior, uma causa sublime? Não estaria ele aqui, ainda que em nome da obra, defendendo a própria vida dos golpes lançados de um passado insondável?

Levanto a cabeça do caderno de apontamentos, e fixo-me em um quadro na parede. É uma gravura incandescente de Kandinsky. Nada conheço acerca dela, apenas que se trata de Kandinsky. Algumas figuras abstratas flutuam sobre a textura inflamada. Vagos sinais sugerem a imagem de um touro. Sangue e touro. Não tinha reparado. Nunca pensei no quadro, apenas o vi. Jamais o contemplei, ainda que não raro me distraísse nele enquanto ouvia o paciente, que por sua vez também o tinha ao alcance da vista. Uma associação me ocorreu: não seria também ele uma presença, um terceiro sujeito, uma interjeição que refrata o tatear vão dos pensamentos? Quais elementos indizíveis não estaria transmitindo ao paciente, e sob este registro, que expectativas não construía sobre mim, quando acredito que minha reserva é absoluta, que sua transferência será limpa e imaculada? Ao pregá-lo na parede, não estaria dizendo que habitamos sob o olhar imóvel de um touro imolado? Se acaso pregasse um tema azul-claro, ainda que do mesmo pintor, isto não exerceria alguma interferência em nossos inconscientes?

Corro à enciclopédia – um livro que permanece no consultório porque nunca o consulto – e folheio os verbetes que começam com a letra K. Kafka, Kalahari, Kama-Sutra. Procuro Kandinsky, em busca de uma verdade sobre mim, um ato falho sob a forma de decoração. Talvez o escritor conheça a vida de Kandinsky, e tenha feito considerações íntimas sobre minha escolha.

Kandinsky. Pioneiro da arte abstrata. Russo, nascido em Moscou. Morreu em 1944. Obra em constante evolução. Quatro fases da pintura. Ergo a vista para o quadro. Vejo ali uma galinha e um rosto desolado. A boca está onde antes discerni os chifres de um touro. Kandinsky associa a música a sua arte. Na infância, tocou alguns instrumentos. Deixa a promissora carreira de direito aos trinta anos, e começa a estudar pintura. Percorre o mundo. Influencia os rumos da arte. O verbete na enciclopédia continua na página seguinte. Ali, deparo-me com algumas reproduções bastante vivas e distintas umas das outras. E, súbito, avisto a minha tela. Abaixo, lê-se: *Mit und Gegen* (1929).

Assola-me uma curiosidade pungente de saber o que estas duas palavras significam. Não falo uma palavra de alemão e nem conheço alguém que compreenda bem esse idioma impenetrável. Ato contínuo, bato a palma contra a testa: “Claro!” Eu tenho um dicionário! Nunca o abri. Foi herança de uma avó, e selecionei-o para minha estante justamente por não ter utilidade nenhuma para mim. Corro até o móvel, apanho o dicionário e retorno à poltrona, entretido com a investigação.

Mit: com. Expressa ação comum.

Und: e.

Gegen: 1 contra. 2 de encontro a. 3 em direção a. 4 em troca de. 5 por volta de, mais ou menos.

Não faz sentido. “Com e Contra”? Algo como “côncavo e convexo”? Ou talvez: “Caminhando em companhia”, a partir de “com e em companhia”. Passo um bom tempo com o caderno, o dicionário e a enciclopédia no colo, sem compreender. Após

muito refletir, dou forma a outro raciocínio absurdo. Penso na cadeia que constitui o quadro na parede, a enciclopédia e o dicionário de alemão que encontrei. Como se uma versão minha, sigilosa e subreptícia, soubesse alemão. Como se um eu que me escapa inteiramente houvesse preparado para mim estes livros na estante, para que neste mesmo dia eu pudesse procurar o sentido oculto de ter um quadro específico de Kandinsky. Como se captasse em código Morse uma mensagem insistente, enviada por mim mesmo. Uma versão onipresente e sombria de mim mesmo.

O escritor

Vou expor agora um conflito que costuma me afligir: estou lendo um livro, e desejo começar outro. Ainda que esteja gostando do que tenho em mãos, largo-o, pesaroso, e debruço-me sobre a primeira página do novo volume, precedido pelas promessas que as indicações, capa, e sua notoriedade anunciam. Fico por concluir o primeiro mais tarde (não muito, para que não me esqueça do que já li), e tomo o segundo com resolução.

Acontece que, no virar de uma página, ou na passagem da noite para o dia, ou no encontro passageiro com outros livros, já não quero ler este segundo livro. Interessam-me outros. Na livraria, exibem obras maravilhosas. Remoo os livros que já possuo, e que adoraria apanhar para ler, lembro-me de que o dinheiro anda escasso, e que a vontade em adquirir não é propriamente a vontade de ler. Permaneço assim com vários bons livros na estante a me reprovarem, ciumentos.

Perco tempo fazendo listas dos próximos livros que desejo ler. Flerto com as obras na livraria, instigado por estes universos de interioridade e estilo. Em casa, na “livraria dos livros adquiridos”, encontram-se as obras que li e esqueci, as que amo e são impenetráveis, e as outras, as ex-mulheres, os casos abortados, as ligações não retomadas. Não consigo dormir, escutando o rumor destes atos inconclusos. O peito soluça com a falta de projetos. Afinal, talvez deseje muito mais os livros que não li, o livro promessa, o livro perfeito e infalível, que ainda não pôs minha ignorância à prova. Prefiro descobrir a saber. Folheio a realidade, e debruço-me na fantasia.

Entre um Proust e um Joyce, há um dicionário no meu quarto. Como todos os do gênero, ele ostenta um inexpugnável e vetusto porte de esquife. O dicionário é o cemitério das palavras em desuso. Nunca sei o que faço com elas. Pouco sabemos de cada uma. Não compreendemos ao certo o que querem dizer. São gírias de outros tempos, deslocadas de seu contexto. O dicionário só descreve os seus significados, e não o campo de circulação onde transitaram.

Há escritores que pretendem resgatar em cada página de seu livro uma expressão antiga, seja para dar um traço erudito ao texto que escrevem, seja para salvar um ente do esquecimento onde foi relegado. É claro que existe o desejo de se afastar do leitor com o recurso ao dicionário – achincalhá-lo por ignorante e obtuso, uma vingança vã contra os que comungam de um mesmo idioma.

Não desmereço os arqueólogos do idioma, os escafandristas da contra-corrente que retraçam a história e o lapidar das denominações e censuram a pobreza lexical dos nossos jovens. “No princípio era o verbo, o resto é silêncio”, dizem. Nenhum

sinal pode ser mais pressago do apocalipse que a simplificação de nossa linguagem, cujo cerne é o anseio pré-babélico de retornar à identidade das coisas. Bradam os cavaleiros: para quê denominar janela de reposteiro, penhasco de promontório, prostíbulo de lupanar? Valer-se de designações arcaicas é tentar acender com saliva um círio há muito apagado.

Apreendi as letras com espanto e uma intuição secreta. Não faz muito, lembrei-me de uma cena da infância. É uma página da cartilha de alfabetização. Estava ao lado de minha mãe. Na página aberta, eu lia o título da lição: “A pipoca pula na panela”. Minha mãe achava graça e dizia que a pipoca não pulava na panela, o que pulava era o milho. Fiz que sim – ignorando o paradoxo que consistia na relação entre o pulo, a pipoca e o milho – mas objetei que, se pusessem “milho”, a frase não teria todas as palavras com pê. E o tema da lição era este, aprender palavras com a letra pê. Talvez fosse preciso escrever uma inverdade para ensinar alguma coisa.

Ou não. Talvez a frase fosse perversa, fruto do descaso com crianças que estavam começando a aprender e que não podiam ser embaraçadas com frases tolas neste mundo já tão confuso. Abaixo dela, o desenho da panela tampada, algumas pipocas, já pipocas – saltando para fora. Pensando bem, talvez a frase estivesse certa. E a frase não era tola, era singela. Engraçado ter a idade que tenho e ainda não optar por uma das hipóteses. Talvez seja isto que minha mãe tenha me ensinado naquele dia – a duvidar das lições e da dúvida.

Em retrospecto, sinto que não tive dificuldade em aprender as letras. É como se eu estivesse apenas me recordando. Por outro lado, é como se eu nunca tivesse aprendido inteiramente a

escrever. O mutismo que sempre pairou na sala de estar de minha infância (meu pai colado à tevê, minha mãe melancólica, tricotando, um bicho acuado e raivoso que precisava erigir um sustento para o ambiente hostil e estranho chamado casamento) tenha talvez estimulado a minha atividade literária e, ao mesmo tempo, me impedido de nomear as coisas. A primeira coisa que Adão e Eva fizeram foi denominar. Ajudou-lhes o fato de serem nomeados por Deus: tu te chamarás Adão e tu, Eva. (Terá usado o “tu” ou o “você”? Talvez tenha apontado com o dedo, para que o casal primevo não se confundisse. “Afinal, nós dois somos ‘tu’?” Que espécie de batismo é esse, que depende de uma mesma palavra para imprimir discriminações?) Apenas depois de nomeado, o mundo se criou. No meu Éden é diferente. Sempre tive uma enorme dificuldade de narrar, o que não apenas me incomoda, como me atira a uma classe inferior de homens. Como já disse, indagam minha opinião sobre diversos assuntos e, apesar do que sei, não sei responder, mal posso respirar, fico pensando que precisaria de uma resposta pronta na ponta da língua, mas não é isso, não preciso de uma resposta na ponta da língua. O que me falta é a capacidade de “construir em movimento”, o gingado de nomear as coisas. Pelo mesmo motivo, não consigo entender a minha história. Não consigo vê-la. Se eu a narrasse, como as pessoas fazem pelos cotovelos, teria uma melhor noção de onde estou. Não seria levado a lugares de que não gosto, não concordaria com aquilo de que discordo. E isso sem ter tido um deus que declarasse: este é teu nome; mas alguém que disse: “Não sei quem é você. Seu nascimento foi arbitrário (pois toda escolha é um fardo insuperável). Somos, você-filho, e eu-pai, pequenos e irrelevantes, desqualificados para representar o protagonismo de nossa história.”

Como os antigos ensaístas, quero escrever sobre tudo. Sobre Deus e Suas obras. Preciso disso. O que penso do homem, da eternidade, dos amigos, como vejo a cidade, a literatura, a imprensa, a teleologia estanque do novo século. Preciso desbravar o nosso tempo e destrancar o mundo, que estava vedado pela dúvida de minha existência. Como não tinha nome, não sabia se existia de fato. A minha missão heroica era estar no centro do mundo para, enfim, poder estar no centro do meu mundo, o que é, afinal, algo que para a maioria das pessoas já faz parte de seu pacote simbólico. Desprovido desse pacote, adquirir uma riqueza – transmitir este fundamento do homem pela ausência, a minha própria neurose e as relações humanas que me deixavam assustado mas também me provocavam esta “dança desesperada” que considerei a minha literatura, tanto existente, quanto inexistente.

Ao modo de um Tristram Shandy, preciso cavalgar este cavalo selvagem que é o passado. Primeiro porque o futuro não guarda as promessas que guardava e, ademais, porque talvez eu tenha enfim começado a existir. Substituíra o pensar pelo sentir, e me resignara à máxima de Bartleby. Cumpre agir sobre o que já se passou. Tenho coisas demais a dizer e a pensar para continuar gaguejando. Sei que não sou “esta pessoa que fica gaguejando quando fala”, reconheço que isto é apenas mais um tipo, uma resposta pronta, a única que pude proferir até hoje. Ter a prática na criação em movimento, na interação com os homens, sem o temor de me sentir humilhado.

Vou começar. Vou começar:

Eu nasci em 11 de abril de 1979, em Avaré. Na minha primeira lembrança estou correndo aos tropeços, não sei se de

alguém ou em direção a alguém. Lembro de todas as minhas casas. Lembro de um sonho que tive quando criança, onde um mágico fora à escola para acender laranjas. Lembro de um trepa-trepa na hora do recreio. Lembro que eu fingia que tomava banho, lembro do meu pai assistindo hipnotizado ao telejornal, lembro de minha mãe levando embora uns brinquedos nossos. Lembro de assistir aos ensaios da festa junina de uma escola vizinha pela janela de meu quarto. Lembro do futebol de rua, das queimadas em Avaré com as primas. Lembro de apostar corrida com meu irmão, no parque que cortava caminho para as aulas de teclado. Lembro de estar viajando, e por um momento enxergar as coisas de longe, e descobrir que éramos a família mais feliz do mundo. Lembro de, célere, atravessar longos corredores de uma igreja, atrás de uma loirinha, por quem era apaixonado. Lembro de minhas três namoradas: Patrícia, Laura e Maria Lúcia, quando eu tinha seis anos. Lembro de saltarmos para a casa vizinha, de bicicletas gigantes andando em círculos numa vila, lembro da viagem ao centro da terra, do dia em que meu pai abriu o porta-malas na frente de casa e ele estava cheio de filmes em VHS. Do quarto estrelado de minha tia e do Tetéu, dos países imaginários descascados da parede, dos motores de fórmula um rugindo aos domingos de manhã, dos chocolates Surpresa, do husky siberano da casa da esquina que adorava os chicletes que lhe dava. Das aulas de teatro, dos amigos do teatro, da viagem libertária para Poços de Caldas, da Europa com a família, da Plaza Mayor, de uma peregrinação em Loreto que fiz caminhando entre campos repletos de girassóis queimados, de avistar Roncesvalles do alto de uma montanha.

Lembro do dia em que descobri que não era um vencedor, mas um sobrevivente. Do meu grito e da minha mudez. Da minha subversão e da minha solenidade. De acreditar que o mundo mudaria sem dúvida para melhor, e de confiar lá no fundo que eu não morreria, que até lá inventariam um remédio para a morte, que nos deixaria imunes à fatalidade estúpida da morte.

O analista

Foi somente depois de descer a escada e conduzir o paciente até a porta, onde se despediu com um raro sorriso, deu-me as costas e errou apressado, que reconheci o enxame de aranhas se esgueirando pelas paredes e a acompanhar meus passos com suas patas de pinça, o que logo me sugeriu a iminência de alguma aparição – que se não foi de todo inesperada, poderia considerá-la repentina. Quando retornei à sala de atendimento, umas dez pessoas me aguardavam, partilhando olhares irônicos. Achei graça daquilo, e não encontrando lugares vazios para me sentar, recostei-me numa das paredes suaves de borracha, e aguardei, considerando com vagar a latência das sombras. Difícil dizer se os conhecia. Era outro que poderia discernir os semblantes joviais e extemporâneos. Como me encontrava de bom humor, entabulei um assobio tímido, que aos poucos foi afinando, até se assumir numa melodia quase inventada. Súbito, interrompi a canção e lancei a pergunta, mais para ver se me davam ouvidos:

“Quem aqui já está morto?”

Quatro ergueram obedientes as mãos. Um deles, que olhava pela janela e se destacava por apresentar uma estatura doente e enérgica, falou:

“Este seguirá os meus passos. Devo impedir?”

“Estou vendo que os inconscientes cortam caminho”, respondi. “Eu, como analista, trabalho sobretudo por meio de meu inconsciente. Sejam bem-vindos.”

Uma moça bonita, que ocultava parte de suas curvas fartas com um xale vermelho, cutucou o jovem à janela, e comentou:

“É do amor que ele fala. Descobriu a primeira palavra. Agora está nu. Vocês vão ver como o amor abrirá caminho. Não viram como ele sofre de amor?”

E para ilustrar o comentário, trauteou a melodia que eu associava. Em sua voz de mezzo-soprano, reconheci a famosa ária de Bizet. Os outros suspiraram para ouvir melhor:

O amor é filho da noite

E nunca, nunca obedeceu uma lei

Se você me ama, não te amo,

E se eu te amo, é melhor que se cuide!

Alheia ao recital, uma moça baixinha de nariz adunco transparecia um certo desconforto e sussurrava algo para um jovem, que assentia obediente. Os dois permaneciam de pé, ao lado do Kandinsky, e lembravam subalternos na sala de jantar de alguma mansão. Mesmo a distância, pude ouvir o que diziam:

“Amor, que bobagem. Seu pai não prestava.”

“Mãe”, respondeu o moço, cego de um olho. “Vamos embora daqui. Está começando a transbordar. Quem é você, aliás?”

“Não estamos na pensão, não está vendo?”, retorquiu ela. “Você sempre foi um menino inteligente. Por que isso, agora?”

Dois dos jovens se entreolharam, e logo se via que o tempo os afastara. Um deles tinha a testa larga do escritor. O outro, dos vivos, ergueu a cabeça para o teto e confabulou:

“Há uma bomba na caixa d’água.”

Silêncio geral. Cessaram os sussurros e a canção. Para confirmar a verdade, ele repetiu:

“Fui eu que escondi ela lá. Há uma bomba na caixa d’água.”

O outro, mãos nas costas, respondeu:

“Como em todas as famílias. Quietos agora, que a sua avó irá tocar ‘Adiós Pampa Mia.’”

O escritor

Lembro-me do cheiro da loirinha. Eu não era páreo para aquela beleza de oito anos. Seu cabelo tinha muitas cores, fios de cobre, outros de linho, de ouro puro, e uns ainda, puras sendas fiadas do sol. Ela na missa, eu tentando espiá-la sem ser notado. Imagine eu, olhar! Não podia assumir a nudez de minhas vontades. A loirinha no labirinto atrás do altar, nos corredores da paróquia, sandálias estapeando o mármore ao correr, e eu atrás, recebendo seu bater de portas pesadas. Que jogo era este? Crueldade ou convite? Ela gostava de brincar? Era muito menos que isso; nada? Os fundos da igreja, mais divinos que a hóstia. Na missa, reinava a contenção, à escuta do padre de pele roxa, de sua ladainha pantafaçada. (Deus estava falando comigo, e eu olhando para os cílios da loirinha, o milagre maior, contados um a um pelos dedos em riste dos mártires de gesso. Deus bate à porta, é preciso estar em casa, de vigília, para a Sua chegada sem aviso,

a providência eterna. Sempre alerta à Sua voz, que se comunica por evasivas, cujo amor exigente pode sanar todos os padecimentos. Só mais tarde vim a saber que a desatenção do público pode ser a falta de fé do cura.) Meus pais, ali, convertidos, também se esforçavam para se concentrar. Era grande o mistério e muitas as tentações. O olhar distraído do filho mobilizava a angústia e a aflição inconfessáveis dos pais. Minha lembrança se voltava para os fundos da igreja, para o estacionamento que se enchia de barracas de pesca, de doces e churrasquinhos nas festas juninas, na loirinha que sumia mais que aparecia. E Deus era um mal necessário, sobretudo temido, e seus capangas, padres europeus de olhos grisalhos.

Loirinha se divertia na minha ausência. Tinha primos, se-duzia brincando, fazia excursões e gincanas em todas as férias. O Natal de loirinha era um parque de diversões, ela ganhava tantos presentes que até se dava ao luxo de deixar alguns para desembulhar depois. Curvilíneo e sem método, seu tempo não era ponteiro, era tobogã. No rádio, sabia de cor todas as músicas. Com nove anos tudo estava garantido. Se um dia só virasse garçõete, seria ainda mais feliz. Os namorados viriam buscar os seus olhos verdes na porta da escola, recostados a conversíveis vermelhos. Os seus cabelos loiros, suas mãos macias, sua sabedoria, e sobretudo sua aptidão para não pensar abririam muitas portas. Loirinha, quem sabe, me guardasse em uma única página de seu diário da memória, preso a um clipe, dentro do baú de esquecidos, que não são deslacrados até que a vida, já consumada, alçada a um outro patamar, esgotadas todas as línguas que se possa beijar, todas as festas e jogos, esgotadas as pequenas paixões, esgotada a crença de que os amigos de colegial continuarão

juntos para sempre, possa enfim maturar um adulto, um adulto sem nostalgia, e que continua deixando o passado em seu devido lugar. A loirinha, já com seus trinta e cinco, me avistaria na nota presa ao clipe e daria um sorriso ao tentar se recobrar de quem fui, e antes que a imagem ficasse nítida, a filha da loirinha, uma loirinha de oito anos, viria chamá-la para brincar, e o baú seria mais uma vez devolvido aos fundos do armário, mal suspeitando a miséria de ser tudo o que a loirinha não é, de nunca ter participado de sua vida senão aos oito anos, sentindo-lhe o cheiro loiro que o vento generoso trazia. Eu nem poderia dizer: ela é bonita mas eu sou inteligente. Ela é fascinante, mas eu fiquei rico. Não ganhei nenhum prêmio de consolação. Minha inteligência é imprecisa. A sua beleza é acurada e desordenada como a natureza. Eu fugia atrás dela, ela de mim, na esperança de que ela um dia parasse de correr e me trouxesse para o seu mundo. E de repente eu poderia, cingido pela bênção divina, parar de pensar. Pularia na piscina como todos os meninos de minha idade, porque ela me puxaria pela mão, e eu teria primos, e nenhum tempo para me preocupar, e ela me iniciaria nas músicas, ensinaria as letras escritas em papéis de carta perfumados, naquela caligrafia caprichosa, fruto suculento de um prazer em cultivar as coisas com esmero, e eu descobriria o que é ser cuidado com esmero, e por um momento, ou ao despertar certa manhã, eu continuaria o mesmo, mas já não seria feio, ou não me sentiria inchado e feio, e triste, e desajeitado, e sozinho, e não sentir nada disso seria como ser bonito, como ser feliz, como um encanto que fizesse os colegas me chamarem para brincar, me dessem um teco de seus lanches na hora do recreio, e a maldição se desfaria como um sonho vívido e ruim.

O analista

A Love Supreme repete baixinho no aparelho de som da sala de espera vazia. É o momento, penso eu, de substituir as revistas. Apanho um pedaço de papel caído no chão e atiro-o no cesto. Abro a garrafa d'água e a aproximo do nariz. Mesmo não incômoda ao olfato, algo em seu aspecto me leva a despejá-la na pia do banheiro. No caminho, vejo que Liu já trancou tudo e se foi. Massageio os ombros com uma das mãos, e retorno para o meu posto de comando na poltrona mais amaciada pela minha insistência analítica. A música de Coltrane se dilui num fundo silencioso, e o que ouço em seu lugar é um mantra antigo de Drummond, “esta estranha ideia de família viajando através da carne”. Aplaco um inofensivo comichão nos braços, e sem dor nem prazer, eis-me pensando na genética histórica de Freud, que mesmo inspirado por Darwin acreditava que o legado de toda a civilização, dos egípcios aos franceses, era carregado por cada um de seus integrantes. Uma lembrança é o caco de um cântaro etrusco. Com ele se poderia remontar toda a história deste povo, suas cidades, suas guerras, seus mitos, seu outono, isso que conduz toda esperança e toda carnificina para a indiferença do esquecimento, apenas para serem melhor preservadas. De como o esquecimento é um formol opaco. De como o reino das coisas perdidas é maior, do pavor daquele anjo da história que, arrastado pela tempestade que sopra do paraíso, reconhece em suas asas apenas o miasma do progresso. Asa inútil, uma vela que se deixa insuflar. Olhos inúteis, reservados para o horror das quimeras e dos equívocos repetitivos de nossa espécie imperfeita. Empalhado pelo efeito de conjunto do que já aconteceu, o anjo perde os detalhes da vida do bisavô

do autor, patriarca que teve uma existência tranquila de cartorário no interior. Perde os sorrisos da tia do autor, que paquerava o filho de um chefe de estação. Perde os gestos mínimos naquela adjacência do planeta chamada Avaré. A curiosidade da bisavó, passada para esta tia namoradeira; o hábito sereno de trabalhar do patriarca, transmitido ao pai, e que se transforma por sua vez em livro no escritor, que não obstante o despropósito de seu tempo, continua a escrever todas as manhãs uma mesma obra, e que nas horas vagas tenta reproduzir o sabor e o ritual dos italianos da linhagem materna, que vieram a imigrar e trouxeram a polenta e as canções, o minestrone e o desenraizamento, e que mesmo sem saber, o autor mimetiza no paladar e na vontade de seguir viagem. O anjo célere da história, de costas para o devir, só vê o massacre dos índios, a ditadura militar, as crianças que brincavam na rua e hoje não podem fazê-lo. Ignora o mistério que converteu esta cacofonia em uma única voz que não se escuta, mas que ainda assim continua a bradar. Se o autor investigasse o seu passado, estaria me ajudando a escavar estes cacos num mosaico, e a compreender o balanceio autístico dos filhos de combatentes de guerra, de como tudo está presente, condensado na impossibilidade do paciente de amar, ou na sua vontade de amar mais, no seu medo de rejeição, nestes traumas que ele mesmo não sofreu, mas que carrega consigo como herança – o que uma geração lega à outra, que lega à seguinte, sem que se possa nunca recomeçar. Mais do que tudo amar, virgem, como aqueles pinguins monogâmicos no deserto antártico. O autor carrega no ventre e nas tripas o divórcio dos pais, dos avós maternos que se violaram com palavras hostis, e que largaram os filhos em uma desventura de precipícios. Agora, o mais instigante é como a loirinha sabia disso. Como as

mulheres intuíram esta necessidade do autor de reviver o bater de portas pesadas em sua cara, numa igreja, numa escola, na faculdade, e de como, mesmo amado, mesmo quando enfim conquista o amor de uma mulher, ele prossegue correndo e escancarando as portas. *A Love Supreme* retorna ao início, e posso ver a aresta pontiaguda de um objeto retangular sob o divã. Inclino-me para apanhá-lo. É um caderno, que muito provavelmente escorregou da bolsa do paciente ao se deitar ou no momento de partir. Sem nenhuma hesitação, abro-o para decifrar a caligrafia hipnótica.

O escritor

À noite, minha capacidade de elaboração diminui. Se não durmo, fico em um estado de alerta em que se reúnem em conclave as entidades mais imponentes do domínio de Hades. É quando desabo numa frustração vertical, e por mais que saiba a razão de meus problemas, por mais que entenda o que fazer, ou por que fiz aquilo, ou ninguém deve estar dando tanta importância a isto quanto eu mesmo, ou sim, conquistei algo sim, ou aquilo que disse não foi assim tão vexaminoso, ou amanhã digo isto a ela. Amanhã vou falar que não suporto, pela manhã vou me afirmar, e por mais que haja solução, ou possibilidades de conciliação, os mesmos pensamentos retornam e reverberam, indissipáveis. Nestes momentos, estou ávido pelo sol, por ficar à deriva na inconsciência, onde a linha do tempo emenda duas pontas e realiza um salto súbito, e é luz que vaza na janela, e há pássaros e carros do lado de fora, há gente acordada, ácaros macios no acolchoado, e já vejo um café fumegante, as coisas

estão de volta ao lugar e o pior já passou. O momento de insônia parece então vago e remoto. Como na noite passada, desvairado em destilar minha paixão de adolescência.

Não sei se foi a memória da paixão ginasial, na sessão passada, que resgatou a paixão colegial. Minha paixão de adolescência também naufragou sem aportar em terras prodigiosas. Esta não era loira ou ruiva. Tinha cabelos encaracolados, cachos que nunca paravam de dançar. Tudo o que consegui conquistar em seu continente foi a praia cálida da amizade. Acompanhava a garota nas aventuras de colegial, e apaixonado, trocava presentes e resguardava outras insônias. Seguindo-a pelos corredores do colégio, tive o desfrute doloroso de vê-la com mil e um namorados. Fui confidente de todos. Uma vez, ela ficou uns tempos com um cara que eu odiava. Com uma turma, descemos de carro até o litoral e, de noite, deitamo-nos todos sobre uma enorme canga ao ar livre, estirada em um gramado macio para vermos as estrelas. Um idílio romântico para os dois, e uma tortura para mim. Imaginava coisas terríveis ao escutar os beijos ao meu lado. O terrível se transformou em comédia. Passei a falar esbaforido sobre milhares de coisas, surgiam-me tiradas tão engraçadas que consegui, ardiloso, interromper o enlace do casal, que não parava de rir. Desmanchei o clima deles e, triunfante, fui dormir sozinho, enquanto eles se recolheram para um lugar fora de alcance.

O analista

Antes de devolver o Moleskine Preto na sessão seguinte, já havia tirado uma cópia para mim. A letra encardida, costurando

a fluência quebrada por recuos e correções arbitrárias consistia num material valioso demais para que não o conservasse. O que havia ali não podia ser perdido, e este ímpeto de preservação foi o principal motivo de meu ato invasivo de pirataria.

Tratava-se de uma espécie de diário. Na leitura percebi que parecia ter sido criado para outros, não para si. Encontrava-se pronto para publicação. Lembrei-me do que tinha dito uma vez, citando Cortázar: “Para escrever um diário, é preciso merecê-lo.” Pois estava claro que aquela investigação privada exigira um delicado trabalho. Seu conteúdo – ou, antes, o modo como este conteúdo era expresso – detinha um declarado teor literário. Fiquei espantado com a quantidade de coisas que não participavam da análise. Estava claro: eu era sujeito a uma discreta e maciça sonegação de informações. Quiçá o paciente ainda estivesse se preparando para contá-las.

E havia algo mais. Este diário publicável carregava uma semelhança insólita com um outro gênero literário: o roteiro cinematográfico. Pensamento destilado em palavra, destilado em literatura, destilado em imagem. O que ele pretendia com aquilo?

Exponho a seguir um dos primeiros excertos que me chamaram a atenção, e que motivaram uma mudança radical no modo como via e abordava este caso. A princípio, o que motivou meu interesse foi a presença neste trecho do escritor grave Chechinatto, amigo e colega recente. Depois, perceber que algo se disfarçava. Um diário público, parente do roteiro e que portava mensagens cifradas era algo que nunca vira:

A mulher fez deslizar um disco do Miles no aparelho. Passados 56 minutos e 15 segundos, ela decidiu que era o momento

de inserir uma trilha cubana. Depois, Edith Piaf. Durante estas três horas, Chechinatto e a mulher continuaram conversando na mesa da sala. Ele estava lívido. Era seduzido, e se abria para isto. Ele sempre admirara a tranquilidade dos ricos de sua idade. Ela tinha cinco vezes mais livros e dez vezes mais discos que ele. O apartamento era propriedade dela, embora o condomínio devesse ombrear com o aluguel que ele despendia todos os meses. Em sua infinidade de detalhes, o imóvel consistia numa franca ostentação criativa. A moça já tinha produzido e viajado bastante, e embora ele não pudesse muito se queixar, não conseguia se furtar de invejá-la. A precariedade de Chechinatto era patente. Comprava livros com culpa e a conta-gotas. Tudo o que fazia era aos poucos. Tinha muito medo de avançar. Naquela noite, não haveria de ser diferente. A única razão que ainda os unia era a necessidade de substituir uma frase imperfeita do script de um curta-metragem que ela dirigia e ele roteirizava. Nem isto fizeram, comandados mais pelo vinho e pela conversa lânguida. Ela comentou que iria a Paris aprimorar o francês. Ele aventou a ideia de visitá-la (não era verdade – com que dinheiro?), ela respondeu que adoraria. Ele ameaçou ir. Conheciam-se há três dias, e ele já pesava os prós e os contras de uma vida com ela. O vinho acabara. Ela resgatou a garrafa de cerveja pela metade que havia na geladeira. Ele acompanhou de esguelha a curva de suas costas até um bumbum pequeno e redondo. Fantasiou uma aproximação. A cerveja ainda estava boa. Os dois conversaram sobre antigos namorados, as aventuras, as decepções. Ela teve mais amantes que ele, que namorara duas e se casara em seguida. Depois, falaram de amigos, e ela disse que a solidão era grande. “Eu sou muito sozinha”, disse, e se vislumbraram. Era evidente que queria beijá-lo. Ele pensou que

era tarde demais. Sua mulher havia acabado de ligar. Dava aflição pensar em seu sono leve, e ao lembrar que ela sabia que os dois estavam juntos, um homem e uma mulher à sombra da madrugada. Ele tossiu. Sentia-se fraco, bêbado, sua língua uma lixa áspera e insensível pelo excesso de cigarros. Piaf chorava nas caixas de som, e ele observou os cotovelos finos da mulher, apoiados no balcão que agora os separava, ela na cozinha, ele na sala, sentados em banquinhos altos. Aquele hiato era a hora. Chechinatto procurou não pensar. Levantou-se, achando seu próprio gesto um tanto brusco e desconjuntado. Contornou o balcão. Tocou com a palma quente da mão as costas da cineasta que, inclinada para a frente, fazia engrossar os seios pequenos. Ela se voltou para ele, e se beijaram.

Os primeiros cinco segundos foram bons, porque ele se vangloriava de ter conseguido. Sentia-se homem por ter realizado o gesto, e por ter sido aceito. Em seguida, sentiu que o beijo da cineasta era diferente. Ela disse: “Estou apaixonada por você”. Sua voz era baixa e direta, sem variações. “Você está sentindo?”, ela perguntou, e o estreitou em seu corpo. Foi prazeroso pressioná-la entre suas pernas. Ela retirou os óculos dele, perguntando: “Posso?”, e colocou-os sobre o balcão. De perto, olhando-a, sentiu uma estranheza aterradora. Sua voz era metálica. Chechinatto se afastou. “Não posso mais”, disse. E não conseguiu voltar a beijá-la. Respirou uma vez. Um beijo, pegou-a pelo pescoço, como fazem os apaixonados, mas percebeu que estava simulando este movimento. Ele também estava frio. Bastava. O que sentiu foi quase uma preguiça em continuar. Beijar lhe cansava. Havia muito tempo que não o fazia. O que sempre fora um jogo delicioso parecia agora um ritual sem sentido. Sentiu vontade de

ir embora. Isso também era novo. Então é isso que os homens sentem, pensou. Nunca foi indiferente a uma mulher. Nunca disse não. Agora, descobria que pensar em si também era uma coisa muito desagradável.

Dois dias após ler o trecho pela primeira vez, percebi que o Chechinatto do diário não era o mesmo Chechinatto que o escritor encontrava todas as semanas. Que aquela era apenas um modo de disfarçar outra pessoa. O próprio escritor. Ele estava se referindo a si mesmo. Outro ponto importante era a abundância de detalhes, o que indicava que o texto narrava um episódio recente e verídico, e que precisava permanecer escondido de alguém. Se isto procedesse, o escritor era casado, e o disfarce o dissimulava da esposa. Havia um impulso de afirmar aquela história e, ao mesmo tempo, de conservar o segredo. E ainda, ficava evidente que ele não estava satisfeito com o casamento mas que, por algum motivo, não conseguia se separar. Algo estava por acontecer, e era por isso que ele passara as últimas sessões reencenando suas escolhas eróticas.

Quantas expectativas devem ter se acomodado a esta companhia amorosa! Teria sido este o motivo real de sua decisão por se analisar? Não seria esta a razão pela qual o escritor não podia escrever como gostaria, estando ele tão ocupado em se desvenhar de alguém que o ama, que finalmente o ama após uma trajetória tão desolada? E ao mesmo tempo, deparava-se com o desejo frustrado de trair, de reconquistar um mundo interno que não precisasse compartilhar, e por outro lado, com o temor paralisante ao cogitar a volta à rotina solitária dos solteiros. A insônia não seria um modo de ficar sozinho durante algumas horas? Um

escritor, ou qualquer um, não precisa do silêncio que um amor perfeito jamais poderá propiciar?

O escritor

A minha terceira paixão não raspava os pelos das pernas nem das axilas, não lavava as mãos depois de usar o banheiro, era morena, furiosa, e tinha os dentes tortos como os meus. É o que Deus faz quando você pede algo a ele: ele te faz esperar, e depois te dá. Sentia que não seria ninguém, não começaria a existir se não tivesse uma namorada. Eu precisava fazer sexo, saber o que era uma mulher, me sentir desejado. Que alguém me apontasse: “Estou com ele”, seria o suprasumo quintessencial da existência, a solução de minhas misérias. Não havia sentido nenhum em viver sem companhia. Seria como ligar o projetor em um cinema vazio.

E chegou o tempo da faculdade, a princípio a salvação de todos os problemas, e depois, apenas a reedição deles em um ambiente mais livre. “Senhor”, rezei, não sei quantas vezes, torcendo para que ele não ficasse chateado em ter sido a última opção na lista das entidades divinas a quem recorri: “Senhor, tudo o que quero é uma mulher. Qualquer uma. Quero transar, também, por favor. E aí, depois, pode deixar que me viro, prometo, Senhor, amém.” E muitos anos depois, já na faculdade, esta garota me chamou para viajar pelo Sul do país, com ela e uns amigos. E transamos. Ela disse que eu tinha um pinto bonito. “Eu sabia que você tinha um pinto bonito”, me disse. O problema é que ela tinha muitos namorados, um em cada cidade costeira. “Eu não

gosto desta coisa de exclusividade.” Em sua opinião, fidelidade era posse, e a mulher não era uma propriedade. “O que você está propondo é absurdo.” E como eu não tinha referências concretas nem ninguém a quem recorrer, concluía que deveria estar mesmo pedindo algo absurdo. Mas às vezes transávamos, embora ela gozasse antes de mim, e depois se virasse e desmaiasse de sono. Brigávamos noite e dia, e com aquilo tudo até cheguei a me apaixonar, veja só, voltamos da viagem, e continuei atrás dela, e ela: “Preciso trabalhar”, reclamava, debruçada sobre cartazes do Centro Acadêmico, usando tinta sobre papel pardo. Eu queria conversar, ela dizia estar ocupada, e eu achava graça daquilo. Nada sério era sério para mim, e a sisudez não passava de um faz de conta desossado. Mas eu achava graça sem sorrir, na verdade sentia raiva, muita raiva, e não conseguia pensar em outra coisa. E assim se arrastaram seis meses, e nas férias seguintes ela voltou para o Sul, desta vez sozinha, conheceu um uruguaio que fumava maconha o dia todo e cozinhava muito bem. Não voltou mais.

Precisava ser mais específico. A experiência com a minha primeira namorada tinha sido importante, mas é como se Deus tivesse dado apenas aquilo que pedi: “Senhor, desculpe incomodá-lo mais uma vez”, eu rezava muitas vezes ao pôr do sol, aguardando sozinho no ponto de ônibus do campus. “Senhor, por favor, eu preciso de uma garota gostosa e bonita. Que faça sexo oral e anal, não vou esconder. Quero que me invejem pela minha namorada. E uma garota que não seja fugidia, que já sofri demais, senhor.” E foi então que apareceu a quarta paixão. A terceira tinha ido para Montevidéu, e em represália deixei meu cabelo bem curto e o pintei de vermelho. Foi quando ela se apro-

ximou. Mestiça, nipo-germânica, uma Valquíria samurai com cintura de vespa, cabelos longos, das mais cobiçadas da classe. E o beijo foi ótimo. O sexo excelente. Saímos para viajar, e a vida parecia entrar nos eixos. O prazer durou alguns meses.

A verdade é que ela não me largava. Não tinha nada a ver comigo. Ouvia músicas intragáveis, me arrastava para *blockbusters* de shopping com finais sempre felizes, e seu sonho maior era casar-se comigo, embora sempre suspeitasse que eu a estivesse traindo. Sentia ciúmes de meus amigos de então, obrigou-me a parar de vê-los, e eu, que ainda não tinha ideia destes parâmetros, que ainda temia ficar sozinho mais do que tudo, continuei com ela por mais dois anos.

O analista

A dor debaixo das unhas roxas, os mamilos queimados, o rosto protuberante forçando os olhos a permanecerem cerrados e lacrimejando, a boca amarga de sede, de fome e de sangue, o eco de uivos e dispositivos elétricos, passos de coturno no corredor, o cheiro de fezes e urina saturando as paredes sem tinta, ou é de mim que emana este cheiro, deste volume quente e pesado entre as pernas, espatifado nas calças que mamãe passou a ferro em um tempo afastado deste presente absoluto de vultos acuados, amontoados numa jaula, a luz da tarde que se distribui timidamente, incapaz de dissipar a umidade daqueles peitos que incham e murcham, chiando de torpor e pânico mudo. A súplica de um homem que se descompõe feito criança atinge em cheio os nossos ouvidos, ninguém esboça reação, como se partisse de

um fantasma desenganado ou de um irmão sob o açoite do pai demoníaco. Impera o silêncio tácito, o derradeiro abrigo sitiado, que cede aos poucos, minada a resistência dos corpos e das vontades. Alguém ora, soprando as palavras contornadas por uns lábios que mal se movem. O desvario de uma aspiração agora envergonhada, tola, a festa subterrânea desfeita na vala da ordem e da limpeza, e é quase com alívio que se presentifica a certeza de que semana que vem estaremos todos atirados a esta vala larga e rasa, nos fundos de uma chácara sem moradores, já livres de nome e identidade no despudor e ausência de vaidade dos cadáveres nus, uns sobre os outros, e ao lado a pilha de roupas ardendo numa fogueira. Que bobagem, acreditar que... Na mão direita, inerte e molhado de suor, lembro, há um vidro de remédio. A bomba escondida. Que história poderei inventar? Preciso pensar, traçar algum plano de fuga, mas o sono e a náusea me dobram, e estou deitado com as costas na terra fofa de um jardim florido, os olhos manchados pelas nuvens vagarosas. Alguém me chama, e levanto-me correndo, invadido pelo aroma de café queimado. Chego na entrada da cozinha, ofegante, o peito assobiando, e alguém me estende o comprimido, entornado daquele mesmo vidro de remédio. Engulo com a saliva. Meus irmãos trepam numa árvore, e corro atrás deles. Lá do alto, estapeiam-se por uns frutos de tonalidade fulgurante. Depois, atiram os frutos um no outro, e mal os alcanço, já descem novamente. Há um homem à porta. Carrega uma pilha de jornais velhos. É nosso avô. Venderemos o jornal no mercado, e com o dinheiro iremos ao cinema, ao *snooker*, e tomaremos baldes de refrigerante. Estou de férias, penso, não deve fazer muito tempo que cheguei de São Paulo. Distraio-me contemplando meu ir-

mão, que ainda está vivo, e seus olhos não parecem de mentira. Chamo por ele (“Fernando, Fernando!”), mas o menino já dobrou a quina da casa e sumiu de vista. “Estou aqui”, penso. Mas é claro. Onde mais estaria? Ainda carrego uma aflição imantada no peito, que ao menos não chia mais. Aquela (esta?) é uma tarde como outra qualquer. Mas já anoitece, e alguns policiais vigiam a estrada. Receberam uma denúncia, só pode ser. Acenam para um carro, que desacelera no acostamento, e de dentro, ergue-se Fernando, vinte anos mais velho, os olhos já esvaziados da quiescência de criança, e agora encobertos de fúlgem e sono. A boca, livre dos olhos, fala pelos cotovelos. Não sei onde estou. Não importa. Vasculham o automóvel, indiferentes à arenga do motorista. Distribuem chutes nas calotas, e uma delas se desprende com um baque abafado, deixando cair um embrulho compacto. Fernando corre para a mata. Não se detém quando um dos fardados cospe uma bala para o alto. Num átimo a faísca do disparo ilumina rostos pávidos. Incontinenti, lançam-se atrás do foragido. Tantas vezes fugiu, tantas apanhou, tantas foi apanhado. Caminha agora com um carcerário em cada ombro, e é só então que, ao se descobrir engolfado pelo mais literal dos infernos, sendo ele (ou eu) o prisioneiro que, para escapar alucina outra masmorra de papéis, edifícios e sentenças, só então atina para sua nova família de miseráveis e psicopatas entediados em suas celas, e por um momento recorda os tapetes da sala de sua casa na Peixoto Gomide, e deixa escapar a espessura inabalável do criminoso para voltar a olhar tudo com os olhos infantis, e não entende como foi parar ali. Os pais e os irmãos estão em algum outro canto da cidade. Ainda não sabem onde está, e daria tudo para que continuassem não

sabendo. Não faz muito tempo que me ouviu, do negrume do quarto, gritando na sala com o nosso pai. “Vocês deram muita liberdade pra gente! Muita liberdade pra gente!” Fernando revira a vista na cama, o filho pródigo que retorna outra vez, abrindo um caminho irrecuperável de sua temporada no coração das trevas. Meu pai chora, desconsolado. Minha irmã, com sua piedade irresponsável, afaga-lhe os cabelos escassos. Estou furioso por ver onde Fernando foi terminar – sem saber se este será mesmo o ponto final – com sua nova família, o remorso marejando em seus olhos, marejando a intuição de que o tempo da liberdade terminou, que do sorriso indolente, dos motes distribuídos aos irmãos, de Alda, a bela portuguesa com quem fugiu para se casar no carnaval, do afago manso na mãe em tempos de bonança, do futuro dos Novaes, da tradição, do destino daquele burguesinho metido que voltava para Avaré apenas para aчинcalhar a gente pacata do interior, de tudo isto só resta o espectro sem testemunhas, tirante estes agentes penitenciários que o acompanham. E todo desgarramento de sua primeira família será penitenciado por aquele panóptico tropical. Ninguém senão a Lei poderá contê-lo. Somos dois atrás das grades. Quanto a mim, foi a ilegalidade da Lei que me desferiu este golpe de azar. Desperto quando ouço a porta da cela se abrir num estalo, e os oficiais arrastarem para um canto algo que já não é mais um homem, que já não chora como criança. Os outros prisioneiros, jovens como eu, abrem espaço para que possa se deitar, e alguém ergue-lhe a cabeça e aproxima uma cuia d’água dos lábios. Sou eu que estou lambendo aquela água benta, inundando-me naquela fonte límpida, e retiro-me na paz desta outra imagem fraquejante, despertado não sei quanto tempo depois por um

espasmo no braço direito, e volto a constatar que o vidro de remédio para bronquite continua comprimindo minha palma, oculto pelos dedos. Volto a reconhecer aquele sopro-prece, tento rezar também, mas minha cabeça não está em seus melhores dias, e ao final me resigno a seguir atrás do cortejo de palavras, a murmurar uma ou outra sentença discernível, velando também o homem recém-dizimado que jaz no meio da cela, contornado pelos calçados dos outros, que se recostam nas paredes como numa missa. “Pai, livrai-me de toda dor. Senhor, que não me recorde dos dias desgraçados.” Com um esforço que me parece desmedido, comprimo a tampa do vidro até que escorregue para fora. “Enterre debaixo de minha casa toda chaga, toda privação, toda perda, toda saudade.” Entorno dois ou três comprimidos sobre a mesma palma que segura o vidro, e em vão, tento produzir alguma saliva. Num movimento mole, lânguido, consigo levar a mão à boca, e os engulo em seco. “Afasta de mim a morte, o medo da morte, a lembrança do medo da morte.” Repito o mesmo movimento, engolindo mais alguns. “Concedei-me a dádiva do esquecimento. Que os meus filhos, e os filhos de meus filhos herdem tudo o que não conseguimos suportar. Que detenham as chaves das portas que não pudemos abrir.” Meu estômago estufa e retorce de imediato, procurando retornar a refeição indigesta. Espero mais um pouco, ganhando tempo e distraíndo os músculos involuntários. Abaixo mais uma vez a cabeça. “Que recebam como pesadelos o que tivemos de viver acordados. E que estes pesadelos não dominem as ruas, a cidade, o planeta.” E sobrevinda outra lembrança gratuita, dispenso uma força sobre-humana para me agarrar ao lugar onde estou. Franzindo o cenho, luto para estar desperto durante este último

presente, mas o espírito assustado resiste. Quer achar uma brecha, infiltra-se na percepção e me faz crer que este presente não passa de um pesadelo sonhado por outrem, e que este lugar já cicatrizou no esquecimento dos traumas. Mais um motivo para dormir, penso, e abro os olhos. Ninguém está rezando. Ergo o vidro de Reveril, encho a boca com os comprimidos restantes, e começo a mastigar, a farofa química se desmanchando numa substância ácida e pastosa. Só então reparo que alguém me observa. É uma mulher de cabelos compridos e óculos encardidos. Os meus braços amolecem, volto a encostar a cabeça na parede. Não consigo mais deixar os joelhos dobrados. A moça me esboça com um sorriso. Sorrio também, mas vejo que o rosto já demora a responder aos meus comandos. A moça parece estar ao meu lado, e desrespeitando o sigilo dos militantes, pergunto, sem saber ao certo se falo ou se penso: “Qual é o seu nome?” Por um tempo infinito ela não emite uma reação. Não sei se ouviu a pergunta. No momento em que me preparo para repeti-la, seu sorriso se abre, e ela diz: “Aurora.”

O escritor

Na primeira lembrança que guardo de Aurora, ela está rodeada de amigos em um dos corredores da faculdade. Falam alto e copiosamente, e uma das colegas faz transbordar gargalhadas altissonantes, por razões vagas aos que observam de fora. É uma tarde como qualquer outra, e Aurora é uma garota como qualquer outra. Nada destoia, ressalta ou incomoda, a não ser talvez o detalhe de estar no centro da roda, e de apoiar-se sobre duas

muletas como um sadio se apoia numa doença. Existem aqueles que com um único relance atinam muitas coisas. Não sou assim. A única coisa que me serve de referência naquele momento é estar fora da inteligibilidade das piadas e das muletas, sem intuir que na realidade estou dentro da cena, mal disfarçando uma atenção compenetrada, e me sentindo assim, uma espécie muito particular de consciência a flutuar atrás do foco de visão. Mas não sou fotógrafo. Faço parte da fotografia.

Depois, rememoro uma festa. É noite, e estamos recostados a um canto da pista improvisada sobre o gramado. Recordo que, desta vez, procuro resgatar uma certa transpiração. Aurora tem um sorriso de cerveja debaixo das sardas e ignora que estou ao seu lado. Destacando os fios lisos que correm atrás de suas orelhas, não sei que milagre é este que espero, e que nos fará trocar alguns comentários casuais. Divirto-me ao imaginar um homem mais magro e dez anos mais velho que eu a se aproximar para ajudá-la a erguer-se. Suas pernas estão boas novamente. Este homem passa então a dizer com uma segurança e uma serenidade que eu mesmo nunca tive. Os meninos, exibindo-se ao redor, não o ameaçam. Aurora, de início, ensaia um recuo, uma mínima defesa que a mensagem das peles e dos pelos logo descarta. São os cílios longos da mulher. O modo como seu sorriso avoluma as maçãs do rosto. Dirige-se à sua delicadeza, e à franca virtude da música e da entrega, ao anunciar que Aurora vai me conhecer no último ano da graduação, quando ainda apaixonada por outro, procurará consolo em nossas semelhanças. Levará ainda um tempo para que se apaixone, mas minha insistência será tanta que, ao final, estaremos namorando. Três anos mais tarde, celebraremos o casamento.

Aurora se volta para mim, ainda sentado e pasmo, sem reação ante as palavras do profeta desconhecido. Procurará escrutinar as qualidades que semearão nela o que será batizado de amor. Mas verá somente um rapaz como outro. O oráculo tocará seu queixo e a chamará de volta para si. O amor também é qualquer coisa, irá dizer. O amor é um labirinto onde caminham uma, duas, mais pessoas, cada qual com sua definição de estar perdido. Amará este como amou outro, embora ame este mais. Dedicará sua vida a ele por algum tempo, ou para sempre. Aurora não se contenta com estes presságios. Quer entender mais, quer encontrar um sentido. Quer saber como irei tratá-la, quer que diga quem sou e como será a nossa rotina. A isto, o oráculo não oferece respostas. Isto porque eu mesmo não sei. Ademais, Aurora não admite este “enlace como qualquer outro”. Para ela, nenhum enlace obedece a um padrão. E frente a isto, não me vejo no direito de objetar. É muito cedo, ainda, para que ela saiba, por exemplo, que todo casal se sente mais ou menos tímido quando se conhece, e faz uso de certo número de reservas, pois a rejeição é um imperativo que se antecipa com facilidade, e não gosta de se apresentar sem sobreaviso, e em decorrência disso, sucede-se um balé curioso de passos laterais, que ora aproximam, ora afastam os corpos dos bailantes. “Com você a vida tem mais poesia”, Aurora dirá, num desses bares. Mas que poesia? Como pode, da obscuridade, do pessimismo crônico, de uma ambição desesperada, brotar algum lirismo? E justamente em mim, o mais pragmático dos escrevinhadores, ela enxergará poesia. Eu sei por que vou me apaixonar: por esta poesia que ela vê em mim. Em nome disso, moraremos juntos,

e construiremos uma infinidade de outras ficções. Todo casal tem seus apelidos, seus programas de fim de semana, seus modos de se abraçar na cama, e seus subterfúgios ante o incômodo deste abraço. O próprio abraço será um terceiro, uma potência tranquilizadora e aversiva. Aurora não sabe dizer adeus. Eu desconheço como não fazê-lo. E depois destas quatro paixões desafortunadas, Aurora virá trazendo o que eu ainda não tive, como quem oferece algo para comer. Que fazer quando estiver saciado? Sofrível dilema. A ele, respondi com a espera. A espera pela fome. E a esta fome, Aurora ofertará outro prato. E sôfrego me farto. Não sei quanto tempo isto poderia durar. Porque estar com Aurora é como ser banhado de luz. Aos poucos, sente-se falta daqueles vãos obscuros, e descobre-se que tudo sob este facho é imensamente feliz, positivo, cristalino, e que os segredos estão dourando sem o menor contraste, que a vida é uma linha do tempo e que em algum ponto desta linha surgirão sem dúvida outras linhas, frutos do ventre de Aurora e semente do meu sêmen, e que esta linha vertiginosa e horizontal será também o prenúncio da tragédia. Ao lado dela, tecerei pontilhados quiméricos, menos retos e precisos. Sonharei com as curvas e os recuos destas realidades paralelas, e pintarei viagens, perdas de tempo, frases prolixas, vilarejos sem saída, recantos abandonados, projetos de malogro e somas vultuosas desperdiçadas. Enquanto estiver com ela, não poderei pensar. Mas buscarei o silêncio – ventre do desamparo fora do qual, constato, não posso respirar muito tempo. E, contudo, serei feliz ao lado de Aurora, que em alguma medida sempre se conservará virgem. Ela rogará para que eu ensine tudo o que aprendi, de minha noite de algodão e névoa. Grato,

cumprirei seu desejo, e levará tempo demais para descobrir que a matéria ensinada se transformará enquanto proferida para o deleite de seus ouvidos ávidos. Aos poucos, serei despedido de tudo o que sei, debaixo de uma nitidez horrenda.

Uma noite ensolarada não é uma noite, seu idiota. E eu não sou um fotógrafo, e tampouco entendo qualquer coisa de cenografia. Julgava-me capaz de filtrar estas influências, de resistir a este labirinto amoroso, de poder recodificar os apelidos, os hábitos e a dança de um casal, ao mesmo tempo que fazia parte dele. Agora vejo: desapareceu o oráculo; o corredor da faculdade; aquela festa. Estou aqui com você, analisando-me, por isso. E por tudo que há nisso.

Estou aqui porque quero minha noite de volta.

O analista

Contornando o busto de São Francisco que sombreava o jardim, Irmã Dora, as mãos alvas e firmes entrelaçadas no peito, foi sentar-se num banquinho voltado para o poço de cágados. Desavisada, repousou ali as impressões do dia perpassadas naquela larga casa de tijolos vermelhos, corredores repletos, sumidades de jaleco e almas encomendadas. Matizados pelo entardecer sem nuvens, os cágados flutuavam sobre o limo e a água morna, as patas malemolentes e os olhinhos inexpressivos. Secou uma lágrima que escapava quando pressentiu a aproximação da superiora. Ergueu-se, novamente rígida:

“Madre Catarina”, falou, sem levantar as pestanas, torcendo para que o hábito ocultasse o rubor das faces.

“Sente-se, irmã”, respondeu a outra, com a autoridade das rugas e dos ossos salientes. Acariciando a majestosa cruz de prata que carregava no pescoço, sentou-se junto dela.

Por um momento quedaram-se assim, em silêncio contemplativo. Um dos cágados fez borbulhar a lagoinha do tanque, e a atenção das duas religiosas se voltou para aquele movimento sem causas ou conseqüências.

“Irmã Dora”, chamou a superiora, interrompendo o mutismo das duas. As janelas da Santa Casa duplicavam a tonalidade variada do pôr do sol.

“Sim, madre.”

“Você sabe por que está aqui?”, inquiriu.

A jovem sobressaltou. A sua incapacidade era sem dúvida a razão daquela rara troca de palavras. Respondeu com a voz mais rouca:

“Senhora, eu venho de uma cidade pacata. Quando entrei no seminário, o que aspirava...”

A outra interrompeu ainda:

“Não, filha. Não é isso que quero saber. O que estou perguntando é se você sabe a razão de ter escolhido este banco em particular para espaiar-se.”

Dora, confusa pela extravagância da pergunta, calou um pouco. Sem esperar, a madre continuou:

“Veja, irmã. O que acha desses bichinhos?”

“Das tartarugas?”

Neste momento, uma das criaturas se voltou para as mulheres, como se refletisse sobre a conversa.

“Sim, das tartarugas.”

Dora afirmou, tímida:

“Dá uma tranquilidade olhar para elas.”

“Já parou para pensar que elas não sabem onde estão? Não sabem que o pequeno mundo delas existe apenas para servir de ornamento ao jardim de um hospital.”

“É mesmo, senhora. Não sabem. São tão bonitinhas”, distraiu-se a outra, mais aliviada.

“A dor de um homem não cabe no mundo. Quando jovem, eu também sentia o que você deve estar sentindo agora, quando socorria os enfermos em minha cidade. E ao lado deste suplício humano, criaturas tão pacíficas! Ovelhas que pastam de uma montanha à outra como se caminha do berço ao caixão.”

Foi apenas então que Irmã Dora percebeu que a outra não vinha ralhar com o seu intervalo de descanso. Não compreendia como que, de trás de sua austeridade portuguesa, a madre superiora atinara para sua exasperação e resolvera confortá-la. Falou, desta vez mais tranquila, temperando ainda o seu sotaque interiorano:

“Essa gente: sofro tanto com eles. De vida a vida, cumprem uma existência tão monótona, senhora. Passam os dias numa fábrica distante, e os domingos sem a menor trégua, porque precisam lavar roupa, fazer feira, faxinar a casa. São humildes demais para se queixarem. E o pouco que têm é tudo o que têm – não há nada fora disso. Calejadas, vêm para cá, passar o dia todo esperando uma má notícia. Outras nem saem. Nisso, até parecem com esses animaizinhos, que só fazem existir. Mas a dor é tanta, senhora, que às vezes a minha fé esmorece. Sim, são pecadoras. São filhos de Jó. Mas e as crianças? Não cometeram mal. Eu choro por elas, e rezo por elas todas as noites.”

“Tem certeza de que não chora por si?”

“Não, senhora!”, surpreendeu-se a outra.

“Irmã Dora”, falou, abrandando a voz “Às vezes rezamos sem saber que aquilo que pedimos é que a vida seja menos severa. É por isso que costumo também visitar este banco. Porque Deus fala comigo entre a dor do homem e a placidez da natureza. Às vezes, penso que os olhos de Deus são como os dessas tartarugas. A sua sabedoria consiste nesta indiferença.”

A calma voltou a imperar. O hospital, então, parecia uma casa de repouso, as almas passando sem rumo atrás das janelas. Pombos enfileiravam-se nas calhas e um gato malhado cochilava debaixo de um dos bancos, ladeado por moitas imóveis. A mãe superiora, distraída como a outra, deixou-se impregnar por aquele intervalo. Depois, endireitou as espaldas, dobrou os olhos para os joelhos da irmã, e comentou, retomando:

“Está vendo aquele senhor que apara o gramado?”

Desperta de um devaneio onde a indiferença de Deus servia de âncora, Dora voltou-se para a esquerda. Acocorando o tronco diminuto e robusto, um homem rijo laborava compenetrado, manejando grosseiramente uma tesoura. Tinha as unhas curtas e escuras, a pele queimada, e um bigode fino encravado em seu rosto de meia-idade. Apesar da temperatura amena, o suor escorria pela testa.

“Seu Pompeu? Ele faz uns serviços aqui, não é?”

“Você o conhece?”

“Não. Conversamos pouco. Ele vem e vai, sempre com pressa.”

“Ele também trabalha em uma farmácia, atendendo os clientes. Chegou aqui certa manhã, com os olhos brancos e quase cego.

Teve oito filhos, alguns morreram. Trabalhava numa lavoura de café, em Santo Antônio do Pinhal. Nasceu num transatlântico, filho de italianos. Sendo o único alfabetizado em sua colônia, lia todo fim de tarde para um público de vizinhos que se sentava na ribanceira defronte de casa. A esposa morreu, e ele perdeu o rumo. Desencaminhou as raízes. Viveu em Guarantã. Em Minas. Depois, em Pirajuí, cada filho espalhado por aí, servindo de pajem, de camareiro, construindo bloco, e tirando misérias. Costuma dizer que no interior não se passava fome. Pompeu, reformando uma fazenda, sofreu a troça de um amigo, e acabou caindo numa vala de cal. Encegueceu. Sozinho, veio parar aqui. Passou o dia em vão esperando um atendimento. Acabou dormindo sob os bancos. Não tinha um vintém nas posses das calças e, então, começou a ajudar nesta casa. Fez coisa aqui e ali, não podia se achar sem serventia. Começou um tratamento, melhorou da vista. Voltou para o interior, mas a poeira da lavoura feria os seus olhos. Desde então, de tempos em tempos retorna, nas mesmas condições. Como se nascesse e morresse mil vezes, vivendo sempre a mesma pena danada, despojado e de bolsos vazios. Quando conversamos, me contou que era o exemplo dos filhos. Que fiava nos preceitos católicos, embora eu suspeite que há pé no terreiro, porque essa gente só come arroz e feijão se misturados.”

Com estas palavras, Dora sorriu, o semblante cheio de piedade.

“Que alma virtuosa, senhora. Eu não... eu não sabia. Ele é a prova de que não é preciso batina para se inspirar nos passos do ressuscitado.”

Como se não tivesse ouvido o comentário da jovem, irmã Catarina ergueu a mão direita e acenou. “Pompeu!” O homem,

concluído o aparo da grama, achegou com presteza, a tesoura firme numa das mãos, o corpo e os andrajos encharcados da secreção azeda.

“Boa tarde, Pompeu. Você por acaso se lembra daquele prato que aprendeu a fazer estes dias, e que prometeu cozinhar para nós?”

“Lembro, sim senhora” respondeu firme e prestativo. “A senhora quer que faça?”

“Para hoje. Pode ser?”

“Claro, senhora.”

“Obrigada, Pompeu. Eu aviso os funcionários da cozinha.”

E enfiando a tesoura no cinto grosso, Pompeu se inclinou sobre o tanque de cágados. Apanhou o maior deles pelo casco – aquele que repousava sobre o limo – e como quem carrega uma pedra, ergueu-o sobre ombro direito e saiu.

O escritor

Quero narrar agora o que vocês, analistas, costumam chamar de “sonho paradigmático” de um paciente, aquele que mescla ansios individuais e coletivos, que alinha os traumas do passado, os pânicos presentes e os desejos de porvir. Este é o meu sonho paradigmático: a Guerra das Folhas. Assim é chamada, e a contarei como se tivesse mesmo ocorrido (pois creio de fato que ocorreu, ou vai ocorrer), como se não fosse uma história muito mal contada e escutada.

Guerra das Folhas. Ou Litígio dos Papéis, desta forma, na ambiguidade, o que muitos tomam por ambivalência. Muitos nomes batizam o conflito, e por muitos viéses é tomado. Não sei

se o levo a sério, mas a fuligem que me subiu aos olhos e invadiu meus pulmões na visita à livraria é mais que nefasta, ainda que incitada pelas crenças mais estapafúrdias. Tanta coisa ouvi nos últimos dias – tantas sentenças, elipses, imperativos, contra-argumentos, manifestos e brados motivacionais que prefiro antes relatar que julgar. Não creio em nada. Equilibro-me nas pernas de pau da minha história. Respeito mais o seu silêncio, que reinou nesta sala desde que arrolei minhas paixões. Você parece estar em outro lugar, ainda que comigo. Ou antes, em mim. Não posso me queixar. Tenho pouco, e é tudo que preciso para começar. Continuar. Vou querer Aurora entre todos estes elementos gravitacionais que compõem o passado. Este passado âncora, que aos poucos deixa de pesar como o ferro e chega a se alçar, com a leveza das velas, sobre a minha navegação. Minhas paixões zéfiros, engolfo-as para rumar. Não virei ainda um navegador tarimbado, mas já não mais me vejo ao sabor das forças naturais. Aprendo a manejar estes instrumentos, confiando no compasso do acaso. Chamam-me Ismael, Marlowe? Chamam-me por todos os lados, por tanta alcunha que há, mas são apenas vozes sem dono, atiradas à maresia, centenas de mensagens em garrafas que se estilhaçam contra o casco que, alhures, imaginei frágil e estofado de cupins, mas que agora sei, é suficientemente poderoso para a empresa. Ainda não sei se sou tático ou estratégico. Sei que a noite alimenta a minha manhã. Que estes fragmentos enterrados – cântaros, pisos, idioletos esquecidos – rendem civilizações imaginárias inteiras, que uma única biografia não dará conta de narrar. Desperdicei tantos dias achando que me preparava, fazendo e desfazendo as malas, arquitetei tantos itinerários possíveis, compus um sem-número de paisagens e

me antecipei a cada contratempo quimérico, que cheguei a confundir a viagem com a bagagem, a anedota do sedentário com a aventura do navegante, o mormaço do cais com o enjoo das ondas. Engordei por temer a fome, e cumprui dispensar aqui este tempo para emagrecer e recobrar a agilidade. O raciocínio não desmanchou minhas contradições. Não sei se sou tático ou estratégico, se Rimbaud ou Verlaine, se Proust ou Rosa, se Vinicius ou Cabral. Nada disso. Preciso ir a outro lugar, desvencilhar-me destes pêndulos. Não armar a tenda na cidade dos pequenos, não angariar aforismos no vilarejo dos grandes. Em alto-mar, quase não vejo quão rápida segue a embarcação, e quão segura entre os arquipélagos da loucura e as fortificações do truísmo. Ainda carrego o fardo desta temerária solidão. A solidão do ofício, a solidão ontológica, a solidão em si mesma, de não revelar a ninguém os meus planos, e tampouco poder fazê-lo, até porque de nada serviria. Aprendi isso. As moedas que acumulei não valem neste país – mas em algum continente desabitado, em algum paraíso-colônia, minha forja terá valentia.

Antes é preciso que se diga que, ao percorrer o caminho dos túneis que conduzem à livraria, empinava longe o meu pensamento. Tinha descartado a pretensão política de reunir autores que, quando contatados ao telefone, perguntavam-me de quanto seria o cachê oferecido para falarem, e mesmo após explicitados os meus princípios, esclarecendo que não se tratava de uma palestra financiada mas de uma confraria subversiva, dispensavam o convite concluindo que não havia espaço em suas carreiras para este tipo de atividade, que gostariam muito, a ideia até que era boa, mas que só sabiam discorrer sobre a própria obra etc. etc. Muitos com os quais eu tivera apenas este breve intercâmbio

foram topar comigo naquela tarde. O homem de terno, a ruiva de sardas, o sujeito com halitose, o jornalista, o de camisa xadrez. Estavam todos lá, esfarrapados e sem currículo.

Seria imprudente omitir o sono onde borbulhava. Sim, em meu sonho paradigmático eu tinha sono. Perdia-me em Aurora, no gato branco de Aurora, no despreparo congênito de morar e viver e estar casado com Aurora, e de como eu não conseguia escrever estando ela em casa, ainda mais agora que ela permanecia o dia todo por lá, não me restando senão ausentar-me com frequência, procurar recantos nesta cidade que me abrigassem e à minha atividade frágil e inflamada. Tomando a galeria verde, arrisquei a Biblioteca Central, que ainda – e há oito anos – se encontrava fechada para reformas, sem previsões de reinauguração. Tentei o Bunker Bistrô. Pedi um café, sentei-me em uma das mesas vagas, mas a atendente aumentou logo o volume de uma tela plana, e as imagens eram tão nítidas e ricas em detalhes que, um a um, clientes e atendentes abandonaram o que faziam para testemunhar aquele espetáculo audiovisual cotidiano. Passei meia hora na hipnose e, quando finalmente consegui me desprender, já não me lembrava o que fazia ou a que estava assistindo. Aquele intervalo transcorrera em total inconsciência, e precisei empregar um esforço para recordar o meu nome, ou por que arrastava os pés de uma galeria a outra, todas vaporosas e movimentadas. Depois, lembrei: eu queria escrever um livro. A tarde ia avançada, meu telefone vibrava no bolso e eu refletia, ainda que disperso e sonolento com o calor dos túneis abafados, em como alguns episódios de meu romance fluíam com facilidade, enquanto outros pareciam um torneio de levantamento de peso, em que uma das modalidades consistia em arrastar o maior número de blocos

de chumbo de um largo depósito para outro, um pouco menor, e dispô-los em uma ordem inteligível. Por que isso acontecia? Deveria abandonar as cenas difíceis? Haveria algo de errado nelas, ainda que o resultado não diferisse muito das cenas lubrificadas? Passou-me pela cabeça dividir estas ideias com Chechinatto, que agora achava-se os dias inteiros no café da livraria. Mas hesitei, e continuei em busca de um recanto receptivo ao meu ofício, até por concluir que, em primeiro lugar, conhecia de antemão a resposta que Chechinatto daria àquele impasse – apregoando que eu não tardasse em dispensar as cenas fluidas, meros cantos de sereia, e que a escrita era o xadrez mais elevado que o homem criou. Fluência é descuido. A intuição, uma estrada pavimentada pelo abuso de certas palavras e noções, que perdiam assim o seu propósito, seu sentido, sua arte. E em segundo lugar: estava farto desta metacriação. Apesar da produção abundante, Chechinatto ocupava-se mais em descrever a escrita que em escrever, e eu não era mais disposto a tomar esse curso. Dirigi-me, portanto, ao Centro Cultural, constatando num instante que fora uma viagem perdida. O lugar estava em polvorosa com o show de uma grande banda francesa, que se apresentaria naquela noite. Decorando os amplos saguões de mármore, cartazes, fâs, caixas de som altissonantes, filas para cada guichê, cada elevador, cada mictório. Olhei o relógio. Seis da noite. Eu deveria voltar, antes que Aurora recomeçasse a se preocupar. Talvez já ansiasse a minha presença, com um lanche caseiro disposto sobre uma toalha singela na mesa da sala. Eu deveria voltar, pensei, sentindo que todo intervalo entre dois encontros com Aurora não passava disso, de um intervalo, um entreato, uma pausa para respirar, um cigarro no interlúdio das verdadeiras ações. No mais a mais, a incapacidade

de utilizar bem o meu tempo era vexaminosa. Considero as manhãs mais favoráveis à escrita, mas a insônia de que sofro desde o início do ano, os convites ao bar dos amigos, e um preconceito néscio de que estou mais para Dioniso que para Apolo, arrastam invariavelmente o despertar para o meio-dia. Nas tardes parda-centas o telefone não para de tocar, os e-mails não param de pingar, e o meu estado oscila entre a dispersão estabana e o sono de uma sesta por fazer. A noite, reservo para as conversas com Aurora e os programas de televisão.

Não é culpa de Aurora. Nada disso é culpa de Aurora. Posso compartilhar uma lembrança que acabo de revisitar? Creio que tenha a ver com a minha noção de tempo.

Esta noção, adquire-a por volta dos cinco anos, quando passei a observar os ensaios da festa junina no pátio de uma escola vizinha, do alto da janela de meu quarto. Da casa onde morava, assistia com deleite às filas de crianças fantasiadas, tentando acompanhar sem jeito a coreografia sumária. Não sei que fascínio me tomava ao contemplar aquela repetição diária de canções folclóricas, e o aprendizado gradual dos passos e dos passes, das trocas pueris dos casais, e de como, aos poucos, aquele vilarejo de anões aprendia, nos ensaios, o que fazer. O tempo e a repetição lapidavam os seus movimentos. Atrás de mim, minha cama, e sobre ela um ursinho de pelúcia que eu adorava – mais que adorava, precisava – e que minha mãe veio a surrupiar sem motivo aparente.

Quando cresci, lembrei-me do ursinho, e perguntei à minha mãe por que ela o havia levado embora. Eu achei que ela ia dizer: “Porque você era grande demais para ursinhos”, ou algo assim, mas ela não se lembrava de haver tomado o brinquedo. Tampouco se lembrava dele. Irritou-se com a pergunta e mudou de assunto.

Algumas semanas depois, trouxe-me um novo ursinho. Queria reparar a falta materna mostrando sua boa vontade. Eu agradeci, mas achei graça daquilo, e comecei a gargalhar, a chocalhar muito alto. Quando fui ver, ela se ofendera. Na época, mamãe já fumava muito, e a obesidade a desfigurava. Com o cigarro preso à boca comprimida, um dos olhos fechados pela fumaça, ela agarrou o urso de volta com as duas mãos. Apertou-o forte, como se quisesse sufocá-lo, e disse: “Do que você sentia falta, era disso?” E arrancou um dos olhos de botão do ursinho. “De um botão? Era isto que você queria?” E rasgou a camiseta vermelha e branca que caía tão bem sobre a pelúcia castanha. Na ponta do cigarro, a brasa quase desequilibrava: “Hein, do que você está reclamando? O que você queria que eu fizesse, hein? Hein?” E apertou tão forte o ursinho, comprimindo as unhas contra sua barriga, que o bichinho arqueou-se para a frente, os braços e pernas suspensos. “Era isto?” E a espuma branca do urso começou a sair de sua barriga. Minha mãe começou então a desestofar o animal, o que não levou mais do que dois movimentos bruscos. Seus olhos vermelhos ardiavam sobre mim, e quando ela saiu, fui apanhar o urso atirado ao chão, seus pedaços espalhados sobre os tacos, como um sonho desfiado. Em seu rosto murcho, o urso ainda sorria sem entusiasmo.)

Minha mãe. Aurora. O urso. O tempo. Mas não quero mais tergiversar, e desviar-me da tarde larga e célere, daquele torpor contagioso que me conduziu à livraria. Talvez esteja prolongando o fim desta sessão, e testando a sua silenciosa paciência. O que há com você? Posso continuar? Sim? Não? Você não vai me responder, e nem sei ao certo onde está.

Pois bem. Estou entrando na livraria porque, perdida a tarde entre cafés, bibliotecas em reforma e centros culturais improdutivos, decido ganhar mais alguns minutos antes do fim do dia. Observo um tumulto na sessão de literatura em inglês. Os clientes, dispersos pelas outras sessões, ora continuam a flunar entre os títulos, ora erguem o olhar para o mezanino, ora cravam-no em uma pequena roda de pessoas entre os *hardcovers* e os *paperbacks* dos selos ingleses e norte-americanos. Ouço uma risada desagradável lá de cima, seguida de outras, e em coro, silenciam com a mesma resolução com que irromperam. Ao contornar a primeira ilha de lançamentos, constato com estranheza que se esparrama pelo chão acarpetado uma pilha de livros, alguns com as folhas nuas e amassadas pelas edições que se encontram em cima. Parecem novos; algumas capas ainda reluzem. Os vendedores acusam alarme e indecisão. Aproximo-me do monte, e antes de ouvir um grito dirigido a mim, distingo tratados filosóficos e teses em sociologia.

“Ei, saia daí! Está louco?”

Volto-me para o grupo de onde partiu a advertência. Mesmo sem compreendê-la, afasto-me de onde estou. Reconheço Chechinatto, abrindo muito a boca enquanto sussurra, sem dar-se por mim, ladeado por um senhor (o autor do alerta), e que conheço de vista.

“Venha cá! Venha, venha!” insiste o senhor. É Barreto, um sujeito alto, delgado, sempre de terno. Acerco-me timidamente do grupo, e diviso alguns *habitués* da livraria, e outros do grupo de Chechinatto.

“Enquanto a integridade física da propriedade e dos corpos for preservada, esta peleja seguirá sendo um mero desentendi-

mento entre meninos”, bradava Chechinatto de olhos sanguíneos. Eu nunca o vira tão descomposto. A situação parecia de tal modo extrema que todos os presentes transtornavam-se a seu modo. Um terceiro começou a falar, quando Chechinatto voltou-se para mim e tocou o meu ombro:

“Caro amigo, estávamos esperando por você. Sabe, temos em seu caráter um fortíssimo aliado.”

“O que está havendo?”, perguntei.

Deslocando bruscamente sua atenção, Chechinatto passa a replicar o argumento de Castro, um sujeito sério, pelas farras e hálito forte. Volto-me para um outro que se mantinha afastado e à escuta. Era conhecido como o “jornalista”, os olhos pequenos atrás dos óculos grossos de armação circular.

“O que está havendo?”

“Cheguei há pouco”, responde. “Mas parece que a disputa começou com uma única mesa vaga no café da livraria. As outras estavam ocupadas pela gente que trabalha no entorno.”

“Disputa? Entre quem?”

“Dois grupos aguardavam para sentar. O nosso, e os agudos.”

Os agudos? Procuro sinal desta gente. O jornalista capta o meu movimento, e responde:

“Estão lá em cima. Subiram até o mezanino. A mesa permaneceu vazia, e este circo todo se armou. A trégua entre nós foi rompida. Os agudos são uma gente ofensiva, bárbara. Não respeitam coisa alguma. Você sabe como anda o Chechinatto. Tem problemas de saúde, não pode perder o brio. Esta gente apareceu dizendo que não havia ‘razão estética’ para respeitar os mais velhos. A arte era por princípio iconoclasta.”

“Que argumento absurdo”, comento.

“E não é? Nós argumentamos que estávamos há mais tempo aqui, que aquela mesa era a sede informal de nossa confraria.”

“E eles nos chamaram sabe de quê?”, interrompeu o de mau hálito, atento, pelo visto, a cada palavra que dizíamos. “De confraria do brioche! Perguntam se foi o Machado que fundou esta mesa, assumindo a primeira cadeira de comilões. Aquele pirralho, aquele... Pedrinho! Virou a mesa em seguida!”

O jornalista ajeita os óculos no rosto. O de terno esboça um gesto sutil de apaziguamento, e aconselha:

“Precisamos nos defender com os recursos de que dispomos. Não podemos jogar o jogo dessa gente. Chechinatto está certo. Não basta mais o confronto de palavras, mas ao mesmo tempo, descambarmos para o *téte a téte* não é de todo prudente.”

Uma varrida de olhos em redor revela que a livraria converteu-se em uma molécula em ebulição, os clientes defrontados e sem reação com o impasse. Algumas mães retiram os filhos distraídos da sessão infantil. Vendedores anotam instruções acaloradas, transmitidas por telefone. Outros, ainda, conduzem as crianças e suas mães aos caixas e à saída superior. O homem de halitose, muito enérgico, distribui tarefas a alguns que se encontravam atrás de si. Abre uma bolsa curtida, retira e estende pequenos maços de panfletos aos presentes, que por sua vez se dispersam entre as estantes. Súbito, segue-se uma algazarra generalizada: alguém do mezanino joga água sobre a pilha de livros que se encontra a poucos passos de nós, no piso térreo. Um odor forte de querosene invade as nossas narinas. No instante em que percebemos a natureza da substância líquida, um fósforo aceso cai, e a pilha arde com um ruído surdo, erguendo-se em altas labaredas. Viro-me e já não vejo o grupo de graves. Chechinatto é

conduzido para trás do balcão de guias de viagem. O homem de halitose, acompanhado de sua comitiva, dirige-se ao canto oposto, e juntos passam a empurrar a prateleira pesada das biografias, fazendo dela uma frágil trincheira contra o ataque que vem do alto, e apenas o jornalista permanece ali comigo, arrastando-me em seguida para outro canto. Tentamos fugir pela saída norte, mas a porta está trancada por uma chapa de ferro.

“O que é isto?”, grito entre a fumaça e a corrida desatinada.

“Foram os agudos. São mais ágeis que nós. Venha, vamos tentar outro caminho.” A iluminação indireta bruxuleia. Uma multidão se espreme contra a saída, e o pânico toma conta até mesmo dos poucos seguranças, despreparados para aquele tipo de ocorrência. Aqui e ali, sorradeiras, senhoras de idade enfiam livros de arte e audiobooks nas bolsas largas. Esgueiramo-nos pelo chão. O jornalista parece agora muito assustado. Repete baixo: “Tudo se consome, tudo se consome”, e julgo que se referisse aos carpetes e às páginas. Um ou dois empresários que frequentavam o café têm a boa ideia de recorrer aos extintores químicos, mas àquela altura, outros focos fazem arder as sessões dos esotéricos e de informática. “Esta gente quer nos matar a todos!”, geme o jornalista, de si para si. Contenho-o pelos ombros, ainda agachado, sua testa franzida, salpicada de suor e fuligem, os olhos totalmente úmidos atrás dos óculos, a expressão catatônica.

“Ei”, falo. “Para onde você está me levando?” O jornalista já não me responde. “Fique aqui”, ordeno, sem saber se ele me escuta. “Nós vamos sair. Vou procurar ajuda”. Tomo o celular no meu bolso. Para onde ligar? O socorro já deve ter sido contatado. Preciso aguentar o suficiente aqui dentro. Sinto um temor abominável dos agudos – sombras de enorme energia destrutiva.

Rastejo em direção do café, com o objetivo de apanhar algumas garrafas d'água, e embeber a camiseta para me proteger do ar tóxico e ardente de papel queimado. Depois, levarei uma garrafa para ajudar o jornalista, que permanece paralisado. Abrindo caminho entre os livros espalhados pelo chão, engatinho sobre o carpete até a ilha dos jurídicos. Tomo fôlego para correr até o café. O homem de halitose e sua facção de graves montaram uma comprida barricada de estantes. Aparentemente instruídos para as táticas de guerrilha, fizeram do café o seu abrigo. Era mesmo o único lugar que não estava coberto de livros e carpete. Aceno para o homem de terno, que me chama detrás das trincheiras. E disparo, quase tropeçando numa rede de fios dispostos a poucos metros da margem de proteção, e de esguelha, do meu lado direito, como se vislumbrasse uma aparição, capturo a imagem que nunca sairá da lembrança: os dois vultos de luz, dois braços e duas pernas abertos como aquele homem nu de Da Vinci, os membros saltando em espasmos para todos os lados, como foguetes que quisessem decolar, e a irreconhecível expressão dos rostos atrás das chamas, o grito afogado pelo arder das roupas e da pele. Um ou dois instantes mais tarde, quando já resguardado pelas barricadas, o odor de carne queimada impregna o olfato, e enquanto ouço os berros do homem de halitose, culpando a manobra ofensiva de algumas poucas oligarquias editoriais, só o que penso é que aquele cheiro emana daquele vultos de fogo e carne viva, que aqueles gases, fumaça e odor, foram uma matéria – um corpo algo palpável, e que aspirando o cheiro de carne queimada, aspiro uma pequena parte daquela pele, daqueles olhos, daquilo que possuía uma voz, e que se definira por vida. Quando dou por mim, um pequeno pelotão jaz imóvel e de bru-

ços à minha volta. Estou entre os graves, sem carregar a mínima garantia de que poderei confiar naquela gente. Ao meu lado, Chechinatto, mais velho e com brandura, assopra sentenças que soam a extrema importância, enquanto minha cabeça volteia ao ruído das vigas de madeira em cima de nós, ameaçadoras, estalando com o calor. Faz muito calor. Isto precisa acabar. Eu não quero morrer.

“Calma, calma, você não vai morrer, escute. Escute, meu amigo, a cada palavra que vou lhe dizer. Você é o mais jovem do nosso grupo, o mais jovem, e por isto delegamos você para subir até o mezanino, nenhum deles o conhece ou sabe que você faz parte do nosso grupo, não é?”

“Não”, balbucio, inseguro. Talvez soubessem. “Não, eu...”

“Não tome o elevador. Haja o que houver, não vá por esta escada mais próxima. Prossiga até os fundos da livraria, na entrada principal, suba pela rampa dos infantis, logo estará nas ciências humanas. É lá que se localiza o covil dos agudos. São muito ágeis – superam a nossa força, porque agem livres de princípios complexos. São muito traiçoeiros, também. Vaidosos e passionais. Você precisa ir até lá, meu amigo, passar-se por um deles, já que afinal, você também é uma voz promissora da literatura. Descubra o que planejam.” Vou dizer algo, contestar ou defender a necessidade de escapar, mas súbito vejo que o pelotão inteiro presta atenção à nossa conversa e me fita expectante, rostos negros e encharcados, vigilantes à mais sutil de minhas reações. Aguardam o meu próximo movimento. Por fim, o homem de terno me toca no ombro para me encorajar, e o da halitose, que parece prestes a explodir de comoção, abraça-me e me oferece um panfleto, as primeiras linhas alertando para o apocalipse do livro e

estas coisas, mas não há tempo para ler, eles não deixarão que fique ali como eles. Precisam de mim. Sem saber ao certo o que estou fazendo, ergo-me de novo e ganho a paisagem de neblina, corpos estendidos e folhas pretas oscilando no ar como mariposas. Tusso muito, contraio o peito, as costas, o abdôme. E agora, passo a passo, já não quero olhar para os lados. Salto a trincheira. O horror. É preciso não perceber, mas com isto também esqueço de meu propósito – que propósito? Que missão? Quais os princípios de uma facção, e por que se opõe com tal violência aos da outra? Algo me obriga a continuar caminhando entre as ruínas, como se braços invisíveis me empurrassem pelas costas.

O caminho que leva ao mezanino está desimpedido. Aninhados ao longo da rampa de autoajuda, homens, mulheres e crianças encolhem-se nos cantos feito animais em mudez assombrada. Um idoso tombado de costas murmura um pedido de ajuda. Aproximo-me e vejo que ele tenta alcançar uma bengala, a apenas alguns centímetros de seu braço esticado. Acudo-o, apinho a bengala e a firmo em sua palma direita, mas aquilo não parece motivá-lo. Ouço um rastilho de faíscas em todas as direções. O centro da livraria, no alto de onde se situam os caixas, ilumina-se por detrás da fumaça, numa serpente de pequenos fogos de artifício e, súbito, tudo se apaga, deixando somente aos pequenos focos de incêndio a incumbência de lançar cor a alguns contornos daquele templo devassado. O senhor continua no chão, murmurando na penumbra, o rosto contrito alheio à minha presença. Quando ergo os olhos para avançar, já não sinto medo, entornada a contenda de minha trama de interesses. Falo por mim, apenas, e esta decisão – ou descoberta – formiga em meu peito como uma bonança que dilui no interior das artérias dila-

tadas. Chechinatto e os outros que permaneçam ali, escondidos, à espera, no aposento de suas queixas. Eu respondo por mim. Não participo disso, mas ainda não posso partir. Acompanho o parapeito da rampa. Chego às ilhas dos CDs, e de início não aviso a vivalma. Cogito chamar alguém em voz alta, mas esqueci os nomes. Arrasto as pernas trôpegas, e acoberto os olhos um instante com as pálpebras úmidas, descansando a vista daquele ambiente seco e inerte. Não consigo deixá-los abertos muito tempo. É então que duas silhuetas de perfil se erguem na nova paisagem, como dois gárgulas de catedral que se fitam, os narizes aduncos quase se tocando. A poucos metros, minha lembrança se esforça para reconhecer o casal que conversa obstinado. Os cabelos ruivos da moça, aquele sorriso sempre carregado de irritação e ironia. O homem, não sei, não me é conhecido. Aproximo-me ainda, e ambos continuam a descartar a minha presença, apenas um fantasma que encontrou um modo de costurar todos os dias numa conta de vidro, o inventor etéreo do teleférico que viaja no tempo, e já não sabe dizer se aquela guerra é presente ou se ainda está para nascer, e eu, procurando encarnar alguma brecha de concretude, paio e assisto a todas as intimidades, uma filmadora onipresente, um narrador que só não é onisciente no que se refere à própria existência e origem. Estou na cena? Espectador passivo, morto-vivo, aproximo-me como um anjo, para escutar o que ambos estão conversando:

“Não, não podemos ignorar ninguém. Sem panos quentes.”

“Sem poupar os parentes ou amigos.”

“Vão dizer que somos fanáticos.”

“Vão dizer que a verdade é relativa.”

“Que somos obsessivos.”

“Que somos quixotescos.”

“Que somos suicidas.”

“Que estamos sozinhos.”

“Que nos sacrificamos em nome de uma luta datada.”

“Que fuçamos por uns tempos, sumir até a poeira assentar.”

“Que temos vocação para mártir.”

“Também podem dizer que é preciso cautela.”

“Agir aos poucos e sem pressa.”

“Que atos radicais implicam respostas radicais.”

“Que teremos de nos haver com as consequências de nossos atos.”

“Que o que faremos de nada adiantará.”

“Que o que queremos é chamar a atenção.”

“Que se trata de uma boa estratégia de marketing.”

“Que não somos páreos para um Baudelaire ou um Nelson Rodrigues.”

“Pedirão, sem más intenções, que cuidemos de nossas vidas.”

“Que não perçamos tempo com isto.”

“Que cada um deveria ficar na sua.”

“Que aplicar as crenças é muito radical.”

“Que a prática é diversa da teoria, que as coisas no papel são bem diferentes.”

“Ah, dirão tantas coisas.”

“Nos sentiremos abandonados.”

“Amigos para toda a vida nos darão as costas.”

“Não haverá para onde fugir, e assim que a sociedade se vingasse de nós.”

“Assim que estivéssemos mortos, poderiam afinal dizer como éramos bons quando vivos.”

“Inspirações para o cotidiano.”

“Erigiriam bustos e publicariam nossos pensamentos.”

“Ah, seremos péssimos amantes.”

“Esqueceremos mulher e filhos.”

“Não saberemos mais o que é se divertir.”

Reconheço a ruiva que arrola o jogral. É Estela, dos agudos. Empatizo de imediato com aquele foco essencial de resistência, com aquela força antagônica que exige a demolição total para se afirmar contra aquilo que os graves representam – a escrita ninada pelo dicionário, a erudição-artifício, a *intelligentsia* de vitrine, aquela elite passiva, apática, cujo peso dos corpos sobre as instituições impedia que elas se modificassem. Odeio os graves. Odeio o fato de precisar de mocaccinos para ser aceito, aquele “diz que disse” exclusivista, odeio o modo como sempre quis agradar essas autoridades, como sempre falei baixo na sala de estar do *status quo*, cooptado, repetindo para quem podia as suas recriminações preconceituosas. Ali do alto, sobre o mezanino, acompanhado por aqueles gárgulas demoníacos observando a livraria em chamas, os livros e estantes destruídos, arruinada a aparelhagem que orienta a compra, a venda, a consulta de preços de capa, aquele ambiente agradável e climatizado, aquele espírito moderno de consumidores finos, tão convidativo, apenas ali e então, constato como todo aquele aparato só perpetua a unânime boçalidade. Por que ninguém nunca gritou aqui antes? Por que ninguém nunca chorou? No dia do juízo, é patente como nada nunca de fato acontecera naquela livraria, e que aquele “centro cultural” não passava de uma farmácia de analgésicos, de um cárcere com quadros e carpetes e opções de consumo. Eu estava preso. Mas não queriam me matar ou torturar. Queriam

apenas perpetuar nossa vida indefinidamente, para que pudéssemos desfrutar dela sem que realmente nos lembrássemos do que era mesmo que valia a pena. Na literatura dos graves, tudo estava em ordem: descrições e diálogos entre personagens perfeitamente complexos, descrições e diálogos, descrições e diálogos, um acontecimento, seguido de mais descrições e diálogos. Tudo correto e cheirando a verniz de transgressão, que desde o fim dos tempos cai tão bem aos artistas. Neste momento, como que esperando sua deixa, irrompe das sombras a figura jovial – a barba castanha, a camisa xadrez – de Pedro, representando a insatisfação dos verdadeiros artistas de nosso tempo. Ele me sorri, em sincronicidade com a minha íntima reviravolta. Apertamos as mãos vigorosas. Sinto-me livre, jubiloso. Tudo faz sentido. Percebo então que ele porta um telefone na mão esquerda.

“Meu amigo”, saúda, caloroso. “Estávamos esperando você. Você despertou. Protegeu-se por tempo demais em meio àquela gente. Agora vê por que nunca poderíamos nos ter reunido com os graves? É simples. Sabemos o que pensam. Só fazem doutrinizar. Venha, vamos tirar uma fotografia.” E aponta o telefone para nós, aproxima sua cabeça da minha. Sorrimos, e aperta o gatilho. Vejo que leva alguns segundos para que ele divulgue a imagem para o mundo todo. “Veja, a nossa equipe!” E indica o parapeito do mezanino. Um grupo esbelto, esguio como modelos de passarela, munido de equipamentos moderníssimos e diminutos, registrava a guerra e a transmitia em tempo real para todo o mundo conectado. Mostra-me a tela de seu aparelho. As cenas daquela noite sucedem-se vertiginosamente, ora como uma avalanche, ora em câmera lenta, ao som de gritos e uma música eletrônica inebriante. Uma das cenas acusa os graves acudados, a

um canto. Outra revela o momento em que eu estendia a bengala ao velhinho caído, meu rosto já desprovido das pequenas imperfeições que me caracterizam: pelos, pintas, manchas, sinais de velhice precoce e de cansaço. Alguma câmera oculta registrara uma lágrima furtiva do velho. Era um ator? Apenas um figurante da ópera à minha espera? Incitado por Pedro, toco a tela, e de súbito estou na minha pele – ou em uma versão mais agradável e menos indecisa desta – e revivo o que se passara há alguns minutos, e volto a observar o casal de gárgulas da revolução. Afasto o indicador do aparelho, e retorno ao presente, Pedro exaltado como uma virtuose em seu apogeu.

“Não é genial?”, pergunta-me.

“Hã? O que é genial?”

“É a obra mais impactante já criada. Um *Guerra e paz* sem palavras, feita da mais pura realidade. O leitor poderá pensar o que o narrador pensa, sentir o calor desta livraria em chamas. As lágrimas do público e as nossas serão as mesmas. E mais: ficaremos famosos, ricos, e seremos compreendidos. E poderemos então desfrutar da vida, já pensou? Você será um dos coautores deste gesto. Tudo o que dissermos a partir de agora será belo, respeitado e inspirador. Assim, daremos livre vazão ao que somos de fato.”

“Ao que somos de fato?”

“Como saber o que somos? O devir nos dirá! A obra nos dirá! Bem-vindo ao futuro, companheiro! A um tempo onde cinema, televisão, celular, literatura, teatro, ciência e realidade serão a mesma coisa! Tudo a mesma coisa! Vencemos as línguas de fogo. Seremos os líderes deste movimento interativo e democrático.”

Filmado por todos os ângulos imagináveis, Pedro arranca a camisa do corpo e atravessa correndo as lufadas incessantes da fumaça, deixando-me só, dentro ou fora do campo de alguma lente oculta. Pensos os braços, intimidado pela exposição absoluta, avanço para o desvão entre o chão e uma prateleira tombada sobre outra. Deito-me ali com a alma exaurida. Cerro os olhos para aquele desfile de alegorias. O medo e a exaltação abandonaram o meu ânimo. Já não quero nada. Ou quem sabe não seja bem isso.

Algum tempo depois, volto a erguer as pálpebras. Vejo uma passagem inédita no outro canto do mezanino, em minha frente, a cerca de trinta passos de onde me encontro. Um estreito corredor preservado. É uma ilusão embriagada. Miragem da exaustão. Bolhas de ar em minhas lentes de contato. Pisco algumas vezes. O corredor ainda está lá.

Venho aqui desde pequeno. Passava horas lendo, escolhendo o próximo livro, sonhando com o dia em que seria eu a criar as fábulas, os piratas, os vampiros, o mistério, os detetives, as passagens secretas. Este sempre foi o meu centro da cidade. Posso dizer que conheço melhor estas estantes do que a minha casa. O meu quarto. E nunca antes vi aquela passagem, apresentada agora em contornos tão demarcados.

Saio de meu esconderijo. Levanto-me. Olho em torno: a multidão continua entretida na grande batalha de papéis. Animado, constato que ninguém repara em mim.

Não hesito mais. Caminho, resoluto, até a passagem.

Atravesso.

Genealogias da Confissão e do Abandono

CADERNO DE CITAÇÕES

Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-pré-história já havia os monstros apocalípticos?

Clarice Lispector, *A hora da estrela*

16 DE AGOSTO DE 2009, CADERNO DE ARABESCOS

Ulisses levou vinte anos para voltar para casa. Há mais de trinta que tento sair da minha. Ainda estou lá. Ao menos agora consigo pensar direito. O que foram os últimos dois dias? O que foi esse desatino, essa vertigem? Corri a cidade de bar em bar, de amigo em amigo, impermeável a qualquer apaziguamento.

Faz dez dias que saí de casa. Eu e Aurora demos um tempo. Era isso, não? Não era este o próximo passo? Então por que não me lembro dos motivos que me fizeram sair? Por que penso quando deveria sentir, e sinto quando deveria pensar? Por que não consigo sustentar a minha escolha, e cada instante transcorrido desde então precisa ser colmatado por entulhos cotidianos?

Mudei-me para um quarto na Baixa Augusta, em um apartamento que divido com três garotas. Três irmãs. Estou neste quarto, agora, inspirando um ar mofado, estendido em uma cama tão úmida que mais parece uma pilha de toalhas usadas, e pouco a pouco meu corpo desliza para o centro côncavo e gasto da espuma. Há uma mala cinzenta debaixo da cama, e as poucas mudas de roupa que trouxe mal cabem na pequena prateleira que me foi reservada. Uma lâmpada fraca pende de dois fios elétricos no teto, folhas secas escorrem por debaixo da porta, e o sol, mesmo em dias claros, não penetra neste cômodo. Bela liberdade.

Ontem já faz muito tempo. Era noite de sábado, e eu tinha acabado de chegar daquele disparate peripatético. Os gatos das irmãs se esgueiravam na penumbra do apê. Exausto, fui direto para o quarto e me deitei. Procurei uma posição confortável. Os braços sobravam. Muita coisa sobrava. A vizinha hospedava uma festa. Podia escutar uma conversa com tal nitidez que era como se os interlocutores estivessem sentados na cama. Falavam de teatro; queixavam-se de algo, de alguém. A britadeira surda de algum clube noturno tremelicava os vidros da janela. Não consigo ficar aqui, pensei. Isto é insuportável. O celular mudo. Nenhum livro capaz de dizer algo que prestasse. E eu tão perto de casa, de minha casa com Aurora. E já no estrangeiro.

Quando com Aurora, invejava a multidão que formigava aos sábados na Augusta. Não mais partilhava daquela realidade embriagada, apenas a avistava da janelinha de meu trem premeditado. O que havia comigo? Por que não consigo sentir outra coisa além da asfixia do encontro, ou o desamparo da solidão? O pior é que conheço ao menos uma resposta para esta pergunta. A análise serviu para isso. Merda de análise. Por que justo agora

o meu analista foi me deixar, justo agora uma interrupção sem sobreaviso, justo ele que tanto me estimulara a fiar esta linha cor-tante da paixão? Fora ele a me esclarecer que esta ambivalência nascera de minha dupla maternidade. Tenho duas mães. Uma legítima, que nunca me provera de solo afetuoso, e uma tia que me adorava, e procurava antever cada um dos meus pensamen-tos, e me assistir nos momentos mais íntimos. Minha mãe não teve mãe. Mães sem mães passam a vida para aprender o que as outras já nascem sabendo. Mães sem mães padecem a dor de parir filhos descarnados. São heroínas sem registro, sem lastro, sem saudade. Aurora só a princípio se assemelhava a esta mãe. Depois, passou a representar a tia. Aos poucos, comecei a sentir falta do frio.

Foi minha a decisão de partir. Ela responsabilizou as dificul-dades dos últimos meses. O prêmio literário que não recebi, o festival onde fui tratado como celebridade, o documentário que planejei em seguida. Não entendeu como um filme brotaria de um livro, mas achou aquilo fascinante e me apoiou, como sem-pre fazia.

“Dar um tempo? Quanto?” Três meses, respondi. É o sufi-ciente para saber como me viro fora daquele círculo de intimida-de. Não previa que, passados dez dias, ainda não me sentia fora de nada. Ai, este mundo não é para mim. Não sou forte o sufi-ciente. Preciso de minhas defesas. De meu cárcere acarpetado.

Os segundos rastejavam homeopáticos. Não conseguiria dormir. Liguei para a Laura, sem sucesso. Liguei para o Ricardo. Caixa postal. Queria ligar para Aurora. Ouvir a sua voz. Não a amava, afinal? Aquele pânico não é sinal de amor? Por que resis-tir tanto aos meus impulsos? Não tinha direito a um gesto de fra-

queza? Procurei-a na agenda, e fiquei contemplando o seu nome iluminado por um tempo que não saberia precisar. Apertei o botão verde e aproximei o aparelho da orelha. “Só liguei para dizer que estou com saudades.” Um toque. Dois toques. Três toques. Quatro toques. Cinco toques. Caixa postal. Não deixei recado. Droga de vida de solteiro. Lembrei-me dos amigos, dizendo como era bom sair sem dar satisfações. Ficar com outras mulheres, dançar, sentir-se independente. “A falta te levará longe. A saciedade matrimonial não passa de um sudário.” Sentir o apelo de outros beijos, a maciez de outras peles. Onde está isso? Não quero mais. Os vizinhos riam, riam. A música reverberava nos vidros. Vou dar um pulo em casa, pensei, brincando com a fina aliança de ouro na palma da mão. A casa fica a quinze minutos daqui. Está ao alcance da mão. Ainda estou lá. Aurora de pijama no sofá, os cabelos presos em um rabo de cavalo, um Kundera nas mãos e o par de chinelos sobre os tacos, a neve branca e quente que é Aurora, a saudade dos seus seios e de suas sardas. O colchão de minha casa, firme e perfumado.

O telefone tocou. Atendi, já a caminho da rua.

“Laura!”

“Tudo bem? Você me ligou?”

“Liguei. Pensei em me encontrar com Aurora.”

“Não faça isso. Você vai se arrepender.”

Era verdade, mas não queria saber de verdades. Ninguém manda em mim, ninguém sabe pelo que estou passando.

“Eu sei. Mas não consigo.” De algum modo, apenas falar com a Laura já me deixava mais calmo.

“É claro que entendo o que você está sentindo. Mas segure as pontas. Não posso falar agora. Estou dirigindo.”

Passo debaixo do neón piscante do *Purgatório*, ainda com a aliança na palma direita, contornando os adolescentes de cabelos lambidos sobre a testa, vagalhões de gente transfigurada pelo frenesi, a subir e descer a rua. Um homem gordo me convida para um drinque em uma boate/prostíbulo/lupanar/puteiro e conhecer lindas garotas. Não quero saber, e abano esta bobagem toda da frente. Atravesso outras porneias, randevus, serralhos, castelos, conventículos e alcoices, passando ao largo das andorinhas, marafaias, rascoeiras, ventenas, fregas e michês. Mais aliviado da estafa que me acompanhara durante o dia, continuo caminhando. Por quê? Já não preciso de Aurora. Volto a compreender por que saí de casa. Mas não quero retornar para aquele quarto para onde me mudei. Que faria lá? A angústia do desamparo é então substituída por outra: a da curiosidade possessiva. Não desejo estar com Aurora, não agora, mas desejo que ela esteja comigo. Logo estarei em casa, dividindo o único travesseiro, sentindo o perfume de seus fios castanhos, de seu delicioso hálito ressonante. Meu lugar é aquele. Gatuno, esgueiro-me pelo portão do prédio com ajuda da chave de que ainda disponho, e atravesso o hall espelhado. O elevador pontua cada um dos andares, e como um viajante que retorna depois de muito tempo, aproveito para redescobrir cada detalhe familiar. Abro a porta.

A casa vazia do nosso hábito. A casa silenciosa – louça lavada, jornais empilhados, almofadas arranjadas e esquecidas no minimalismo de uma solteira – minha mulher. A casa muda, de tanto passado, de tantas sombras de uma felicidade recente. A casa gelidamente agonizante, labirinto sem uso, morte sutil. Casa sangrando sob os tacos, rangendo no interior do encana-

mento, soluçada. Em segredo. Casa dos anseios trágicos, disfarçada de outra qualquer. Casa como outra qualquer, impávida, cúmplice. Tomo um banho. Uso o meu sabonete sequinho pela falta de uso. Enxugo-me com uma toalha limpa, deixando-a pendurada na cadeira de balanço do escritório. Quero que Aurora saiba que estive aqui.

Resignado, saio dali e faço o caminho de volta. Galgo os dois lances de escada até o apartamento das irmãs. Vou até o meu quarto comprimido e desabo sobre a cama. Fecho os olhos, e quando os abro de novo, a luz dominical resplandece pelas venezianas. São oito horas. Faço um café. O ritual me apresenta uma nova realidade. No celular, pisca uma mensagem. Aurora quer saber por que liguei. Retorno seu retorno. Ela diz que fica feliz pelo que estamos vivendo. Desligamos. Estou abençoado. Tudo está bem. A vida é uma aventura. Vou almoçar com a família, repousar um pouco no aconchego doméstico. Antes, troco algumas palavras com Beatriz, uma das irmãs. Tomo banho, dou uma geral em minha bolsa (desfaço a minha pequena bagunça), jogo fora uma papelada antiga, e vou encontrar a família na praça de alimentação do shopping, a alguns minutos dali.

Enquanto os aguardo sobre uma das mesas, vejo que carrego comigo a bolsa onde guardo a aliança desde o dia em que saí de casa. Abro-a à procura do anel. Não está lá. Procuro nos vãos dianteiros. Retiro chaves, moedas e cliques decantados nos fundos da bolsa, e os disponho sobre a mesa, para ver se a aliança se encontra no meio daquelas migalhas. Nada. A adrenalina atinge a ponta dos cabelos. Falta ar. Na hora me lembro da papelada que joguei no lixo da cozinha, durante aquele impulso de lim-

peza que me tomou pela manhã. Tiro tudo da bolsa. Há um furo no forro. A aliança pode estar entre os tecidos que revestem a peça. Apalpo-a e constato que não há nada lá. A minha família chega neste momento. Estou quase virando do avesso. Preciso voltar para a Augusta. Preciso revirar o lixo. Despeço-me deles sem explicações, baixando os olhos pelo caminho que percorri na noite anterior. Lembro de estar com a aliança na mão. Quando retorno ao apê, a terceira irmã – a magrinha – me recebe. Com meias palavras vou para a cozinha, abro o lixo. Retiro os papéis, já manchados de café. Um a um, desdobro panfletos, recibos, páginas rasgadas. Nada. Vou até o quarto, reviro a calça que usei na noite anterior. Nada. Refaço o caminho que percorri até a casa, a minha casa, a casa de Aurora. Nada.

22 DE OUTUBRO DE 2008, MOLESKINE PRETO

Esta ânsia por começar de novo e me separar de tudo só revela que eu não consigo me separar de nada. Ou que nunca me uni a nada, porque nunca consegui me separar de algo mais antigo.

CADERNO DE CITAÇÕES

Na medida em que o sentimento de tempo está ligado à percepção inata da vida por parte do diretor, e na medida em que a montagem é determinada pelas pressões rítmicas nos segmentos do filme, a marca pessoal do diretor é percebida na montagem. Ela expressa sua atitude para com a concepção do filme, e representa a definitiva concretização de sua filosofia de vida.

Andrei Tarkovski, *Esculpir o tempo*

22 DE JUNHO DE 2009, MOLESKINE PRETO

Após dez dias mais ou menos bons, vejo-me novamente povoado por desalentos. Como foi que começou? Ouvindo *Beatriz* no automóvel? Escutando Aurora falar sobre filhos? Lendo *Kafka à beira-mar*, do Murakami? Talvez pudéssemos mesmo marcar uma terapia de casal.

IRMÃO, FRAGMENTO DE ROMANCE INACABADO

Quando seus amigos lhe perguntavam por que não gostava de viajar, ele respondia que só era possível viajar dentro da própria casa, à maneira de um De Maistre. Quantos livros inexplorados haveria em sua biblioteca! Quantas iguarias ainda brotariam de sua cozinha! Quantos amigos distantes não bateriam em sua porta sem aviso! Ademais, as viagens não passavam de uma sucessão orquestrada de artifícios. Afirmava que desde as expedições de Marco Polo, os siberianos ofereciam quinquilharias e escondiam os tesouros, seus rituais secretos. E que, pesquisando bem, não havia uma vida ou um povo que não se habituasse a seu país, a seus atrativos, a suas maravilhas.

CADERNO DE CITAÇÕES

Meu caro, não esqueçamos que as pequenas emoções são os grandes timoneiros de nossas vidas, e que as obedecemos sem saber. Se recuperar o ânimo sobre os erros cometidos e por cometer, o que seria minha cura, ainda me é difícil, não esqueçamos por consequência que tanto nossas hipocondrias e melancolias, quanto nossos sentimentos de bonomia e de bom-senso, não são nossos únicos guias e sobretudo não são nossos guardas definitivos (...)

Vincent Van Gogh, *Cartas a Teo*, (603)

25 DE MAIO DE 2009, MOLESKINE PRETO

Tenho medo de escrever isto, tenho medo que ela encontre, que leia mais uma vez os meus cadernos. Mas este é o meu espaço – se ele for transgredido mais uma vez, está claro que já não há mais nada.

4 DE JANEIRO DE 2009, MOLESKINE PRETO

Sou muitos, mas neste momento reconheço dois: o exterior e o interior. O homem interior quase nunca vê a luz do dia. Toma banhos de sol ocasionais. Como se sabe, já não é mais uma criança. Tem um caráter expansivo, libertino até, e nutre muitas vontades de se aproximar de pessoas vivas e com elas manter relações significativas.

Mas há o homem exterior, sorumbático, casmurro e amargo que, por inveja e vergonha, não autoriza os movimentos do homem interior, e o mantém sob sua tirana tutela. Teme o poder destrutivo de suas querências. O homem interior já viu – ou melhor, já ouviu falar – de muitas coisas terríveis acontecendo lá fora, mas não quer mais saber do que o homem exterior tem a lhe dizer sobre elas. Este, o homem casca, tem nojo de tudo: de comida, de sujeira, de cocô, de sexo, do que está fora do lugar (afinal, nem tudo tem o seu lugar). Isola-se para poder manter em planilhas mentais o controle e a vigilância dos fenômenos. Seu único sonho é o da linha reta.

Quando se deitam, nenhum dos dois consegue dormir: o homem dentro do homem aproveita o silêncio para acender a pólvora do sangue. Bate panelas, rabisca de giz as paredes, desata recordações explosivas. Isto pode durar horas. Por conta disto,

revanchista, o homem escópico das planilhas se vinga do encarcerado. Gosta de fazê-lo sofrer, e de sofrer junto com ele.

17 DE JUNHO DE 2007

De tempos em tempos, por meio dos mais diversos argumentos, ouço dentro de minha cabeça: “Não vale a pena prosseguir.” Um vírus disfarçado adentra o sistema e o desanima. O computador permanece pensando. Já não faz nada. Na amputada, repete-se: “Seu lugar não é aí, seu lugar é ao lado de seu pai, de sua mãe, de todos eles, até a morte.”

CADERNO DE CITAÇÕES

E quanto mais longe a infância, quanto mais perto do presente, tanto mais insignificantes e duvidosas eram as alegrias. A começar pela Faculdade de Direito. Ali ainda havia algo verdadeiramente bom: havia a alegria, a amizade, as esperanças. Mas, nos últimos anos, esses momentos bons já eram mais raros. Depois, no tempo do seu primeiro emprego, junto ao governador, surgiam de novo momentos bons: eram as recordações de amor a uma mulher. A seguir, tudo isto se baralhava, e sobram ainda menos coisas boas. Adiante, ainda menos, e, quanto mais avançava, mais elas minguavam.

O matrimônio... tão involuntário, e a decepção, o mau hálito da mulher, a sensualidade, o fingimento! E aquele trabalho morto, e as preocupações de pecúnia, e assim um ano, dois, dez, vinte – sempre o mesmo.

Leon Tolstói, *A morte de Ivan Ilitch*

Qual será o limite? Precisaréi atingi-lo? O que é um casal de jovens que não transa, mas que sonha em ter filhos? Não briga, mas está sempre cansado?

Às vezes, parece que estou nascendo. Às vezes, que estou morrendo, CADERNO DE ARABESCOS

Amor, vamos descer a serra e tomar um vinho à beira-mar, passar horas contemplando as ondas, brincando com as mãos e os sonhos que jamais iremos realizar? Eu sei, amor. Pegue a bolsa. Ainda somos jovens. Um banho? Mas você está linda. Cansada. É dia de semana. Acorda cedo amanhã. Deixe, é amanhã. Eu sei, mas esqueça. Quem é que disse? Vamos! Entramos no carro, ligamos uma música, descemos cantando. Vejo sua mão delicada no volante. Pegamos o viaduto. Está um trânsito enorme. Mesmo assim. Somos felizes ou não? Adoro estar do seu lado. Me perder com você. Que poente bonito atrás dos edifícios! Adoro este seu lado. Ponha esta música outra vez. E outra. Que bom. Sair sem hora. Podemos comer um sushi quando chegarmos, que tal? Escutar a maresia sussurrando. Um cão à toa. Não quero perder isto que temos. Criar os nossos dias. Faz tempo, faz tempo. Adoro este refrão. Mais trânsito na saída. Esta cidade desvia os caminhos. Dinheiro? Mas a noite nos espera, mesmo suados. Assim a gente descansa, nos ombros um do outro. Podemos contar as vezes em que conseguimos escapar desta cidade. Quando eu era criança. Adolescente, você vivia sozinha. Mas estou do seu lado. Veja meu lado. Quanto é o pedágio? Vamos, siga. A noite engole a estrada no vértice da mata. A colina cerrada abre um corredor de luzes altas. Um silêncio recai sobre

a velocidade. Uma náusea. A fome. Os sushis. Há quanto tempo que saímos? Você sabe chegar? Pois a vida está aí para... É difícil curtir, eu sei. Vejo seus olhos entreabertos, lançados pelos da contramão. Vamos falar de quê, agora? Não, este disco não. O que você faria se pudesse cantar suas próprias músicas? De quantas faixas precisaríamos? Saia desta faixa, o carro da frente não quer chegar. Eu sei que não estamos com pressa, mas você não está com tanta fome de não sei quê? A gente poderia assistir àquele filme qualquer dia. Deve ser ótimo. Já pensou que delícia, um salmão no shoyu? Não chove, imagine. Descemos. Esquerda ou direita. Você está com medo? Entra aqui. Você quer que eu ligue o ar? Veja como não precisamos de muito. Eu sei que está tarde. Ou vamos ao restaurante, ou à praia. O que prefere? Pedimos algo na praia. Não, esta não, continue avançando. Também estou cansado. Quer que ponha outro disco? Não? Tá. Ai, ai. Acho que podemos parar por aqui. Não é perigoso. Olhe uma vaga. Esquecemos a canga. Trancou o carro? Está nublado. Não sei qual era a previsão. Sinta, a areia úmida. Senta aqui. Tem uns meninos jogando bola na escuridão. Esquecemos o vinho. Não acho que está frio. Picnicando? Quer pedir algo naquele quiosque? Não sei, a música dali é horrível. Ai, ai. Ainda tem todo o caminho de volta. Acho melhor não. Que horas são? Está bem, eu volto dirigindo. Vamos?

15 DE JANEIRO DE 2009, MOLESKINE PRETO

Fiz este filme porque assim quitaria uma dívida invisível, cobrada cotidianamente por meio de gestos de amor. Não quero mais me responsabilizar pela passagem do tempo. Não posso mais pedir desculpas pela minha juventude. Todas as coisas co-

meçaram e terminaram muito antes de mim. Sou um sobrevivente. Sobrevivi às batalhas esquecidas.

Vou atirar uma pedra para Cronos mastigar.

FIGURA E FUNDO, FRAGMENTO DE PEÇA INACABADA

“Sempre me disseram que este momento chegaria. Eu nunca acreditei que isto se aplicaria a nós. Achei que fôssemos especiais.”

“Você não acredita mais que sejamos especiais?”

“Eu acredito que existam algumas leis, e que se fôssemos especiais teríamos reconhecido estas leis, teríamos nos preparado para tomar estas leis para nós. Mas não. Nós simplesmente ignoramos que era conosco. Acreditamos que estávamos imunes. E ninguém nunca derrotou um monstro ignorando os seus dentes.”

“Bem, mas o momento chegou. E chega para todos, ou quase todos. Não é tarde demais.”

“É sempre tarde demais para alguma coisa.”

“Não para nós. Não acredito que seja tarde demais para nós dois.”

“É um absurdo que seja assim. Não tem cabimento. Quem foi que inventou este tipo de coisa?”

“Você que disse que eram leis...”

“Leis absurdas. E todo mundo encara isso com naturalidade.”

“Não é verdade. As pessoas sofrem muito com isso.”

“Mas acho que se preparam com antecedência.”

“Ninguém pensa nisso na hora que vai casar.”

“Será que não? Você não pensou?”

“Você pensou?”

“Claro que sim. E você também. Me passou: será que vai durar? Vai durar até quando?”

“Só que tudo era novo, e estávamos felizes. O futuro ficava longe”.

“É verdade, aconteceu comigo também. Para falar a verdade, até pensei que poderia durar pouco. Mas não queria nem saber. Não previ os detalhes deste desfecho, nem imaginei que seria assim tão amargo. Caso ocorra, pensei, será uma branda dissolução natural. Não ficaríamos lutando, tentando resgatar tudo o que sentíamos. Não previ esta solidão, e que nem mesmo os nossos melhores amigos teriam algo a dizer, por saberem que certas escolhas se faz sozinho, e ninguém tem certeza do que faz.”

“São bons amigos.”

“É, são.”

SEM DATA, MOLESKINE VERDE

A intimidade: ilusão consistente e vantajosa, como a ilusão do berço ou da imortalidade.

4 DE AGOSTO DE 2009, CADERNO DE ARABESCOS

Aurora desperta chorando. Sobressaltou-se muitas vezes no meio da noite, e eu tive pesadelos terríveis de que não me lembro. Deixo-a catatônica em casa, de pijamas. Ela precisa se mexer.

“Você não parece triste.”

“É porque sinto esperança.”

É muito simples. Envelhecemos. Acontece. Mas não quero. Trinta anos é pouco. Eu estava me escondendo da vida no casamento. O sexo era vazio, prático, mero mecanismo de ativação de libido.

“Toda a beleza que estamos perdendo.”

No bar. Duas horas antes do combinado. Passo noventa minutos tomando uma única garrafa de cerveja. Um menino de rua provoca o dono do bar – vejo que o moleque só quer conversar e assistir ao desenho animado que passa na tevê. Um carro morre no meio-fio. O motorista traz vários galões de combustível, e nada de o motor acordar. Uma velhinha pede uma sopa ao garçom, dizendo que não tem dinheiro. Eu pago. “Agora não estou mais com dor no estômago.” Em silêncio, um casal na mesa mais próxima degusta uma porção de frango à passarinho com mandioca frita. Escrevendo, o pânico adormece. Aguentarei passar a noite em um hotel? Até um minuto atrás, pensava comigo que o mundo era triste e cruel sem Aurora. Meu analista disse certa vez que minha vontade fazia sentido, que meu sofrimento era legítimo. Tudo soa muito arbitrário, contudo. Aurora me ameaça com a possibilidade de nos apaixonarmos por outras pessoas.

18 DE NOVEMBRO DE 2008, MOLESKINE PRETO

Revedo as fotografias de família para o documentário que desejo filmar, o que mais me impressiona é a inteireza de minha própria imagem. Apesar das impressões contrárias, eu tive uma vida até que bacana. E mais: vejo que há uma agitação que meu ânimo inaugura. “Sou aquele que vai ressuscitar esta família”, congelada por algum colapso sem nome.

14 DE AGOSTO DE 2009, CADERNO DE ARABESCOS

Passei a morar em um quartinho barato na Rua Augusta. Dividirei o apê com três irmãs quase siamesas, mas muito diferentes uma da outra. Beatriz é a mais velha. Acaba de voltar de Roma, onde viveu uma paixão tórrida com um ator italiano

de filmes pornô. Faz sete anos que não visita a sua terra natal, a Argentina. Não sei o que deixou para trás. A irmã do meio é uma lesbo-punk chamada Julia. Suspeito que seja hacker, porque embora tenha apenas 22 anos, sempre traz presentes caros para a casa, e entende como ninguém de microchips, programas de computador, sistemas operacionais e *hardwares* no mercado negro. A terceira irmã é uma moça magra e frágil – Isabel – e recentemente desapareceu por um mês quando fazia um *rafting* na Mata Atlântica. Fala muito pouco, embora passe o dia em uma empresa de telemarketing.

As três portenhas têm o sotaque carregado, e quando conversam entre si, não entendo patavinas. São muito independentes e descuidadas. O que fazem no Brasil? Não sei. O que sei é que as três se rasgam com gilete. As três têm o corpo cheio de tatuagens indecifráveis. Falam abertamente sobre sexo e imitam Cristo na cruz em convenções realizadas para este fim, onde são erguidas para o alto por meio de ganchos esterelizados que perfuram a pele em lugares estratégicos. Pois é. Eu também não acreditaria. Isso se chama Suspensão Corporal. Pode procurar na internet. Enquanto a maioria foge da dor, elas a perseguem com avidez. A dor, para elas, é a única verdade em um mundo onde a satisfação é barata, fugaz e superficial. É a dor que dá a elas um contorno. Transcendendo a dor, encontram um gozo inaugural.

De algum modo, isto explica algumas coisas. As simetrias até existem, basta saber procurá-las. Há coerência no caos. Vejam o apartamento: garrafas de azeite importado, videogames e *ipods* do último tipo, chocolates, gibis. Vão consumindo e deixando as coisas pelo caminho. Você encontra umas empadas estragando sobre o fogão, no dia seguinte uns pedaços de frango e um

torrone importado, coberto de formigas. Há uma infinidade de sacolas, miniaturas, pequenos *gadgets*, e elas circulam sem um “bom dia”, “boa noite”, ou qualquer modo de cumprimento. As visitas são as únicas pessoas que demonstram cortesia, que perguntam como você vai. Sobre a cama há um gato dormindo em uma pilha de sutiãs.

É como se tudo estivesse fora do lugar, porque nada tem lugar. Não há a necessidade de dar satisfações. Há uma constante de estranha generosidade, uma generosidade indiferente e grosseira. Tudo ali perdura, porque nada vale muito para elas.

Três solteiras, e eu o novo morador. Sinto-me mesquinho com meus hábitos. Eu quero ficar preso no meu quartinho. Tenho a minha gavetinha na geladeira, onde tudo permanecerá em ordem. Quando as três saem para jantar, eu me levanto, contemplo sem urgência os detalhes do apartamento. Rego um pão italiano com um pouco de azeite espanhol, e o abocancho. Pego dois bombons importados que estão dando sopa ao lado da televisão, e mordisco algumas castanhas meio murchas. Em minha casa nada disso duraria vinte minutos. Aqui, nada fará falta.

É neste palco que estou entrando. Há algo que eu deva aprender aqui. Não a me lançar como estas garotas. Mas uma certa experiência de liberdade. Ou quiçá esta casa seja a consumação de um abandono. Aqui a Lei não realizou sua marca. Enquanto eu luto para me desvencilhar de contornos rígidos, a dificuldade destas meninas está em poder esboçá-los.

Como uma maneira de me comunicar, de dizer que venho em paz, lavo parte da louça. As gatas caminham pela casa como as irmãs, convivendo com as lacunas, lançando pequenas interjeições portenhas umas para as outras. Para

não obstruir esta dinâmica, procuro agir com naturalidade, mas me traio quando ofereço meu lanche para Beatriz antes de retirá-lo da mesa. Diante do olhar perscrutador, atônito de Beatriz, afasto logo os meus frios fatiados, meu pão quadradi-nho, racionado com vistas a economizar, pensando no mês, no ano, nos planos. Eu nos meus caixotes, flutuando neste aparta-mento de giletes, agulhas e panos recortados.

Enfim, chegou a hora de provar desta vertiginosa alforria, de virar homem, de encarar o abismo, esperar que ele me devolva o olhar com afeição dirigida aos filhos pródigos.

Aurora saiu ontem com suas amigas. Como terá sido? Ainda creio que ela seja a mulher da minha vida.

CADERNO DE CITAÇÕES

Purgar o romance de todos os elementos que não pertencem especificamente ao romance. Nada se obtém de bom pela mistura. Sempre tive horror àquilo a que se chamou “a síntese das artes”, que devia, segundo Wagner, se realizar no teatro. E isso me deu o horror ao teatro e a Wagner.

André Gide, *Diário dos moedeiros falsos*

30 DE AGOSTO DE 2009, CADERNO DE ARABESCOS

Com uma tesoura larga e afiada, Beatriz abre um corte no tecido vinho com bolinhas brancas. Eu quebro a cabeça para re-duzir a vinte segundos um depoimento de dois minutos de meu tio. Ambos trabalhamos em silêncio na sala, até que Beatriz me pergunta:

“O que você faz da vida?”

“O quê?”

“Desculpe, estou atrapalhando? É que minhas irmãs um dia me perguntaram qual era a sua profissão, e não soube o que dizer.”

“Eu escrevo. Também sou produtor cultural, e faço traduções de livros para pagar as contas.”

“Mas e agora, o que você está fazendo?”

“Estou editando um documentário sobre a minha família.”

“Então você também é cineasta?”

“Parei de tentar descobrir o que sou. Escrevo, mas não sou escritor. Dou aulas, mas não sou professor. Faço traduções, mas não sou tradutor. Fiz um filme, mas não me considero um cineasta.”

“Soaria pretensioso.”

“Não é?”

“Mas então por que você está fazendo este filme?”

“Ele brotou de um livro que eu não conseguia continuar.”

“Sobre o quê?”

“Sobre mim. Sobre minha incapacidade de escrever um livro. O escritor, confessando tudo em um divã. Como a Sophie Calle, sabe? Quis estender os limites da exposição. Só que me aprofundo tanto que encontrei um núcleo onde as palavras não entram, que não se parece nada comigo, que não se parece com nada.”

“Hum. Parece interessante o seu livro.”

“Chato, você quer dizer?”

“É. Parece mesmo bastante chato. Não entendo uma coisa. Se você é um escritor, por que não te conheço?”

“Como assim?”

“Os escritores brasileiros que conheço são Machado de Assis, Clarice Lispector, os clássicos. E os contemporâneos: Paulo Coe-

lho, Manoel de Barros, Tony Bellotto, Rubem Fonseca, Fernanda Young. Eu nunca ouvi falar de um livro seu e, cá entre nós, isso joga contra você. Parece que você não é lá muito bom, sabe? Afinal, não te conhecem.”

“Existe uma infinidade de outros escritores, tão desconhecidos quanto eu. Existem aqueles que escrevem há décadas e dos quais você nunca ouviu falar.”

“Por quê? Não são bons?”

“Alguns são ótimos.”

“E então?”

“Ora, há muitos mais compositores além de Brahms e de Beethoven. O jazz é mais que Miles e Monk. Muitos pintores além de Manet e Monet. Em sua época, outros homens de valor fizeram telas preciosas. A música da década de 80 não se resume às paradas de sucesso. São muitos, tantos! O que fazer? Acaba-se descobrindo o que está mais à mão. Além disso, acho que o nosso tempo não dá valor à literatura como antes. Em geral, querem uma história cativante para ler no metrô.”

“Como *Harry Potter*. *O caçador de pipas*. *Quem roubou o meu queijo*? Você não quer ser grande como eles algum dia?”

Suspiro.

“Quero. Claro. Gostaria de poder viver apenas do que escrevo, recolher-me numa casa de campo no interior da Espanha, comer presunto serrano com vinho o dia inteiro, e ser convidado emérito para palestrar em universidades por todo o mundo.”

“Mas escrevendo livros chatos você não vai conseguir isso nunca. Não seria melhor escrever como a Joanne Rowling?”

“Sim, seria.”

“E então?”

“Bem, não quero escrever um livro daqueles. Não saberia imitar a boçalidade daquela linguagem, não saberia me ater à simploriedade da estrutura narrativa de *Harry Potter*.”

“Ei! Eu gosto de *Harry Potter*!”

“Eu não.”

“Ela é a primeira pessoa a ficar bilionária com direitos autorais!”

“É impressionante. Mas não está ao alcance de ninguém. É obra do acaso, da sorte, do marketing, dos contatos. Além do mais, sei que há outros que fazem sucesso escrevendo coisas boas.”

“Então por que você não larga este livro chato e começa a fazer um best-seller?”

“Porque em geral são os gringos que conquistam esse espaço. Um Paul Auster no Brasil não seria mundialmente conhecido. Mas penso bastante nisso. Não é fácil passar anos sem dinheiro, em função de algo que não te dá nenhuma garantia de reconhecimento. E o pior é que este livro está ficando cada vez mais difícil, doloroso. Aqui, acabo descobrindo os limites da minha escrita. Descubro com ele que não sou um escritor tão bom. Saberá apenas escrever bons best-sellers, não mais que isso. Nunca serei Joyce, Proust, Guimarães Rosa. Nunca serei desses.”

“Uau. Estou detectando algumas coisas em você.”

“O quê?”

“Ressentimento. Resignação. Um medo que te faz prosseguir devagar. Acho que você deveria se atirar de cabeça, sabe? Concluir este livro e fazer outros. Parar de perder tempo se dissolvendo naquelas outras identidades que mencionou. Pare de traduzir, de ser produtor cultural, de ser professor, e escreva, só escreva.”

“Você tem razão, Beatriz. Às vezes confundo pudor com rigor.”

“E que rigor é este, afinal?”

“Eu quero escrever bem.”

“E o que é escrever bem? Ser bom aos olhos da nata intelectual paulistana, é isso que quer?”

“E por que não?”

“Então você acredita que é essa gente que vai carimbar em você o selo da autenticidade.”

“Não chego a tal ponto.”

“Ai, ai. Acho que você está perdido. Você tem a postura de um homem que sabe o que quer, mas suas ações são uma síntese: você dá dois passos para a frente, três para trás, quatro para a esquerda, um para a direita, outros tantos a noroeste, quinze para o sudeste...”

“Para quem não me conhece, você até que matou bem a charada.”

“Eu já sabia o seu signo.”

“Vou procrastinar mais um pouco e preparar um café. Quer uma xícara?”

CADERNO DE CITAÇÕES

Pelos padrões contemporâneos, segundo quaisquer padrões, é perverso ele nunca ter se cansado de fazer amor com Rosalind, nunca ter sido tentado seriamente pelas oportunidades que cruzaram seu caminho em função da lógica geral da hierarquia médica. Quando pensa em sexo, pensa nela. Aqueles olhos, aqueles peitos, aquela língua, aquele acolhimento. Quem mais poderia amá-lo de forma tão hábil, com tanto calor e tanto bom humor, ou acumular um passado tão rico junto com ele? No tempo de uma vida,

não seria possível encontrar outra mulher com quem ele pudesse aprender a ser tão livre, a quem ele pudesse agradar com tamanho desprendimento e tanta perícia. Por algum acidente de caráter, é a familiaridade que o excita, mais do que a novidade sexual.

Ian McEwan, *Sábado*

27 DE SETEMBRO DE 2009, CADERNO DE ARABESCOS

Estou pensando que o mal nunca foi a incoerência, mas sim o considerar a incoerência um mal.

10 DE OUTUBRO DE 2009, CADERNO DE ARABESCOS

Talvez se possa dizer que até os problemas de escrita se inscrevem na mesma lógica de avanços e recuos do desejo. Quero. Não quero. Quero. Não quero. Querer é fusão, esperança, plenitude. Depois, asfixia, alheamento. Não querer é liberdade, desorientação, culpa. (Se eu transar mais, escreverei melhor? Assumo o pau, e assim, assumo a pena.)

03 DE SETEMBRO DE 2009, CADERNO DE ARABESCOS

“Qué te parece volver a tu casa?”

“Adoraria. Mas tenho saudades de uma casa que nunca habitei. Não a casa escura, a casa onde vivo tropeçando nos cômodos, os abajures acobertam, as palavras e imagens se impõem e não se oferecem, as paredes são brancas como a morte. A casa invadida por ruídos, no interior dos quais nada se pode fazer.”

10 DE DEZEMBRO DE 2008, MOLESKINE PRETO

Minha avó está envelhecendo – é agora ou nunca. Se não prosseguir me arrependerei depois. Ela já se esquece de certas coisas. As reminiscências querem se calar e eu não deixo.

CADERNO DE CITAÇÕES

Se tivesse sabido com certeza em que direção estava sua saída, teria valido “apenas” como crente, indicador de caminhos ou escritor partidário. Mas, uma vez que duvida desesperadamente, uma vez que não “diz qual é a sua opinião” (porque não sabe qual é a sua opinião), permanece sempre na dimensão da “neutralidade” que estamos habituados a considerar como dimensão dos pronunciamentos artísticos – só que, nele, essa neutralidade não indica que tenha se recolhido à “torre de marfim”, mas que está encerrado numa torre. O efeito de sua dúvida e desespero é o fato de que suas tentativas e gritos de socorro funcionam “artisticamente”. A oração de quem, descrente, ora, torna-se poema. E quem observa, sem saber o que se passa, o prisioneiro que pula para a frente, para trás, à direita e à esquerda, tentando uma saída, pode considerar seus passos como pás de um dançarino de balé, e seu vaivém como uma pantomima; até para o próprio prisioneiro pode às vezes parecer que executa apenas um balé particular.

Gunther Anders, *Kafka: pró & contra*

29 DE OUTUBRO DE 2008, MOLESKINE PRETO

Meu analista disse, de modo um tanto enigmático, que os escritores falam pouco porque é claro, escrevem. Eu não consigo falar pouco. Parece-me que quanto mais escrevo, mais gostaria de aprender a falar.

08 DE SETEMBRO DE 2009, CADERNO DE ARABESCOS

Frustrar as leis intrínsecas à obra. Reinventá-las. Um romance sobre uma separação não pode deixar de frustrar e de trair. Atentar para a metáfora das portas (vide a “loirinha” e a “lápide

em cuneiformes austeras”). Na segunda parte, trair os leitores da primeira parte. Na terceira parte, os leitores da segunda. Trair, por fidelidade ao objeto maior. Ascender (ou descender), em cada bloco narrativo, a um estrato distinto da enunciação literária: do personagem ao narrador, e deste ao impalpável autor e suas vozes críticas. A trindade de *eus* forma e não forma unidade. Ela acusa a busca de uma verdade. E acusa que a busca é sempre o movimento brusco que estilhaça o que é uno em um sem-número de superfícies que se refletem. Em síntese: o cosmo é caos para quem ignora certas antileis.

12 DE AGOSTO DE 2009, CADERNO DE ARABESCOS

O tempo transcorre de modo distinto quando estamos solteiros. Em uma semana pode acontecer um monte de pequenas novidades. Você retoma amizades remotas, e se abre para pessoas com quem mantinha contatos apenas profissionais. O que não te interessava exerce papel fundamental. As mulheres começam a sorrir, como se descobrissem que você é um sujeito desejante mais uma vez. Você volta a se interessar por quem cruza o seu caminho. De chão, o amor vira céu. Quando o amor é chão, não o percebemos. Esquecemos que ele está lá, com exceção dos momentos em que tropeçamos nele. Nós plantamos no amor chão, e aguardamos os frutos. Quando o amor é céu, nós o respiramos – ele está em todos os lugares, partilha seu calor com todas as coisas, mas jamais conseguimos tocá-lo. À noite, olhamos para o céu, e com sorte, encontramos algumas estrelas.

13 DE AGOSTO DE 2009, CADERNO DE ARABESCOS

Para mim, ela é um passaporte para outra vida.

Minha vez de escrever. Um rápido e-mail para Dália: preciso pensar muito bem nesta resposta. Eu disse que havia me separado, ela respondeu algo sobre a rica possibilidade dos caminhos. Novos caminhos! Foi isso. De algum modo, a carta parecia casual e sugestiva.

Quando a conheci, ela tinha cabelos compridos e cacheados, e filmava a tarde de inauguração de uma livraria de bairro. Dália com uma câmera, captando sorrisos frouxos, comentários pouco inspirados. Como eu, estava de fora; ao contrário de mim, sentia-se à vontade. Fixei-me nela. Acompanhei os seus movimentos. Com os olhos ociosos, sem ocupação definida, fui fisgado por uma outra mulher, puro olho: câmera. Depois, ela editaria um pequeno vídeo com aquelas imagens. O encontro editado era muito melhor do que o dia da inauguração.

E de alguma maneira, eu também a editei. “Deus, como ela é livre!”, pensei, “Ela tem a vida que quero para mim.” De onde tirei essas coisas? Ela acabara de retornar de uma temporada em Barcelona. Era só o que me faltava.

Reencontrei-a dois anos depois, em uma festa na casa de Ricardo. Tinha os cabelos curtos. Uma hora de papo, e já planejávamos um curta-metragem com moradores de rua. Falei do “Herança”, ela perguntou se eu precisava de ajuda. “Na edição, talvez”, respondi. Eu sabia que ela sabia que eu a havia secado naquela tarde de inauguração da livraria.

E agora, quinze dias depois de me separar de Aurora, estou numa praça remontando mais uma vez a nossa história sem acontecimentos e criando coragem para escrever um único e-mail.

Agora é a hora. O que dizer?

Oi, Dália!

Não.

Dália,

Melhor.

Obrigado pela força! Desculpe não ter respondido antes, mas é que estava meio atordoado com a separação. Passei os últimos dias atrás de alguém para dividir um apê, e só consegui me mudar há alguns dias. E agora quero muito retomar a edição.

Topa uma cerveja?

Não comentei nada naquela semana, mas assisti ao seu filme. Superprodução, não? Fiquei muito atento à linha do filme, à sequência dos cortes, a esta lógica criada entre imagens e posições fortes.

Assim, não. Preciso ser mais direto.

Dália,

Desculpe não ter ligado antes. Estava meio atordoado, e procurava um apê nestes últimos dias. Que acha da gente tomar uma cerveja, um dia desses?

Não! Corro para casa, ligo o computador, e digito:

Oi Dália,

Vamos tomar uma cerveja um dia desses?

Beijo

CADERNO DE CITAÇÕES

“Estou atrasada, desculpe. Espero que não tenha esperado muito.”

“Você não se atrasou. Escute, preciso ser franco com você. Não posso ir a lugar nenhum neste momento. Não sei por onde começar. Não tenho tido muita sorte. Entrei em uma situação,

sei lá por quê. Fiquei casado durante muito tempo. Achei que estaria melhor solteiro, e tem sido ótimo. Louco, em certo sentido, mas sabe, solitário também. Mas eu sabia que deveria ter me aproximado de você no minuto em que te conheci, mas não fiz isso. E creio que o motivo de não ter me aproximado foi que eu tive receio, porque sabia que você despertava sentimentos verdadeiros dentro de mim. E assim, mais uma vez eu ferrei com tudo. Mas vou me redimir. Então, olha, o que você vai fazer amanhã?”

“Uau! Isto é você ou o seu novo romance?”

“Estarei bem amanhã, eu prometo.”

“Não quero causar problemas a ninguém.”

“Claro. E quanto a você e David?”

“Disse a David muitas vezes que preciso de alguém que me domine. E não creio que ele possa fazer isso.”

“Não?”

“E todo cara que conheço acha que será ele que me tornará fiel. Esteja avisado.”

“Não me assusto tão facilmente...”

“Só estou falando antes de mais nada, porque você não me conhece.”

“Mas eu te conheço. Escrevi duas vezes sobre você. Duas vezes você foi o obscuro objeto de desejo em livros que escrevi. Os livros fracassaram. Culpa minha, não sua. Mas te conheço inteiramente.”

“Não se engane. Você não me criou.”

“Estou dizendo. Todo desassossego que tenha sentido, toda melancolia e imprevisibilidade com as quais tenha partido corações, e você sabe, gata, você parte corações, está tudo acabado esta noite.”

“Onde arranjou esta confiança toda? Ou está com medo?”

“Eu não sou David. Eu te transformei em ficção duas vezes com a minha imaginação. Escrevi sobre você antes mesmo de saber que você existia. Exceto que um dia eu sabia que iria te encontrar.”

“Bem, então o que estou pensando?”

“Gostaria que ele calasse a boca e me beijasse.”

“Mas você chegou tarde.”

“Não é tarde. Cheguei na hora para você. Mas claro, por que eu te beijaria aqui sabendo que seu apartamento fica a duas quadras?”

“Como você sabia disso?”

“E como não saberia? Você foi ‘Steffi’ em meu primeiro livro, e ‘Louise’ no segundo. E agora... você é Nola.”

[Beijam-se.]

Celebridades, Woody Allen

6 DE OUTUBRO DE 2009, CADERNO DE ARABESCOS

“Meu corpo ainda não está pronto.” Disse ao meu analista, e pela primeira vez ele interrompeu a sessão com vinte minutos. “Meu corpo ainda não está pronto”, e comecei a observar as pessoas na rua, no ônibus, os cortes de cabelo, as roupas. A simetria dos rostos, um certo desconcerto, e todos pareciam corretos, direitos, inteiros, sem deformidades.

Como fui deixar minhas cuecas ficarem desse jeito? Por que ninguém me disse nada?

IT NEVER ENTERED MY MIND, CADERNO DE ARABESCOS

Ontem saí com uma garota cinco anos mais nova, cabelos curtos e ondulados, um conjunto preto e vermelho que a pro-

tegia dos ventos de agosto. Fixei-me nas botas, e percebi que ela sorria mais que de costume. Recém-saída de uma sessão de cinema, a garota, um pouco envergonhada, me explicava que se recuperava de uma série de infecções, e pelo efeito do antibiótico sentia a cabeça pesada e a consciência rarefeita. Cuidei para que nos encontrássemos no último lugar da cidade que ainda permitia a presença de fumantes. Cerrou um pouco os olhos enquanto tragava o cigarro entre os dedos finos. Cruzou as pernas atrás da mesinha circular, inclinando o quadril um pouco para o lado, em direção à rua movimentada do fim da tarde. A garota ainda cursava os últimos créditos de uma graduação, e dali a pouco precisaria rumar para a faculdade. Explicou-me, sorrindo um pouco mais que de costume, que filmava relatos de seus sonhos, e depois os combinava com uma construção de imagens oníricas que remetiam ao seu próprio universo de símbolos: uma rua de paralelepípedos molhados, uma vitrine refletindo um cego com a cabeça ligeiramente inclinada para trás, estampas coloridas coladas a postes na Rua Augusta.

(À moda antiga. Aliança nos dedos, promessas de fidelidade, exclusividade e sacrifício. Convívio diário, construção de família. O amor é mais importante que a paixão. Para manter este pacto, o consorte precisará muitas vezes aprender a trair. A culpa e o desejo proibido serão a marca desta forma de união, oferecendo um legitimado gozo secundário e vastíssimo repertório simbólico. A vida correrá naturalmente. A necessidade de sustentar os filhos motivará a ascensão social, a juventude ficará separada da maturidade, o acaso e a surpresa estarão reservados à renovação dos nascimentos e à elaboração das mortes. O casal entrará no circuito do acúmulo e reposição de bens e tecnologias, e a sólida

vida conjugal pedirá escoamento em vidas virtuais – cinema, novela, viagens de férias – eventuais ameaças à vida do casal, pois se dissolverá nestas lacunas da rotina a ilusão de que apenas um tipo de existência é possível. Caberá aos filhos irrealizar alguns sucessos e fracassos dos pais.)

A garota procurava algo nos bolsos do casaco, mas a distância, apenas o que se via era o negror que combinava com a bolsa que agora remexia, vaga e sonolenta, como na primeira vez em que a vi, atrás de uma filmadora, reduplicando o que enquadrava entre os cílios, escolhendo quando abrir e cortar a cena, dilatando o diafragma e permitindo que a pouca luz daquela tarde de há dois anos se consolidasse em uma outra paisagem. Desapontada, encontrara o que estava procurando – uma caixa de fósforos, que usara para acender o primeiro cigarro. Chacoalhou a caixa antes de abrir, como se ganhasse tempo, seus olhos baixos contra a constelação mundana de luzes vermelhas.

(Pós-moderno. Filhos sem pais. Pais que são filhos de seus filhos. Casas transitórias. A vida pós-absoluta, de sentidos difusos. Sexo abundante, drogas de todos os tipos: cirurgias plásticas, academias, psicotrópicos, anfetaminas, maconha. O amor não existe, mas apenas um buraco no lugar do eu, tamponado por um narcisismo verborrágico. A subjetividade é substituída pela autoajuda ou por músicas de Raul Seixas. A paixão é cansada e pragmática. As pessoas circulam com muita facilidade, exiladas de um lugar que nunca chegaram a habitar. A provisoriidade é um estilo. O prazer está associado à vertigem. Casais passam do anonimato ao sexo, daí para um convívio intenso e explosivo, e de volta para o anonimato. Nunca se viu o suficiente, nunca se viveu o suficiente: a liberdade é um valor irrevogável, e o acaso

do desencontro é a causa principal das separações. Sites de relacionamentos e ferramentas virtuais de comunicação oferecem encontros líquidos, choques de intimidades. A identificação surge de um fascínio opaco pelas fotografias do outro postadas na internet, tiradas em uma viagem infinita. O outro é sempre o detentor das asas ou o inquisidor de uma jaula já frouxa. O outro prende, o outro liberta. No fim, ninguém muda. Um casal não se transforma unido, e o parceiro temporário é uma opção dentre uma série de outras, com atributos específicos: gostos, aparência, local de residência.)

A sombra que a recobria se intensificou quando acendeu o cigarro. Respondeu que pensava mesmo no encontro dos sonhos com as praças da cidade, nos túneis desabitados da história, num certo tipo de multidão perambulante. Sentia saudade de Barcelona. Enquanto dizia isso, captei a pele de seu pulso, subitamente descoberta, um pulso branco, azul-rosáceo, e a garota observou-me constrangido por ter sido flagrado num rápido ziguezague de vistas, fingindo mal um devaneio, e sorriu mais um pouco. Também estava contente com o entusiasmo de nossa conversa, que súbito parecia prosseguir noite adentro. Anunciou que pediria a uma colega que gravasse a aula daquela noite, que poderíamos continuar conversando. Rapidamente, estávamos discorrendo sobre a noite, e o vão de horizonte à vista perfilava frestas arroxeadas contra o ocaso marinho.

(Travessia. O encontro não é eterno mas não se deixa inexistir. Paixão e amor caminham juntos, como água e leito de um único rio, pois a vitalidade do desejo não é nem sufocada, nem liberada ao acaso. Não há uma maneira sólida e apriorística de estar junto, mas isso não impede que as pessoas busquem a bele-

za como experiência compartilhada. As pessoas não são descartáveis, e o mundo tampouco abdica de sua riqueza de possibilidades, de saberes do corpo sensível. O prazer é um valor elevado, não um hedonismo vazio.)

A garota dava a entender que conhecia muito bem a noite, coisa que já se previa a partir de seus traços delicados em contraste com seu gesto decisivo e hermético. Debochou do abuso da cocaína entre os amigos dos bares e festas, passou daí para um antigo namorado que foi para a Tailândia, e de como quase o acompanhou ao Oriente. Mas não era de se expor em demasia, disse, rindo um pouco mais que de costume e, fixando o olhar do outro lado da rua, teve a miragem de que seu carro, estacionado em frente, estava com os vidros abertos. Suspirou fundo, deixou que o ruído dos motores invadissem o nosso silêncio, e sugeriu que nos despedíssemos. Olhamos um para o outro, sorridentes. Pagamos a conta.

10 DE OUTUBRO DE 2009, CADERNO DE ARABESCOS

Um livro de aventuras. Onde haja um herói misterioso, um mar de piratas e monstros, uma cidade corrompida por um conselho de magos. Espécies novas. Um tomo sagrado. Tavernas, jornadas, lutas de espadas, objetos preciosos. Um reino de dragões. Uma conspiração. Lendas, enigmas, profecias, castelos, assassinatos no meio da noite. Um livro herdeiro das sagas de infância. Uma igreja onde rezam apenas os mortos. Cavernas, um labirinto subterrâneo. Herdeiro de Cervantes, Crusoé, Tolkien, Walter Scott. Runas, senhas. Sociedades secretas, detetives e ladrões.

Já tive essa ideia em outros períodos críticos. Escrever um livro que não aspire à alta literatura, mas uma diversão inteli-

gente, inspirado nos mitos, nas epopeias clássicas. *Coração das Trevas*; *Odisseia*. E ainda; concluí-lo em quatro meses. Recuperar a infância, a criança que adora reviravoltas. A cultura precisa ter seu alicerce (José Paulo Paes). A alta literatura representa apenas o teto da casa. Mas rola o medo de perder o fio da intenção. Os meus hábitos não existem, há sempre a dúvida e a iminência do fracasso. E o fracasso é sempre não fazer. Quatro páginas de caderno, derramadas de um arroubo, mostraram que a coisa pode render. É algo que sei fazer, e que pode me sustentar. Em traduções, grupos de estudos, filmes, sou um aprendiz. Sei pouco. E tais coisas não dão dinheiro. Por que não a aventura? O desejo de contar uma história? Eu sou bom nisso.

CADERNO DE CITAÇÕES

...não há nada tão contrário ao meu estilo como uma narração extensa; interrompo-me tão amiúde por falta de fôlego, não tenho nem composição nem desenvolvimento que valha, mais ignorante que uma criança das frases e vocábulos que servem para as coisas mais comuns; portanto escolhi dizer o que sei dizer, adaptando a matéria à minha força;...

Michel de Montaigne, *Ensaíos*

24 DE NOVEMBRO DE 2009, MOLESKINE VERDE

Algo está mudando. O enquadre levou a isto. Merleau-Ponty levou a isto. A análise conduziu a isto. A idade, a consciência dos limites, o imperativo de viver fora da esfera dos grandes conceitos; a ordem narcísica contemporânea e seus desafios, a carne das coisas, a contemplação da arte, a admissão de que não posso prescindir dos amigos, tudo conduziu a isto: meu corpo sempre

estive no centro, embora eu não o soubesse. Meu corpo visível, ainda que meu talento de avestruz o tenha negado. E ainda: o cansaço da noite, a dor nos tendões, o latejo lombar, o alcance das caminhadas que sempre terminavam no mesmo ponto – na dor – na insuficiência de uma estrutura interna muito orgânica, ainda que metáfora.

SEM DATA, MOLESKINE VERDE

Joana. Descalça sobre a areia. A curva verde do coco molhado contra o cenário morno. Os cílios áureos quase se tocando, os dentes doces de um diáfano sorriso, e os dedos na concha do chapéu branco, perfumados de suor e filtro.

Joana. Sozinha na mesa, sem fazer caso da fome. O bar quase vazio. Os músicos debruçados sobre os instrumentos mudos, a garrafa pela metade. Joana brindando ao futuro incerto, confinada no limiar entre noite e dia.

Ecoando ondas, Joana no interior da caverna. E depois da sombra, a rocha se entregando para o mar, refúgio. Abraço. Joana beijando um homem atônito, que sabe tudo o que não está ganhando ou perdendo, que esconde mal a angústia e o júbilo, que pressente sob o tecido o umbigo mínimo. Os lábios que murmuram, finalmente.

CADERNO DE CITAÇÕES

[Clementine vai ao apartamento de Joel. Quando chega, Joel está escutando a gravação feita por ele mesmo antes de artificialmente apagadas de sua memória as experiências que viveu com Clem.]

[Voz de Joel no gravador] ...muito instruída. Ela é inteligente, creio, mas instruída não. Não conseguia conversar com ela sobre livros. Ela está mais para leitora de revistas. Seu vocabulário deixa um pouco a desejar. A verdade é que ficava constrangido em público...

Clementine: Oi.

Joel: Oi. Veja o que encontrei. [Mostra um desenho que fez de Clementine.]

[Joel no gravador] Acho que se há uma qualidade verdadeiramente sedutora em Clementine, é que sua personalidade promete tirá-lo da esfera mundana.

Clementine: Você me fez parecer esquelética.

[Joel]: ...um meteoro incandescente que irá levá-lo para outro mundo, um mundo onde as coisas são fascinantes. Mas o que você logo fica sabendo é que isto não passa de um ardil bem elaborado...

Joel: Desculpe por ter gritado com você.

Clem: Tudo bem. Eu realmente gosto de você. Eu odeio o fato de ter dito coisas ruins sobre você.

Joel: Deixe eu desligar isso.

Clem: Não faça isso. É justo que ouça.

[Joel]: Todo aquele lance com o seu cabelo, é tudo uma bobagem.

Joel: Eu gosto do seu cabelo.

Clem: Obrigada.

Joel: Eu gosto mesmo do seu cabelo. De verdade.

Clem: Obrigada.

Joel: Quer beber alguma coisa?

Clem: Uísque, você tem?

[Joel]: Não acho que gostasse de sexo. Pude vê-lo claramente na última noite em que estivemos juntos. Não era sensual, era apenas triste.

Joel: Ei, desculpe, pensei que tivesse mais.

[Joel]: O único modo que a Clem encontra para fazer as pessoas gostarem dela é transando com elas. Ou ao menos aventando a possibilidade de transar na frente delas. Acho que ela é tão ansiosa e insegura que sairá, mais cedo ou mais tarde, transando com todo mundo.

Clem: Eu não faço isso.

Joel: Eu não pensaria isso de você.

Clem: É, porque eu não faço isso.

Joel: Eu sei.

Clem: Me magoa muito que você tenha dito isso, porque eu não faço isso.

Joel: Desculpe, desculpe...

Clem: Desculpe por tudo isso, eu tenho que ir, estou um pouco confusa, e realmente não acho que deva estar aqui.

[Joel abre a porta do apartamento para Clem.]

Clem: Tchau.

Joel: Tchau.

[Joel]: Pensei que a conhecesse.

Clem: Foi um prazer te conhecer. [Afasta-se.]

[Joel]: Que desperdício passar tanto tempo com alguém, apenas para descobrir que ela é uma estranha.

Joel: Espere! [Joel a alcança no corredor.]

Clem: Quê?

Joel: Não sei. Só espere.

Clem: O que você quer, Joel?

Joel: Só espere. Não sei. Fique um pouquinho. Só um pouquinho.

Clem: Está bem.

Joel: SÉRIO?

Clem: Eu não sou um conceito. Sou só uma garota fodida, à procura de um pouco de paz. Não sou perfeita.

Joel: Não consigo enxergar nada que desgoste em você.

Clem: Mas você vai enxergar.

Joel: Mas agora não consigo.

Clem: Você pensará em coisas. E eu ficarei entediada e me sentirei presa, porque é isso que acontece comigo.

[Joel pensa um pouco]

Joel: Tudo bem.

[Clem pensa um pouco]

Clem: Tudo bem. Tudo bem.

Joel: Tudo bem.

[Começam a rir.]

Brilho Eterno de uma mente sem lembranças,

Michel Gondry

SEM DATA, MOLESKINE VERDE

Um homem se aproxima de uma mulher. Ele está de preto; é um tanto triste; nem bonito nem feio. Talvez um pouco bonito (de certos ângulos). Mas a sua estranheza está em parecer triste e fora de lugar. Internamente, questiona o ritual de cortejo. Mas se esforça para jogar, pois ama o mistério, e o mistério está nas mulheres. Deseja desvendar algo nele próprio. Não se trata apenas de saber se irá conquistar alguém que não o conhece. Mas de conseguir reter o mistério em sua vida. Ele sabe, no fundo, que

quando aquela mulher começar a falar, a magia se dissipará. Porque aprendeu que tudo de perto perde o encanto. Mas ele também sabe que o desencanto é igualmente ilusório. O desencanto também é uma fantasia. Mas ele precisa falar com esta mulher, e precisa ter uma história com ela. Ele deseja se ligar às pessoas, e supõe que não deveria haver algo tão simples quanto se aproximar dela e dizer olá. A jovem, receptiva, corresponderia à saudação com um gracejo. Afinal, sabemos o esforço e a coragem requeridas para dizer um olá. Mas a primeira reação da mulher, para o seu espanto, é de desconfiança. Ela pensa: “Ele quer me beijar. Eu não posso ser fácil. Afinal, tantos canalhas já se aproximaram de mim.” O homem, por sua vez, sente-se rejeitado. “Quem é ela afinal? Nem sabe quem sou! Chego aqui desarmado, e ela me recebe assim.” Seu ímpeto é o de se afastar, mas resiste, ainda que ressentido, esforçando-se para dar continuidade à conversa. Mas a conversa teima em morrer. Ele então parte para o recurso mais fácil, já desdenhando tudo aquilo, intimidado pelo timbre banal em contraste com a beleza de seu rosto. Apela para o trabalho. “O que você faz?” Sabe que a última coisa que ela deseja é falar de trabalho. Está lá para se divertir, não para discutir seu trabalho. Oitenta e oito por cento das pessoas odeia seu trabalho. Se a mulher está na noite com o olhar perdido, este índice sobe para noventa e cinco por cento. Ou seja: há grandes chances de esta ter sido a pior de todas as cantadas. Ela está falando do que não gosta de falar, com um total desconhecido, que se veste de preto e nada tem de especial. Ele até pode revelar com isto uma boa capacidade para ouvir, todas as mulheres gostam de homens que sabem ouvir. Mas elas querem que alguém significativo as ouça, e este sujeito parece ouvir apenas porque não tem nada a propor.

Na boa: a civilização moderna desaprendeu a se divertir. Desenvolveram meios de transporte fabulosos, métodos contraceptivos quase garantidos, técnicas irreprocháveis de assepsia. A moda nunca foi tão ofuscante e sedutora. Mas na sexta-feira à noite, a diversão é problema de cada um.

Até os meus vinte e três anos estive escorado nas redes da escola, colégio e faculdade. Convivia todos os dias com uma turma. Depois casei. Convívio diário – almoços de família, jantares com os amigos, seriados a dois. Sem conjecturar estes pormenores, pulei fora. Estamos em uma típica noite de sexta. Despreca-vi-me: não agitei um encontro, não pus meu nome na lista, não telefonei para ninguém. Mal conheço a vida noturna desta cidade. Ou conheço? Ela se resumirá a isto? Terei de contar com esta meia dúzia de bares mais descolados, com estes três ou quatro clubes noturnos que me agradam? É só isto que vocês têm a me oferecer, minha gente?

É reticente que considero passar a noite dançando. Também não gostaria de ficar chapando o coco madrugada adentro. Mas é o que farei, porque aqui é isso que se faz. Será tudo? Não sei se é disso que se trata – ou daquilo de que sinto falta há tanto tempo. Uma vez aqui, estou do outro lado do espelho: a aglomeração diurna transfigura-se em metrópole assombreada onde os homens se despojam da moderação e pavoneiam as mulheres, as mulheres fustigam os homens, seguranças mantêm os enjoados e os briguentos na friagem, garçons recortam entre as mesas desatentos aos retrovisores, a vaga entre duas picapes com sorte custa cinco, dez contos, *subwoofers* espatifam o ar ferindo tímpanos aturdidos, e o dinheiro amassado circula entre as mãos

das multidões enfeitadas e pálidas, que vez em vez, e ainda com latinhas de alumínio nas mãos, são flagradas pelas próprias imagens furtivas nos espelhos de sanitários banhados de galões de desidratação etílica. É neste cenário que espero me encontrar. Espero me divertir como todo mundo. Ir à caça, observando certas condutas que nunca aprendi. Por exemplo: como elevar a voz sobre a balbúrdia, e sussurrar no ouvido de uma desconhecida aparentemente bonita, aparentemente gostosa, aparentemente disponível, que se é especial, mais especial que a horda dos outros homens que estão caindo de olhos e dedos sobre ela, mera equação de oferta e demanda? O que devo esperar de uma mulher, e por que quero tanto beijar esta, aquela, aquela outra? Devo estar muito carente. Esta cidade está cheia de carentes que buscam por todos os meios atingir um fim até que singelo, se pararmos para pensar. Beijar, foder. Namorar. Casar. Sobreviver ao martírio da banalidade chafurdando na própria banalidade. Se não isto, o quê? Inscrever-me em um curso de culinária? Em um site de relacionamentos? Risível.

Faz tanto tempo que saí da ativa que já não se lembram mais de me telefonar. Como será a cabeça daqueles que estão nessa há trinta anos, que não se entregaram às mordomias de um sofá, como anunciar à boemia que ela me tem de regresso? Se a vida a dois tanto me tolheu, se fui obrigado a me inventar para estar casado, o que precisarei inventar para estar só?

Levanto-me daquele cantinho do café repleto de um cinema na rua Augusta, ainda incerto de um rumo. Ao menos disso devo me regozijar: estou caminhando sem apoios. Faz quase uma década que não realizo qualquer coisa sem companhia. As filas das últimas sessões já escoam para o interior das salas de

projeção, e um pouco enfasiado atravesso a rua movimentada, até uma pequena loja de discos. Perambulo em meio às prateleiras coloridas para ganhar mais tempo, sem vontade alguma de engrossar com mais produtos culturais o repertório subutilizado que adquiri e jaz esquecido em meu domicílio conjugal. Absorto em necessidades elementares, já não presto atenção às novidades alardeadas pelos anúncios e artigos culturais do jornal. Dispensando um pensamento vão – o de que, com sorte, o meu romance será em breve mais uma novidade entre outras, mais um lançamento, a assediar a ânsia insaciável dos consumidores de cultura. Ralo os miolos para, ao fim e ao cabo, ser apenas uma peça da engrenagem deste sistema em que as novidades da semana tornam obsoletas as da semana passada. Deste ponto de vista não faz mesmo o menor sentido, como toda coisa quando conduzida ao ritmo de uma operação obsessiva desenfreada. Mero labor de insetos comunitários.

É neste instante que, do outro lado da loja, descubro uma moça baixa, magra, de cabelos lisos, compridos e muito negros, a pele leitosa de pouco mais de vinte anos, roupas largas com estampas castanhas. Endireito apressado a postura, mesmo sabendo que as chances de abordá-la são nulas. Indiferente à sua indiferença, tento me fazer interessante, seja lá o que for isso. Já perdi alguns quilos desde que me separei. Releguei os óculos para os momentos de descanso. Mesmo assim, não há um sinal perceptível de que ela tenha estabelecido contato. Aciono uma conduta falsamente distraída, como quem procura um disco entre os outros. Um homem sem rumo será atraente aos olhos de uma garota? Por que, afinal, devemos parecer desinteressados para sermos interessantes? Não soa um embuste, um gran-

de embuste, um sujeito carente dar ares de autossuficiência? A moça está sozinha. Apanha uma embalagem nas mãos e confere a lista de faixas musicais: um disco do Chico Buarque, o bardo consensual. Ela deve ser muito nova para ainda comprar discos do Chico Buarque. Arquiteto abordagens vazias, parafraseando os motes de suas canções. “Olá, como vai? Eu vou indo e você, tudo bem?” Ou: “Quero ficar no seu corpo feito esta tatuagem de estrela na nuca.” “Branquinha dos olhos marejados, tire os seus olhos daí.” Ele repete “olhos” duas vezes na mesma frase, e ninguém liga. Canções da ditadura, canções de amor. Quanta canção de amor, quanto ressentimento assoprado na flauta, dedilhado no violão, laureando lamúrias e enlaces simbióticos. Se fosse compositor, diria de vez que o amor é faroeste, cheio de xerifes, mas sem nenhum mocinho. Insegurança, vaidade, uma constelação de defesas, temor de rejeição e alguma cena bonita de um filme: isso é amor. Hoje sei que a bossa-nova ensinou tudo errado. Que um homem pedindo a uma mulher para que volte não é hai-kai, é harakiri. Que muitas vezes essa dor tem tanto lirismo quanto o de um caminhão de lixo.

A moça nem reparou em mim. “Você nunca deixou de rascunhar nas dobras da massa cinzenta o *background* (sempre o mesmo) de estranhas, mas ficou nisso, de esguelha, como um pervertido que se deleita em assistir ao mesmíssimo curta-metragem, não para crescer, mas para matizar o repertório punheteiro. Do homem correto você só tem a pusilanimidade, e a presença desta garota é só mais uma deixa para retornar aos trilhamentos correntes, para reforçar aquela vala de diferença entre você e o outro, e para denegar a banalidade do outro em defesa própria.” Veja só. Com isenção, quem deve ser esta ga-

rota, que já abandonou o disco do Chico e na entrada da loja fala ao celular? Uma garota que namora alguém dois anos mais velho, está no fim da faculdade e deseja em algum momento “vencer na vida”. Ou uma garota com um emprego qualquer, que precisou sacrificar a tal vitória em nome de satisfações ou necessidades financeiras mais imediatas. Especulações módicas e fastidiosas. Ela não é esta figura resolvida que fantasio, estas notas resolutas e espontâneas de Erik Satie. Ela não vai me salvar desta claustrofobia e me fazer um sujeito que conclua as frases que começou, não vai desobstruir o ádito invisível que me conduzirá aos espíritos acolhedores e instruídos, a dizerem: “Ah, nossa, estávamos à sua espera. Escute...”, não transmitirá a serenidade para, esquecendo faturas e outras distrações, permitir que eu carregue nas costas os tubos de oxigênio, a máscara no rosto, e desça às profundezas de minha solidão, e ali encontre as naus, fragatas, apenas para retornar expansivo, com páginas preenchidas tão boas quanto minhas de prosa aguçada, com tamanha energia ao vê-la no entardecer que ainda beberemos vinhos fortes no gargalo, faremos um amor misterioso, sairemos para dançar em plena quarta, segunda, domingo, as malas já prontas para Istambul, Montreal, Cidade do México, liderados por nossas opiniões impávidas e abertas, nossa força de expressão e um movimento desimpedido nas instituições humanas. Os detalhes prescindíveis, o escrúpulo moldado pelo servilismo das classes terá ficado há muito para trás, e nossas raízes com o passado serão poesia.

A moça na loja de CDs na Rua Augusta se foi. Dela, restou um espectro que logo partirá também. O que fazer esta noite?

CADERNO DE CITAÇÕES

Na época de Homero, a humanidade oferecia-se em espetáculo aos deuses olímpicos; agora, ela se transforma em espetáculo para si mesma. Sua autoalienação atingiu o ponto que lhe permite viver sua própria destruição como um prazer estético de primeira ordem. Eis a estetização da política, como a prática do fascismo. O comunismo responde com a politização da arte.

Walter Benjamin, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*

SEM DATA, MOLESKINE VERDE

Um homem se aproxima de uma mulher. É um sujeito confiante que assume a naturalidade da situação. Não importa se estão na praia, num bar ou numa fila de cinema. Ele começa a falar como se já estivessem no meio da conversa. Não parece estar interessado nela, o que a tranquiliza, porque não precisa responder de imediato.

“Quería saber sua opinião a respeito de uma coisa.”

“Quería tirar uma dúvida, e precisava de uma opinião feminina. Você pode me ajudar?”

“De que perfume você gosta mais?”

“Como este lugar deve parecer de dia?”

“Você por acaso viu um sujeito muito alto, magro, que se veste com uma camisa listrada?”

“Você consegue conversar direito com uma música dessas?”

“O que você pensa quando está em um lugar como este?”

“Você sabe adivinhar signos?”

“Será que alguém neste lugar está à vontade?”

“Você está com sono? Não prefere estar em casa vendo tevê? Não acha esta existência um tanto vazia para o seu gosto?”

“Qual o melhor dia da semana para frequentar esta biroasca?
O que você imagina encontrar antes de vir para cá?”

“Dá para notar que eu comi pizza de alho?”

Droga.

CADERNO DE CITAÇÕES

Os poetas, que cantam a pureza, mas que passam ao largo até das proximidades de um banho. Os poetas que esmolam de todos, até dos mendigos, só uma pequena chamada, só um pouco de carinho, só esmolam uma estatuazinha na esquina, a esmola da imortalidade dos mortais, esses cabeças-de-vento, invejosos, pálidos masturbadores, que venderiam sua alma por uma rima, por uma indicação, que expõem no mercado seus segredos mais íntimos, que tiram vantagem até da morte de pais, mães, filhos, e mais tarde, anos passados, “numa noite de inspiração”, quebram suas tumbas, abrem seus caixões, e com a lanterna dos gatunos da vaidade pesquisam “emoções”, como os ladrões de tumbas procuram dentes de ouro e joias, depois confessam e se arrependem, esses necrófilos, esses feirantes.

Dezsö Kosztolányi, *O tradutor cleptomaniaco*

1987, REDAÇÃO ESCOLAR

A CAÇADA FINAL

Eu era um pássaro. Livre e feliz. Eu estava voltando para casa, com meu amigo depois de caçar algumas minhocas, então nos separamos:

– Adeus, até amanhã Kico, falei me despedindo.

– Tchau!

Nós íamos nos separando cada vez mais. Meu amiguinho agora era um pinguinho no i. Até que um barulho interrompeu meus pensamentos:

– Tiros! Falei. São tiros! Meu amiguinho está correndo perigo! Kicooo!

Ninguém respondia. Saí voando até lá, fiz o máximo que pude. Kico não podia me deixar naquele mundo endemoniado. Cheguei no lugar onde o tiro havia sido disparado. Vi Kico caído no chão. Eu pousei lá e Kico exclamou bem baixinho:

– Fuja, os caçadores estão por aí. Vá para tua casa, amigo.

– Não me deixa, Kico, por favor!

Não adiantava mais sofrer. Seus olhos haviam fechado, ele estava morto.

Os caçadores chegaram perto de mim, me levaram e me colocaram numa pequena jaula. Até hoje canto uma musiquinha que Kico cantava quando estava vivo. Sou triste agora, não tenho comida boa e vou ficar aqui até que Deus me chame.

CADERNO DE CITAÇÕES

“8 de setembro de 1888

(...)

Em meu quadro do Café Noturno, busquei exprimir que o café é um lugar onde podemos nos arruinar, ficar loucos, cometer crimes. Enfim, procurei, através dos contrastes de rosa tênue e de vermelho-sangue e borra de vinho, de suaves verdes Luís XV e Véronèse, contrastando com verdes-amarelos e verdes-azuis duros, tudo isto numa infernal atmosfera de forna-

lha, de enxofre pálido, exprimir algo como o poder das trevas de uma espelunca.”

Vincent Van Gogh, *Cartas a Téo*

FILMAGENS DE *HERANÇA*, DIONETE

Ele namorou uma menina muito bonita, filha adotiva do V. R. Os dois crianças, estavam com um namoro exagerado, a família proibiu. E tínhamos uma quitanda perto de casa, e um moço trabalhava lá que falou: “Ô, rapaz, que é isso, você vai fumar isso aqui, você vai esquecer da menina.” E o Fernando começou a usar maconha, né. Daí desencadeou um monte de coisa na vidinha dele.

20 DE SETEMBRO DE 2009, CADERNO DE ARABESCOS

Está claro que eu escrevo apenas para me libertar. Sempre invejei os mendigos, os loucos e os drogaditos, e consumi à farta a literatura ruim dessa gente. Estradeiros, junkies, um pessoal com a cabeça frita, livres das babas da ordem.

Hoje sou eu que temo me descaminhar. Sou sensato demais; instruído demais; tenho os pés fincados na razão. Foi o que disse o meu analista, pouco antes de partir: “O que posso te dizer”, falou, os olhos cinzentos, “é que você está muito lúcido.”

Jamais me contentei com este sacrifício. O único motivo que vejo para terem me afastado deste abismo é o fascínio que ele exerce sobre mim. Há um paralelo evidente com a história de minha família. Meu pai e seu irmão Fernando. Os dois arriscaram a vida – um se salvou e abraçou a razão. O outro cedeu ao canto das sereias, e afundou nas escarpas rochosas. Agora que acabo de concluir a edição do filme, pergunto-me se ele estará

completo sem a versão de Fernando. Que história teria ele para contar, se tivesse sobrevivido?

Fernando é o verdadeiro buraco negro da história da família. Foi a duras penas que consegui arrancar algo sobre ele. Antes da entrevista com José Achilles ninguém nunca me disse nada sobre o Carandiru. Não encontrei mais do que quatro fotografias de sua juventude, e apenas longe das câmeras confessaram que ele foi submetido a eletrochoques durante a desintoxicação. Falaram sussurrando, para que minha avó não ouvisse.

Como era? Poderia mesmo responsabilizar a maconha e a anfetamina pelo seu fim trágico? Como uma família ordeira e tradicional pôde gerar um pequeno diabo, e de que modo este diabo perdurou nesta lacuna, nestas histórias mal contadas? Como compreender este homem? Quem foram os seus amigos? O que ele fazia durante as tardes livres? Que fim levou Alda, a portuguesa? O que aconteceu em Tatuí?

Cada vez mais me convenço de que, para concluir a minha obra, contar toda a história e proceder com a minha cura, deverei seguir os seus passos. Preciso me atirar no buraco negro e regressar com vida. Será por isso que nunca antes pude sair de casa? Será este o medo que me aprisiona? A minha educação foi inteiramente pautada por este princípio: evitar que a história de Fernando se repetisse. Em nome disso, que eu crescesse com medo das pessoas – que elas fossem muito mais ágeis e sabidas, e que ao contrário delas, eu tivesse de restringir o meu domínio de conhecimento a algo irreal e fantasioso, como a literatura. Atado a relações familiares, valeria também uma dependência afetiva para que não me afastasse muito – e de tal modo que eu não fizesse quase nada sozinho; que eu tivesse medo do escuro e da

noite; que fosse hipocondríaco com seringas e taquicardias. Por fim, eu deveria também ser um homem que não atraísse muito o sexo oposto, porque as mulheres, desde a maçã, são as portas da perdição. O amor e a morte são irmãos. Um complexo de culpa viria a calhar, para que eu não me sentisse bem gastando o dinheiro dos outros e para que me contivesse em nome daqueles que amo.

Assim a prevenção seria perfeita. Um sujeito pouco atraente, hipocondríaco, responsável, dependente, introspectivo e sem jogo de cintura, com medo do desconhecido e do frio nunca será como Fernando.

O que não podiam suspeitar é que a morte e o amor encontram seus caminhos. Que a sombra de Fernando poderá ressurgir nos ombros de outros interlocutores. Não se esperava que este menino exercesse uma atração tão grande sobre a gente perdida do bairro. Que todo vazio, mais cedo ou mais tarde, fosse reeditado. Que um cárcere invisível como este começa a afrouxar quanto mais o chamamos pelo nome.

E agora, com a idade que Fernando tinha quando morreu, devo prosseguir. Fazer-me o porta-voz de tudo o que a família depositou nesta ovelha negra imolada. Fazer-me ainda o porta-grito, o portador de sua história.

CADERNO DE CITAÇÕES

Nunca me arrependi de minha experiência com as drogas. Creio possuir uma saúde melhor hoje como resultado de usar drogas em intervalos do que estaria se nunca fosse um viciado. Quando você para de crescer, você começa a morrer. Um viciado

nunca para de crescer. A maioria dos usuários abandona o hábito periodicamente, o que envolve atrofiar o organismo e substituir as células dependentes. Um usuário está em estado contínuo de atrofia e crescimento em seu ciclo diário de fissura e chapação.

William S. Burroughs, *Junky*

CADERNO DE CITAÇÕES

“3. Não posso me escrever. Quem seria este eu que se escreveria? À medida que entrasse na escrita, a escrita o esvaziaria, o tornaria vão; produzir-se-ia uma degradação progressiva, na qual a imagem do outro seria, também ela, pouco a pouco envolvida (escrever sobre alguma coisa é corromper esta coisa), abominação cuja conclusão não poderia deixar de ser: para quê?”

Roland Barthes, *Fragmentos de um discurso amoroso*

FILMAGENS DE HERANÇA, CANDINHA

Agora, eu vou falar depois quando ele ficou mais velho. Porque o Fernando nunca pode nem trabalhar, nada. E uma das vezes ele perdeu os documentos. Daí já estava bem homem feito, tudo. Eu falei: “Fernando, vamos tirar.” Ele tinha até ido para... como é que chama a cidade perto de Itapetininga? Tatuí. Foi lá. Isso era quando já era bem mais velho, já tinha passado várias coisas, sido internado várias vezes. Fernando chegou, eu falei: “Vamos tirar os documentos.”

“Para quê?”, ele falou. “Para quê documentos?”

Aquilo me deixou arrasada. Quase morri de chorar.

Ele esteve em Tatuí. O Lima foi lá, saber se ele ficou devendo. Com o Zé Luiz, até. A dona da pensão disse: “Como, meu senhor? Aquele rapaz distintíssimo?” Ele chegou outro! Sabe que

ele chegou outro da viagem de Tatuí? Chegou um homem feito, assistindo televisão com a gente.

“Por que ele fez esta viagem?”

Não sei. Não sei. O Lima que gostava de tudo direito foi saber se ele ficou devendo. Nem sei como ele pagou.

CADERNO DE CITAÇÕES

Nestas condições altamente especializadas, o indivíduo pode reunir-se e existir como unidade, não como defesa contra ansiedade, mas como expressão do EU SOU, eu estou, eu sou eu mesmo.

Donald Winnicott, *O brincar e a realidade*

FILMAGENS DE HERANÇA, JOSÉ LUIZ

Uma época ele conheceu uma moça casada, também, com um colosso de filhos, e a moça gostou muito dele, e resolveu largar a família inteira para ficar com ele. Uma instabilidade terrível. E daí o marido começou a ir atrás, eles foram para o interior. O marido soube não sei por quem, e disse que ia para o começo da estrada, esperar ele chegar. Eu nem sei como seria possível esperar ele chegar. Sei que me lembro de começar a visitar os amigos do meu irmão para avisar do perigo que ele estava correndo, que o marido estava atrás dos dois. E me lembro de ter ido no começo da estrada lá pra avisá-lo, pra ficar de plantão lá, pra pegar no começo da estrada. Eu sei que o marido depois foi lá em casa, conversou conosco, e a situação era aquela lá, mesmo. A mulher queria mesmo se separar dele. Ela também foi tão irresponsável, uma moça muito bonita. Alda, que chamava, muito bonita. Uma família linda. Depois conhecemos os filhos dela, crianças lindas. O marido era estrangeiro, meio polaco, bem claro. E as crianças

eram loiríssimas. E foi resolvido que tinha que ser assim mesmo, que ele se conformasse.

No fim eu sei que meu irmão voltou, ficou morando com a Alda um tempo, brigavam demais, e se separaram no fim. E ela voltou para o marido.

CADERNO DE CITAÇÕES

*“Bruno, esse sujeito e todos os outros sujeitos de Camarillo tinham certeza. Do quê, você quer saber? (...) Seguros de quê?, diga lá, quando eu, um pobre-diabo com mais pestes que o demônio debaixo da pele, tinha bastante consciência para sentir que era tudo feito uma gelatina, que tudo ao redor tremia que só precisava prestar um pouco de atenção, sentir um pouco, calar um pouco, para descobrir os furos. (...) Mas eles eram a ciência americana, você compreende, Bruno? O guarda-pó que os protegia dos bura-cos: não viam nada, aceitavam o já visto por outros, imaginavam que estavam vendo. E naturalmente não podiam ver os furos e estavam muito seguros de si, convencidíssimos de suas receitas, suas seringas, sua maldita psicanálise, seus não fume e seus não beba...
(...)”*

Na verdade, as coisas verdadeiramente difíceis são outras tão diferentes, tudo que a gente acha que pode fazer a qualquer momento. Olhar, por exemplo, ou compreender um cão ou um gato. Essas são as dificuldades, as grandes dificuldades. Ontem à noite aconteceu de eu me olhar neste espelhinho, e garanto que foi tão terrivelmente difícil que quase me joga da cama. (...) Mas é como em Palm Beach, em cima de uma onda despenca em você a segunda, e depois outra... Você nem acabou de sentir e já vem outra, vêm as palavras, essa espécie de cola-tudo, essa baba. E a baba vem e

cobre você, e o convence de que o do espelho é você. Claro, mas como entender? Mas se sou eu, como meu cabelo, com esta cicatriz. E as pessoas entendem que a única coisa que aceitam é a baba, e por isso acham tão fácil se olhar no espelho.”

Julio Cortázar, *O perseguidor*

FILMAGENS DE HERANÇA, JOSÉ LUIZ

Acho que o Fernando foi um peixe fácil de ser pescado por causa dessa maneira dele de ser. Olha, perto da minha casa tinha uma turminha que usava droga, uma turminha brava. E tudo virou tragédia. Tudo virou tragédia. Um se envolveu em tiroteio com polícia, foi morto. Um drogado lá encurralou a mãe atrás da porta e deu cinquenta facadas na mãe, ficou não sei quanto tempo preso. Outros se acidentaram, ficaram meio inválidos. Eu sei que foi dizimando essa turma, foi dizimando essa turma aí. Foi morrendo, foi sumindo essa turma aí.

CADERNO DE CITAÇÕES

Assim como nosso nascimento nos trouxe o nascimento de todas as coisas, assim nossa morte trará a morte de todas as coisas. Por isso, chorar porque daqui a cem anos não estaremos vivendo é loucura igual a chorar porque cem anos atrás não vivíamos. A morte é origem de uma outra vida.

Montaigne, *Ensaios*

CADERNO DE CITAÇÕES

À medida que envelhecemos

O mundo se torna mais estranho, os padrões mais complicados de mortos e vivos. Não o

momento intenso

Isolado, sem antes e depois.

Mas uma vida inteira ardendo em cada momento.

E não a vida inteira de um homem apenas.

Mas de velhas runas que não podem ser decifradas.

T. S.Eliot, "East Coker"

FILMAGENS DE *HERANÇA*, JOSÉ ACHILLES

O Fernando muito inteligente, muito alegre, mas muito frágil. Meu tio era só uma aparência de força, mas era extremamente frágil. Muito romântico. Acho que um dos motivos que o levou a usar droga numa época em que nem existia cocaína, só existia maconha, acho que anfetamina, também, foi o romantismo dele.

O Fernando tinha um lado que ele se destruía, também. Ele não conseguia viver de uma forma normal. Ele conseguia viver uma vida largada: amigos, saía, drogar-se, voltar. Nos últimos meses de vida dele, como uma despedida, chegou a ajudar em casa, na loteria, tal. E morreu numa quinta-feira. Foi chocante, mas ao mesmo tempo um sossego. Para ele e para o resto da família.

30 DE SETEMBRO, CADERNO DE ARABESCOS

Pisando os degraus forrados de entulho e cal que me conduzem ao apartamento das argentinas no segundo piso do sobrado, e desvencilhado de vaticínios e sentidos últimos, ao antecipar um sono sem imagens naquele quarto mínimo carregado de hábito decantado, nódoas de café nas paredes e disposições caóticas, plena noite de quinta-feira, que nada anuncia ou remói, consciência afinal de que apesar das contas e das mágoas que vou acu-

mulando, não se espera de mim esta taquigrafia com que venho produzindo não mais que desvarios lúcidos, razões da inércia, compulsão sem ação, calado, portanto, ouvidos atentos, lobrigo um ribombar crescente a descer as escadarias, sem antecipar que ele não brota de um clube ou de um vizinho. Apenas quando atinjo a porta de espelhos que me aparta do número vinte e um do segundo piso, constato o que logo se apresentará como uma invasão de videoclipe, a fechadura aberta desanda o invólucro de som, fumaça e corpos vivos: já não mais o negrume dos gatos, ou as pilhas de sutiãs sobre o sofá, não aquele odor meio viscoso do que não se banha de sol. Em febril contraste com meus movimentos íntimos, vagarosos, a festa súbita se abre, uma multidão desbaratada a beber e conversar há não sei quantas décadas na sala de estar, tomo-a em movimento, e a indiferença das gentes entre vinte e trinta e cinco, quarenta anos talvez, acolhe-me entre as pernas e os braços articulados, a luminosidade morna de abajures rubros, o tilintar eletrônico, perfumes e cremes, e o erotismo que emana não sei de onde e de quando a se propagar, Jefferson's Airplane, como deve ser ouvido, nas últimas, no alto, a voz rasgando a anedota de Alice e do Coelho Branco, uma pílula que te faz crescer, a outra diminuir, ou quem sabe uma outra que ofereça tanta vida ao custo de um milhão de avarias microscópicas, que abra caminho na onda humana de risos, e me conduza agora até a cozinha, não mais que oito metros quadriculados de energia comprimida, a pia um caniço de latas de prata e de ouro, e num movimento idiota, pedindo licença a duas línguas desbaratadas com garrafas d'água nas mãos, abro a geladeira apenas para dar com a minha gaveta carregada, a bandeja de frios escondida por latas geladas, não me avisaram, mastigo, também

moro nesta casa onde, à verdade, qualquer anúncio seria mesmo uma aberração deslocada, e volto a fechar a geladeira, entortando o quadril, de costas para os ímãs e nas pontas dos pés, nem sinal de Beatriz, Julia ou Isabel, sem sarcasmo um grupo à frente sorri para mim, de uma graça que me foge, e sei que, galgando os árduos três metros que me separam daquela cumplicidade, eles me farão um comentário ou uma piada inconclusa, talvez seja isso que eu deva fazer, demorar-me nunca foi verbo aplicado aos meus personagens, seria uma ocasião para começar, até o meu quarto são mais de trinta metros, não há alternativa senão descobrir qual a graça, Eu te conheço, afirma, indaga, reflete o jovem de barba castanho-azulada de semblante acolhedor e os olhos como dois faróis negros, Eu também te conheço, refaz a adolescente mignon e pálida, os mesmos fachos de uma alegria galvânica, e glosam, tangem-se e se desfiguram laqueando os lábios com a água entornada de garrafinhas, mas que sede apetitosa. Quer, pergunta um deles, e me oferece a marijuana enrolada num papel de seda.

O trampolim abismal, a acrofobia tomando friagem em touca de borracha, o peito molhado, a fila atrás subindo a escada metálica, a poça rasa de cloro pronta para o tapa. O silêncio da iminência que espera o beijo primeiro, um sorriso aberto nos lábios cerrados, pernas roçando, encruzilhadas. O romance crochê, embrionado no papel plano, pista de patinação do lápis lixa, a adrenalina avermelhando o ritual de nunca saber.

Suspirando, trago a fumaça mais lisa que a da nicotina, suspendendo nas costelas o pulmão cheio da erva etérea. Os meninos, maneiristas, falam de tecnologia, de como impressões digitais pincelam uma tela fina, sensível ao tato, e produzem as-

sim impressões digitais outras, Genial, concordo, e este “genial” é uma espera e uma chegada, a opção de estar presente, onde o presente é vazante de ressonâncias. Ao fim de uma volta, lá está o beque na minha mão, rogando um *déjà vu*, após o qual um efeito dardeja entre as dermes de meu organismo quinze quilos mais fino, mais firme, não posso ficar mais aqui, preciso me encostar, o santo baixou, onde é que está, onde é que está, tateio apoiando-me em costas suadas, e órfão, volto para a sala onde sobre o futon repousam mais ou menos quarenta e cinco belas almas, agora quarenta e seis, entre a parede agradável de fria e garotas que já me tomam por almofada, as vozes me reconfortando, o volume mais alto quanto mais aperto os olhos, quero ficar assim e espero que ninguém me perturbe, sou mais uma vez um foragido extemporâneo, o pensamento supersônico se alça para a manhã de minha primeira sessão de análise – o que lhe disse, mesmo? – algo sobre a trama férrea que me constitui. Contemplo meus bisavós Juca e Judith abraçados em Avaré, molhando os pés na areia da praia, mesmo que Avaré não tenha praia, um pôr do sol que é o mesmo que se verá no fim dos tempos. Depois disso nunca mais serei o mesmo, e digo ainda, nunca fui o mesmo, e Aurora jamais compreenderá o quanto a amo, o quanto a amei. Como somos infelizes, tudo é tão difícil, ai, viver, ai, e me dá uma vontade súbita de chorar, de abraçar o meu pai, um homem forte e carinhoso, de conversar com meus irmãos pela primeira vez, e já estou chorando, sentindo-me miserável e só, e é tudo culpa minha, eu que me impus esta solidão, este desassossego em abrir, sempre abrir, ainda que arranhando a porta com as unhas, quero explodir mas só consigo implodir, como o Carandiru que foi abaixo, e das ruínas plantaram árvores de plástico, árvores que já

são ruínas a farfalhar uma paz assustada, faltaram-me ganas para destruir tudo aquilo, para enquadrar o exército artilheiro contra a parede, o que estou dizendo, digo, pensando, penso, dizendo. Assisto de olhos fechados a minha lápide, e lá, jaz em cuneiformes austeras a sentença, eis o homem que durante todos os dias em que estive de pé, só engoliu e vomitou, pobre bulímico, e é sorte que eu assista também a um caleidoscópio chinês, um teatro de variedades, uma sequência de manchas sucessivas e jocosas que me querem transmitir uma moral da história, as cores me atenuam, há muito tempo estão ali, na tela do espírito, enlaço-as, venham aqui, são minhas filhas, ramificações inocentes de uma árvore com asas, o que estão dizendo lá fora, estão me chamando, talvez seja bom ver quem é, uma voz morna a afagar meus cabelos, aninhando os dedos em minha nuca, é Beatriz, enfim, Beatriz, Você está bem, carinho, e abro os olhos. Ela é toda carne e cílios que se apresentam sem a reserva desbotada de outrora, um perfume de incenso agridoce nos dentes, a língua entreaberta a se me dirigir, Você está bem, carinho, Estou bem, respondo, Minha pressão caiu, não digo a ela que é a primeira vez que provo da maçã, não se deve abrir o jogo da serpente, e Venha aqui, ela me conduz com afagos, toma-me pela mão, põe-me sentado, respira, põe-me de pé, e desliza comigo para um canto, retira de seu mamilo esquerdo um comprimido azul-claro, Tome isto, O que é, Você é o escritor, isso para mim não tem nome, é quando podemos viver livres do nome. Isso é um tóxico, Isto não tem nome, Isso é ilegal, Isto não tem nome, Isso se chama *ecstasy*, Isto não tem nome, Eu vou ficar dependente, Não, Ele tem efeitos colaterais, Não, Isso vai afetar o meu cérebro, Risos, O efeito vai passar quando, Nunca. De sua palma para a minha palma, de

seu mamilo para a minha língua, de uma alquimia clandestina para as minhas sinapses, da estratosfera para os meus glóbulos. A maçã. A chave girando. A roda-gigante. Beatriz não está mais aqui. Sucinto, saciando a espera com a cerveja, ainda enxergando o espetáculo como um jogo de xadrez, antecipando os passes adversários, desgostoso e sonolento, infiltro-me de roda em roda, danço ao som dos refrões possantes, filo um cigarro, folheio uma brochura gasta, atento, mas sem saber que uma estrela queima dentro de mim, o buraco negro deu um nó e inventou o brilho, que ao correr dos minutos consome o ar e extravaza raios pelas minhas narinas, pela garganta, orelhas, uretra, e quando começa a pingar pelos meus poros, volto a me deitar, desta vez as quarenta e cinco belas almas não preenchem o futon, que está mais escuro, granulado, aquoso, tocá-lo é como recobrir-me com o lençol de manhã, a música é feita dos mesmos grânulos de leite, meu corpo de leite, quero dançar, e súbito os movimentos ganham a maciez do felino que se deixa vibrar pelas nervuras acústicas, o tecido aéreo roça as cartilagens de minha nuca nua, a estrela palpita e encharca a quentura noturna e batiza o meu calafrio de anzóis com que vou fisingando os amigos, todos meus amigos, Esta é a vida sem neurose, digo a um rapaz maroto que zumbe ao meu lado, e já estou contando a minha vida toda para ele, e o mais espantoso, ele compreende, é só quando volto para a concha da cozinha que dou conta de que posso falar com qualquer um, há uma razão para estar aqui, tão grande que nem precisa haver, e é um mistério tamanho que Deus deve pairar boquiaberto sobre o firmamento, digo à Aline, ao Daniel, à Amanda, que me estende uma garrafinha, e a água produz e desfaz a sede a cada gole, é um tesouro que ofereço, generoso, ao Pedro, não sei há quanto

tempo estou conversando sobre detalhes de minha tradução, um romance do século XX, coisas que nunca ninguém quis saber, de uma densidade difícil de partilhar, e que agora é um paradigma a ser solucionado coletivamente. As maçãs do rosto de Amanda deveriam se chamar pêssegos do rosto de Amanda, a sua penugem acaricia a si mesma, e quando vejo, Beatriz, magnânima, poderosa, argentina, não contendo o enlace, e ficamos abraçados como um carço de manga. É o abraço dos amantes que se reencontram no oásis. Vou te tocar, e toco, Vou aspirar seu cabelo, quase sem ar no mar de algodão doce, Beatriz, como foi que, Vamos dançar, ela responde. Irmanados no pagará centrípeto, oriundos do mesmo pó, o sorriso macerado da mesma tragédia carnavalesca, pierrôs e odaliscas de punhos fechados contemplando as curvas uns dos outros, amigos de infância durante uma única noite, ondulamos na batida de veludo e néctar. Estendo a mão para tocar os fios de uma ninfa, e ela retribui acercando os seios contra o meu peito. É Beatriz. Beijamo-nos, e isto não tem nome.

Naufregados em sua cama, em seu esconso, um peso alargando sobre o outro, desenhando e borrando os contornos na seiva de nosso silêncio, de nosso gemido, os mamilos despontam desamparados, rosados, daqui de baixo eu vejo tudo, canibal, venha cá com este corpo que eu quero meter a minha alma, penetrar a minha grandeza entre a segunda e a primeira pessoa do seu singular, sussurro palavrinhas tão pequenas em seu ouvido caracol que seus lábios logo primaveram, e é feito criança que minha mão acaricia os seus segredos, e feito homem que os atravessam, atingem o outro lado do calafrio interminável, o espasmo, a palma aberta contra a espuma do mar na sibila areia, Beatriz, e é

esse nome que semeio, descansando os cabelos suados na tatuagem de suas ancas violentas, Beatriz, e é com este nome que ela escorre e engole a doçura, e sua fisionomia de penumbra já não é dela, via láctea, cãla, mas as mãos não param nunca, nunca, nunca. Nunca.

O que é aquilo?

La mañana.

Já?

Se acerca.

Abrimos a janela do quarto, e a cacimba da alvorada engolfa aos poucos o calor da noite. A estrela gorgoleja, bruxuleia, fenece de volta ao buraco negro. Ficamos ali, testemunhas cúmplices dos raios tingindo os tacos do chão. As latinhas nos cantos. As bitucas amassadas. As roupas na arara. As pernas familiares e frias. O pigarreio que mal preenche a antecipação, o chamado às verdades deslavadas. À quarta de cinzas e suas ínfimas ambições. Ao jogo de xadrez. À bexiga que aperta. À minha velha pele. Ao pio rodopio dos pássaros. Ao réquiem dos rotores distantes.

O chamado que triunfa, vingativo, apolíneo, bafejando, bafejando:

É hora de voltar a dormir.

Perlaboració

Minha analista teve um surto psicótico. Eu digo isto um monte de vezes, para ver se assimilo o impacto, se compreendo o que estou dizendo. Minha analista teve um surto psicótico. Ela saiu do ar, pelo que entendi, desatinou durante alguns meses. Meses. Não por dias, ou uma tarde. Foram meses. Dois mil e nove foi um ano difícil. Ela interrompeu as sessões em dois períodos. A primeira foi entre começo de junho e fim de julho. Parece pouco, mas acredite: quando você faz análise há dez anos com a mesma pessoa, e pela primeira vez uma secretária ao telefone anuncia que ela precisará passar algumas semanas longe, este tempo não é curto. Você fica à espera de seu regresso, passa a ansiar o reencontro com a mulher que lançará uma luz, que abrirá possibilidades e anunciará um devir onde serei um pouco mais desembaraçado. Mantinha acalorada conversa interna com ela, na expectativa de revê-la. Ao final daqueles anos todos, as sessões não eram assim tão surpreendentes. Passavam-se semanas sem que algo revelador me fosse transmitido. Mesmo assim, aquele era uma espécie de eixo da minha roda: descer na Praça Panamericana após duas breves corridas de ônibus, sair bem no meio daquela gorda rotatória arborizada, às vezes tomar um café

ali perto, atravessar as avenidas que recortam a praça, dobrar à esquerda numa rua mais sombreada e amena; percorrer o largo gramado da ilha central, avistar a casa caiada de esquina, passar pelos guardadores de carro, por um sujeito que falava sozinho e que, quando me via elevava o tom da voz – queixando-se de algo ou zombando de si mesmo – e então postar-me diante de um portão verde de metal, apertar o interfone, dar uma olhadela para a câmera instalada um metro acima de minha cabeça, entrar pelo portão que logo se abria, dar bom dia à secretária e aguardar numa das poltronas, o canto dos olhos na porta da sala de atendimento, onde Laura costumava aparecer com um aceno. E entrar na sala de atendimento com um copinho de café preto na mão: mais ou menos decidido, mais ou menos sossegado, mais ou menos verborrágico, mais ou menos taciturno. Tinha vezes que eu só queria contar a ela os meus irrisórios acontecidos. Falar e ser ouvido. Bastava. Sentávamo-nos frente a frente. À esquerda um divã, à direita uma grande tapeçaria na parede. Não me lembro o que era retratado na tapeçaria. Casas na ladeira de um morro, recortadas por uma rua? Mas este é o mesmo motivo de uma pintura do meu avô. Nos primeiros anos a sessão durava cinquenta minutos ou mais. Quando nos conhecemos, Laura comentou que gostava de assuntos relacionados a jovens e adolescentes. Coordenava um curso muito elogiado de Psicopatologia Contemporânea, e as novas subjetividades a fascinavam. Ela mesma era jovial e nada ortodoxa. Fazia um trabalho muito sério, mas nunca me defrontava com um ciso esfíngico, com a face imóvel de quem se arma para a escuta. Depois, houve um tempo em que eu precisei interromper as sessões. Esqueci-me de dizer: sou psicanalista. Mas decidi encaminhar todos os pacien-

tes, e escrever o meu primeiro romance. Outro detalhe: também sou escritor. Aproveitei para interromper a minha análise pessoal. Passei a trabalhar com meu pai em sua videolocadora, ganhando um fixo mensal e sem sobressaltos. Agora pensando, foram poucos meses depois de me casar. Uns dez meses depois voltei a procurá-la e retomamos as consultas, que agora cumpriam um horário mais rígido: quarenta minutos de sessão. Entendi, com isso, que eu já não precisava de uma amiga, mas de uma analista, e que a partir de então ela iria me tomar por alguém que tolera sozinho as frustrações, sem choramingos, sem concessões. A Laura sempre me pareceu uma fusão de minha tia com minha mãe. Ajudava como mãe (como minha mãe falhou em ajudar), e transmitia o afeto que minha tia, ou minha “mãe substituta” nutria por mim. Ela era divertida, e minha tia sempre foi uma piadista. Por outro lado, Laura não hesitava em me dar umas duras de vez em quando, falando com firmeza quando eu me encontrava prestes a cometer alguma besteira pela qual iria me arrepender. E na quase totalidade das vezes ela tinha razão. E como tinha razão! Era admirável a sensatez dessa mulher. Sessões de análise são caras, mas sem dúvida ela evitou que eu caísse em grandes roubadas. Salvei tempo e dinheiro. Acho comum entrar em projetos que não vingam. Todo mundo faz isso, é parte de nossas buscas. Mas havia certas opções claramente absurdas que me pareciam, no intervalo insano-hipnótico de alguns dias, perfeitamente factíveis; momentos em que eu me via compelido a aceitar certa proposta, a me deixar convencer por alguém, a dar livre vazão à euforia oriunda de uma ideia sem futuro nem fundamento. E Laura me salvava disso. Rodeava as beiradas. Nunca chegava a afirmar que a ideia era besta, claro

que não; apenas me convidava a discorrer sobre o assunto, pontuando minha fala com perguntinhas, miudezas, praticidades. Findo o palavrório eu reconhecia que o plano era inconsistente. E só quando percebia aonde eu não queria mais chegar, ela enfim situava uma questão aberta que apontava para uma nova vertente, um novo rumo, onde sugeria por que eu estava confuso, e a sessão terminava. Sensacional. Não é à toa que comparam o analista a um detetive. Não havia uma busca de evidências científicas observáveis, mas ela sabia tocar onde reverberava. Um ai-ki-dô. Uma acupuntura. Um golpe que me reerguia do fundo de um delírio passageiro. E esta mulher, tão magistralmente lúcida, tão desperta para os mais disparatados devaneios, que atendia dezenas de pessoas todas as semanas, que passava o dia escutando, aberta às diferenças, aos matizados estilos de contar uma vida, procurar soluções, desdobrar horizontes – essa mulher – madura, sensata, e bastante carinhosa (a seu modo profissional e salutar), essa mulher teve um surto psicótico. Parou de funcionar. Entrou na vertigem de seus próprios pesadelos, onde as pessoas deveriam atingir o ápice de sua sabedoria, na serenidade de ponderações maduras. A serenidade a enlouqueceu. Da primeira vez, entre junho e julho do ano passado, a justificativa foi a perda de um sogro. Ou ex-sogro, porque eu sabia que ela havia se divorciado pouco antes. Sabia ser um segundo divórcio, em aparência uma decisão refletida e corajosa. Aliás, foi ela a me mostrar que uma separação era possível. Sei que muitos analistas não fazem isto. Não mencionam fatos de sua vida privada. Mas Laura sempre foi tão sólida em sua posição de analista que eu não via problemas nessas modestas heterodoxias. A surpresa dessas pequenas revelações fazia bem à dinâmica, como vim a perceber.

E depois de algumas semanas, lá pela metade de junho, ela me ligou dizendo que iria continuar ausente por mais algumas semanas, por conta de um acesso de estresse. Estava exausta. “Eu já não sou jovem, e você sabe (porque já foi analista) como podemos deixar nossas próprias questões de lado ocupando-nos dos dilemas alheios. Precisaréi reduzir as minhas horas de atendimento. Afinal, já tenho sessenta anos.” Foi quando descobri. Jamais diria que ela tinha sessenta anos. Foi apenas quando retornou aos atendimentos que a sua confissão etária se materializou, estampada nos olhos fundos, nas mãos frias, no desbotado da face. Era outra. Menos falante. Menos alegre. Escutava, interpretava. Mas era outra. Foi triste constatar que a Laura que tive como companheira ao longo dos anos morrera, perdera-se. Mas já então eu estava disposto a aceitar que as coisas morriam e outras nasciam. Eu passava por um momento da minha vida em que era necessário abdicar de certas coisas que eu julgara permanentes, dadas, certas. Garantidas. Devo falar sobre isso, agora? Não, melhor não. Senão fica muito confuso para você. Eu já devo soar muito confuso. É que faz tanto tempo que eu desejava conversar com alguém sobre o que me ocorre que talvez as coisas saiam assim, abrindo espaço para extravasar, como uma multidão num prédio em chamas. Estou me fazendo entender? Bom. Acredito que meu caso seja incomum. Saber que sua analista enlouqueceu é no mínimo uma piada de mau gosto. Uma piada sem graça. Sinto por ela. Depois de anos de convívio, por mais que desconheça o mundo que a cerca, sinto muita afeição por Laura. A minha cura abandonou o primeiro plano, que foi ocupado pela sua fragilidade. Queria muito ajudar. Mas de que modo, se não tinha qualquer outra informação acerca do que

aconteceu? Como estava dizendo, ela retornou no final de julho. Atendeu-me em agosto e setembro. No início de outubro, desapareceu outra vez. Sua última sessão durou cinco minutos. A sessão seguinte – quando me preparava para anunciar decisões de suma importância – foi cancelada pela secretária. Desta vez, Laura padecia de uma infecção urinária grave e precisaria se ausentar. Retornaria em novembro. Desta vez, algo me soprou que as coisas não andavam bem; quanto a mim, saberia me virar. Não fiquei tão abalado como da primeira vez. A gente se acostuma com as coisas. A gente se acostuma a contar com alguém, e a não contar. Talvez por medo de me frustrar, eu já tivesse introjetado a convicção de que não poderia contar com ela, porque a doença, a morte, o capricho, estas coisas acontecem. É difícil dizer isto. Não falo sem certa amargura no peito. Não é possível se conciliar com certas verdades. Tem coisa que não dá para aceitar, nem depois de uma vida inteira. Mas o fato se impõe a qualquer coisa. O fato nos é impassível, não quer saber do que você aprendeu, de quanto amadureceu. O fato surge, simplesmente. Mais uma vez, eu estava por conta. O que fiz foi esquecer que Laura existia, e prosseguir. “Não preciso tanto de análise, cresci muito neste ano, creio que possa assumir sozinho daqui em diante.” No início de dezembro Laura me ligou. A conversa durou cinco minutos. Reiterou a história da infecção urinária, e comunicou que não retornaria antes do final do ano. Eu disse que estava bem, mas que ficava preocupado com ela. “Melhoras, aí”, foi a banalidade que me ocorreu. E só. Nada percebi de estranho em sua voz. Mais séria, talvez? Tinha me ligado no celular. Perguntei se ela não queria me ligar no telefone fixo. Ela estranhou a pergunta. Foi só. Ocorreu-me, semanas depois, perguntar à minha sogra se uma infec-

ção urinária poderia matar, e quanto tempo costumava durar. A resposta não me surpreendeu. Não mais que duas semanas. E a morte só ocorreria por afecções provocadas pela infecção urinária, jamais pela própria infecção. Pronto. Era a confirmação da suspeita de que minha analista tinha câncer. Tentara se tratar em junho e julho, o tecido maligno sumira por um tempo, e reaparecera em outubro. Não suspeitava que o tal tecido era de outra natureza. Jamais poderia imaginar que naquela última sessão, quando não pôde ficar mais de cinco minutos comigo, ela não padecia de um mal orgânico, mas de uma angústia alienante. Devia ouvir vozes falando sobre mim, estaria talvez despencando no sem fundo de um duto escuro, pervertendo pensamentos e percepções, procurando conter a força visceral de reações primárias. Outro ano principiava, e ainda ignorava essas coisas. Certa noite de janeiro, convidaram-me para uma festa há muito ansiada. Fui com a minha mulher – sou casado, já falo sobre isso – e reencontrei minha melhor amiga Laura (outra Laura, veja só), que vive em Barcelona e estava passando uns dias no Brasil. Ela havia acabado de se separar do marido, um catalão linhadura. Fazia tempo que não nos víamos, e tínhamos muito o que conversar; minha mulher foi embora mais cedo, ao passo que eu e Laura varamos a noite confabulando sobre os destinos amorosos de ambos. Tenho trinta anos, e já fazia algum tempo que não ficava acordado a noite toda. A conversa foi intensa. Estávamos inspirados. Saí de lá às sete e meia da manhã com a epifania nos calcanhares. Era uma sexta-feira de janeiro, e embora a metrópole ainda estivesse um tanto esvaziada pelas férias escolares, muita gente já aguardava de cabelo molhado e roupa limpa nos pontos de ônibus, rumo a seus respectivos ofícios. Em contraste, o gel

seco em meus cabelos, a roupa noturna amassada, as olheiras de ressaca e de culpa por saber que Aurora, minha mulher, acordaria quando me ouvisse entrar pela porta. Mas estava contente. Para mim, as tais férias só tinham começado naquele instante, poucos dias antes de seu término. A classe trabalhadora parecia carregada de disposição. Tinha de reconhecer esta coragem de madrugar e lutar, todas as manhãs. Há muito que não me encontrava desperto neste horário, e a luminosidade, os pássaros, uma placidez da normalidade me impressionaram. Gosto da manhã, mas a noite sempre vencera a queda de braço. Minha ocupação permite que isso aconteça. Não puxei o hábito madrugador de meu pai e de tanta gente que conheço. Não sigo o compasso do relógio oficial. Não tenho emprego fixo, não trabalho todos os dias, quarenta horas semanais. Não sei como é passar o dia em um escritório, ouvindo as diretivas de um patrão. Mas imerso naquela alegria e naquele estado de consciência tão singular, admirando a energia vital que emanava daquela gente a aguardar nos pontos de ônibus, tomei a decisão de acordar cedo, de absorver a disciplina e o método à minha rotina. Despertaria às sete todos os dias. Às oito sairia de casa, às nove chegaria na biblioteca da Psicologia do campus, e trabalharia, fosse escrevendo, fosse estudando, até às treze horas. De tarde me ocuparia dos projetos mais sociais, trocando e-mails, pagando contas, fazendo ligações, agendando alguma reunião. Às dezoito horas, seguiria para a academia, e chegaria às vinte em casa, aproveitando um descanso merecido. Passaria este tempo com Aurora. E outra: não me ocuparia aos finais de semana. Assim, talvez, seria mais produtivo. Não podia perder mais tempo com indecisões, não me deixaria abater pela apatia de muitos dos meus amigos, ou pela

desorientação gerada pelos meus escrúpulos. Assim, mesmo sem conseguir elencar minhas prioridades, não ficaria parado. Não seria mais subordinado às oscilações do mercado, prêmios ou projetos culturais. Enquanto aguardava uma resposta, estaria produzindo. Quatro dias depois, em uma segunda-feira, levei a curso o que planejava. Cheguei no campus precisamente às nove horas. A grama estava alta entre a biblioteca e o bloco de aulas. Aparte um ou outro funcionário que atravessava o pátio entre os edifícios, a universidade era um jardim deserto. Entrei na biblioteca e fui direto para uma das salas de estudo vazias (todas estavam vazias). Sentei-me, distribuí minhas coisas sobre a mesa. Abri *Rua de mão única*, de Walter Benjamin, um pequeno caderno amarelo por estrear, retirei as canetas da bolsa, e uma lapiseira para grifar as leituras. O ano começava naquele instante. E foi naquele instante que meu celular tocou. Não reconheci o número de telefone indicado na tela. Atendi. “Oi Tiago, é a Laura.” Silêncio. Entre tímido e expectante, disse que era bom falar com ela. Desejei-lhe feliz ano-novo. Perguntei como estava. “Feliz ano novo para você, também. Estou melhor, mas ainda não vou atender meus pacientes.” Perguntei então quando retornaria. Sua voz grave arrastou uma resposta: “Acredito que em fevereiro.” Mais silêncio. Falei que ficava contente em saber, que gostaria mesmo de revê-la. E numa voz sentenciosa, como quem anuncia a morte, falou: “Tiago, eu tive um surto psicótico.” E fez silêncio. Aguardava a minha reação. “Puxa, Laura, não sei o que dizer. Eu estou chocada. O que...” E interrompendo-me: “Fiquei muito preocupada com as tragédias que vêm se abatendo sobre o mundo.” Tragédias? Do que estava falando? Aguardei que continuasse. “Das tragédias em São Luiz do Paraitinga, dos desabamentos

das casas, das pessoas que morreram com as chuvas.” Aquilo parecia totalmente descabido. Sim, ela mencionava tragédias recentes. Mas por que estava falando aquilo? Algum conhecido dela morreu? “Você sabe que eu gosto muito de você, não é?” Sabia, reconheci, e comentei que eu tinha escrito uma carta para ela no dia anterior. Era verdade, digitei uma carta breve e no envelope inseri uma cópia da primeira versão do documentário que realizara ao longo do ano. Falei que o filme estava concluído, e que desejava lhe entregar. Em situações normais, Laura ficaria contente com a finalização de uma obra que me consumira tanto, e que tinha nascido daquele mesmo espaço de conversa que possuíamos. “O filme?...”, e logo emendou, “Sim, muitos dos meus pacientes me enviaram sinais de apoio, eles têm sido incríveis”. Naquele momento, me senti mal por ainda não ter remetido a carta. Como disse, eu me esquecera da análise durante todos os meses anteriores. Foi meu modo de viver sem ela. E disse que a mandaria no dia seguinte. “Quer me mandar hoje? Eu vou seguir para a praia de Toque-Toque com minha família.” Não posso, objetei, mas o enviaria no dia seguinte, e que ela lesse a carta e assistisse ao filme quando fosse possível. Àquela altura, eu já estava exausto. Várias vezes imaginara que, certa tarde, um estranho me telefonaria, diria que me acalmasse, que fora enviado por Laura para que tivéssemos uma conversa. E quando me encontrasse com este sujeito, ele contaria que Laura falecera. Um câncer muito feroz a consumira em poucos meses. Julgava estar preparado para o pior. Mas um câncer eu compreenderia. Por pior que fosse, seria algo inteligível. Uma alma em curto-circuito, não. Ainda com o celular na orelha, começava a pensar que deveria parar de reagir às palavras da Laura, e dizer algo que

prestasse. “Olha, Laura, eu não sei se você vai atender no mês que vem ou não, não sei o que você vai fazer da sua vida depois dessa. Não sei, claro que não sei! Não tenho como saber, eu só posso especular, não é?” “Eu também não sei.” “Pode ser que você pare de atender, pode ser tantas coisas. Mas mesmo assim, espero que em algum momento a gente possa se rever. Porque a interrupção foi muito abrupta, não foi coisa fácil. É ruim interromper as coisas desse jeito.” Não sei o que ela respondeu. A próxima coisa de que me lembro é estar fora da sala de estudos, sentado num banco de concreto, incapaz de fazer outra coisa além de fumar um cigarro depois do outro, e de conferir no relógio o tempo que me restara. Era meu ano que começava. Fiz vários planos, preparei-me com tudo o que tinha, e foi assim que ele abriu. Pensei na carta. Haveria de escrever outra. Voltei para casa ainda capturado pelo acontecimento, os olhos fixos em um ponto interior. Laura me apresentara uma charada sem solução. De tempos em tempos, recordava seus comentários nas sessões. Acreditava numa sabedoria implícita a todos eles. Eu também os interpretava. E aos poucos, fui procurando nestes comentários o seu teor de loucura. Olha, eu quero avisar de antemão que não sou daqueles que abominam a loucura. Sou escritor, sou (ou fui) psicanalista, a loucura faz parte destes mundos. Minha família também tem seus loucos, dentre os quais me incluo. Mas há alguma coisa no surto de Laura que não consigo engolir – e é por isso que te procurei. Liguei para um colega de profissão que depois de uma semana, passou o seu contato. Você estava de férias, e só conseguiu me retornar dez dias depois. Vou te contar: da manhã no campus até hoje, os dias se arrastaram. Não pega bem mostrar-se desesperado por alguma coisa, precisar tanto da ajuda de

um desconhecido. Retornando da universidade, colado à janela do ônibus, contemplava os passantes, e todos pareciam infectados com a loucura. Era para amenizá-la que acordavam cedo todas as manhãs. É para nos protegermos da loucura que inventamos hábitos, preocupações, religiões. Repetindo um ritual, estamos privados de pensar em como este equilíbrio é frágil. O que há por debaixo? O que há por baixo do amor, por exemplo? Por que estou com Aurora? Por que minha família se encontra todos os domingos? Por que silenciamos, suportamos sem queixas mais do que é possível? Fazia alguns meses que me sentia apto a viver sem análise. Faz quinze anos que me consulto. É metade de minha vida. Meu primeiro analista foi um médico muito sério que me atendia perto da praça da República. Depois, passei com o Paulo, um sujeito que fui reencontrar mais tarde em um curso de formação. Dois anos com ele, também. Na época, tentava me livrar de um namoro. Saía de lá com a força de uma resolução. Esta força ia minguando a cada quarteirão, e se extinguia quando chegava no metrô. No dia em que terminei com esta namorada, larguei a análise. Também fui a uma entrevista com uma junguiana, indicada pela rede universitária. Estendi a mão para cumprimentá-la, ela queria um abraço. Estranhei. Após dez minutos de sessão, falou que eu estava muito preso, disse que eu precisava voar. “Voe! Você é uma pessoa muito especial! Voe!”, e me apontou a janela do trigésimo andar. O exíguo conjunto comercial, perfumado com essência de rosas, era provido de uma maca acolchoada. Perguntei para quê aquilo. “Nossos problemas não estão apenas na mente, eles se disseminam pelo corpo. Em algum momento, enquanto estivermos conversando, você poderá pedir uma massagem, que eu te faço.” E logo, emendou: “Você

é um sujeito especial, precisa sair deste seu lugar. Você não vive. Você vegeta.” Fiquei irritado. O que aquela ex-hippie, new age, com uma religiosidade tão profunda quanto uma música de Era estava me dizendo? “Mas você nem me conhece. Como pode afirmar uma coisa dessas depois de quinze minutos, num único dia?” Foi a gota d’água. A baixinha de cabelos curtos olhou-me fixamente e apontou com o indicador para a própria testa. “Meu terceiro olho. Eu enxergo por aqui, ó.” E me despedi. Ela quis um abraço, eu estendi a mão. “Está bem, vamos aos poucos.” Não retornei. Pistoleira. Depois, passei uns dois anos com uma loira muito bonita, que nunca disse nada que prestasse, mas vá lá, era muito bonita. Foi somente no último ano de faculdade que encontrei a Laura. Com estas experiências somadas, é metade de minha vida. Metade dos meus trinta anos discutindo inibições e cacoetes, caçando fantasmas que transitam por aí, e tentando expurgá-los. Metade de minha vida tentando resolver a outra metade e, sendo sincero, não acho nada tranquilizador ter precisado de tanto tempo. Você me desculpe, preciso ser franco. Não pude mais. Até gostava bastante do ofício. Era instigante acompanhar as vidas daqueles espectros que entravam e saíam de meu consultório, e valer-me da teoria e da experiência para elucidar, provocar mudanças, fazer comentários que os fizessem pensar. Mas passar o dia todo – o dia não, a vida toda naquela posição de escuta, migrando as palavras de lugar, o dia sem esquecer que o inconsciente existe, que o recalque existe, que o que dizemos é fruto de vários arranjos internos, que o que desejamos, por mais simples que seja, origina-se de algum umbigo de sonho – não, não suportava. Não suportava aquele vazio do consultório, aquele território de figuras volantes, lágrimas e imagens oníricas.

O mundo engolido naqueles metros quadrados. Em particular, lembro-me de como era encerrar o expediente no fim do dia. Às vezes na indecisão do crepúsculo, às vezes em pleno negrume. A cidade era uma resoluta precariedade. As luzes quebravam em meus olhos. O ruído das vozes e motores abafados pelo torpor de um inconsciente calejado. Sem identidade definida e cheio de segredos, voltava para casa como um espião retorna para sua terra natal. Acredito que minha subjetividade se amoldasse com facilidade às transferências e fantasias dos pacientes. Eu produzia boas reverberações – sabia captar os sons que emitiam. Falando agora com você me dou conta do que Laura deve ter suportado estes anos todos. Por mais sensata que fosse, viver com isso é um fardo pesado demais. Da primeira vez que sumiu, responsabilizara a morte do ex-sogro. Depois, a infecção urinária. Quando decidiu me contar a verdade, durante aquela manhã na biblioteca, ela disse: “Você sabe que eu me separei de meu marido. De uns tempos para cá, nós voltamos a viver juntos. O ano passado foi um ano muito difícil para mim.” Com todas as letras, foi isso o que me disse. Não entendi como retornar para o marido pudesse ter sido algo mais difícil do que ter se separado. Associei isto com o meu próprio casamento. Este é o outro motivo que me trouxe até aqui. As coincidências são impressionantes. Nós dois nos separamos dos cônjuges e, em seguida, voltamos atrás. Do mesmo modo, os dois perderam quinze quilos nos últimos meses (foi o que ela disse ao telefone, também). Minhas palavras na sessão deviam agitar, ainda que de forma indireta, o mar revolto onde ela naufragava. E agora ando obcecado por minha separação. Sou um sujeito torturado por uma indecisão crônica. Nessa noite choveu forte. Pensei em São Luiz do Paraitinga,

nas palavras da minha analista que anunciavam a devastação do mundo. As chuvas, as pestes, os terremotos da América Central, os mortos empilhados no Haiti, as nuvens de insetos no Rio de Janeiro, a erupção dos furacões em Santa Catarina. Achei que o prédio onde moro iria ceder. A gente não sabe, não tem como prever tudo o que pode acontecer, de como o solo, os ventos, as placas tectônicas, a rotação terrestre, as geleiras, as plantações, a fauna, os insetos reagirão à nossa ofensiva. Enfrentamos sua revanche. E dormi mal, ardendo, mesmo com o ventilador voltado para mim no quarto fechado. Fechamos o quarto para impedir que os pernilongos entrassem. Nunca vi tantos pernilongos quanto nos últimos tempos. Aurora não se incomoda com o calor. Sempre fomos diferentes nisso. Sempre gostei de abrir portas e janelas, ela sempre gostou de fechar. Quando passa um vento gostoso pelo meu rosto, pode apostar que ela está incomodada. Passamos os últimos anos abrindo e fechando janelas e portas, e no final, nenhum dos dois ficou particularmente confortável com a situação. É a hora de contar essa história. Faz oito anos que estamos juntos. Desde que encaminhei meus pacientes para escrever meu último romance, trabalho em casa com meus escritos, meus projetos de eventos literários e minhas traduções. Ela costumava ter uma vida bastante diversa da minha, como psicóloga concursada em instituições públicas. Passava o dia fora, concentrada em seus atendimentos e na rotina impregnante que os abarcavam. Chegava ao cair da tarde, e púnhamos o papo em dia. Ela dormia cedo, e eu adentrava a noite. Era assim a nossa vida. Acontece que tais instituições a consumiam. Ela passou a aventar outras possibilidades. Decidiu investir no consultório. Foi o que desatou a mudança, no início do ano passado. A rotina

mudou. A convivência era diária. Dormíamos, acordávamos, almoçávamos, trabalhávamos e jantávamos juntos. Alguns conflitos que sempre existiram passaram a nos visitar com mais assiduidade. Como dizer isto? Nós paramos de transar. E aprendi, nos anos de atendimento, que o sexo norteia os nossos estilos. Enfim: essa impossibilidade de me separar, trocando observações frugais, respondendo a dúvidas um do outro, deixou-me perturbado. Passei a sonhar com viagens pela América Latina. Passei a sonhar com outras mulheres. E o que é pior: passei a sonhar com minhas outras vidas possíveis e com tudo o que não fiz. Por vergonha. Covardia. Pensei na minha última namorada, de como levei tempo para conseguir me separar. Em maio do ano passado, fui a um festival de literatura como autor convidado. Em uma das noites, uma garota me convidou para ir até seu apartamento. Não aceitei o convite mas permaneci remoendo no quarto, bêbado e com sono. Foi na semana em que a Laura sumiu pela primeira vez. Estava louco para lhe contar tudo, mas ela já não estava lá. Voltei da viagem sem vontade de reencontrar a casa. Durante a semana seguinte, eu e Aurora conversamos muito. Os incômodos que sempre se deixaram repousar no silêncio e nas pazes foram revelados. E como demônios libertos, começaram a sobrevoar nosso cotidiano, derrubando o que viam, sacudindo lençóis, estilhaçando lembranças, sussurrando nos ouvidos insones pesadelos e imprecações lascivas. Ao mesmo tempo, era desolador cogitar a separação dos móveis, dos corpos, do que construímos juntos. Francamente, não sabia se suportaria a solidão, mas era uma dúvida que me punha em movimento. Queria vencer o medo de ficar só. Algo me dizia que aquele era o momento de fazê-lo. Os trinta anos são uma ocasião de escolhas

importantes: seguimos como estamos – temos filhos, assumimos uma vida que é muito parecida com a de nossos pais, mesmo sabendo que nossos pais se arrependeram de seu engessamento – ou procuramos uma outra mulher, ou ainda uma vida mais emancipada. Casar-se é se despedir da paixão dos primeiros anos de juventude; abdicar das noitadas; reservar ao prazer solitário as mulheres que poderíamos ter tido. Ao mesmo tempo, encontram-se aí todos os dias passados juntos, o convívio que conquistamos, a mulher que seduzimos. Há na inércia e nos pequenos prazeres uma continuidade natural que se prolonga até o futuro indistinto. Esta vida presente poderia ser a tradução mais clara do que entendemos por paz, não fossem tantos sonhos de guerra. Foi uma provação não poder contar com minha analista neste período. Hoje vejo: perdurei minha frágil união, adiando minha escolha de pedir um tempo a Aurora, apenas para esperar o retorno de Laura. Passamos dois meses numa rotina insuportável. Cabia a mim apontar nossas falhas. Ela era encarregada de justificar nosso casamento. Seu descontentamento nunca era manifesto e, frente a isto, eu reagia com bastante raiva. Raiva de precisar cumprir este papel tão ingrato, daquele que provocou a separação. Mas veja só: fazia muito tempo que eu estava triste, e ela não dava muita importância. Ela não enxergava o abismo que ia se formando entre nós. Interessava-lhe apenas a paixão que sentia por mim, a ávida entrega que sempre fora marca da sua personalidade. A vida de casal era o centro de nossa existência, e dos dois, apenas eu estava insatisfeito com isso. Eu sonhava com o cárcere. Em outros sonhos eu observava, do alto de um edifício, uma piscina de azul celestial. Meu centro de gravidade se inclinava para a frente, desejando saltar. Mas meu corpo era

muito pesado para isso. Sinto medo ao ficar longe de casa. Meu intestino conservador não funciona se estou na rua. Não durmo bem em cama de hotel. Sinto calor e desconforto no trato com desconhecidos. O suor de um dia todo na cidade, no meio de tanta gente, é uma sujeira que só se limpa na ducha de casa. Apenas a comida caseira é confiável. Os homens rivalizam para entrar no ônibus, para mordiscar migalhas. E a casa é sagrada. Em casa, eu apaziguo meus desejos. Em casa, e só ali, durmo no embalado doce do mesmo. Mas também em casa sinto calor. No ápice da crise, não encontrava um lugar para ler, para escrever, para pensar, porque era invadido pelo bem amado. Não recusava sua presença porque a amava. Numa noite daquelas, saímos para conversar num bistrô romântico e atulhado. Tomando vinho, procurando reavivar o que sentíamos e repensando o que poderíamos fazer, ela falou em pedir um tempo. Não o propôs, apenas lançou a possibilidade. “E se déssemos um tempo?” Tudo era sedução cansada, um jogo tenso com as ideias. Eu explorei a opção. Perguntei-lhe: mas como faríamos? Eu sairia de casa, moraria com um amigo. “É, você poderia se afastar por um mês, e veríamos o que acontece.” Eu gostava daquilo. Era o que eu pensava mas ainda não tivera coragem para propor. Uma ou duas semanas depois, Laura voltou. Conteí toda a história. Queria me separar, só precisava de sua bênção. Queria apenas que ela dissesse que eu não estava cometendo uma loucura, que minhas razões eram mais que legítimas. Laura disse muito pouco. Sugeriu que eu lesse *Fragmentos de um discurso amoroso*, de Roland Barthes. Matando a saudade, ávido por conselhos, comprei o livro ao sair da sessão e o devorei em seguida. Alguns dias mais tarde, quando sobre a sala de estar já pairava o peso do ressentimento, sen-

tei-me com Aurora para uma conversa. Falei que queria um tempo, dois ou três meses. Não gosto de lembrar daquela noite. Lembro da raiva com que ela me dirigiu ofensas que nunca ouvira de sua boca. No dia seguinte, fui à análise. Laura admoestou-me a sair de casa. Ir para um hotel ou o que o valha. Fiz uma mochila, e fui para um bar esperar um amigo. Em dois dias, estava na casa do meu pai. À procura de alguém que dividisse um apê, conheci Beatriz, recém-retornada da Europa. Ela morava com duas irmãs, um imóvel espaçoso e mal iluminado onde viviam com mais dois gatos e uma cachorra enorme e babona. Mudei-me para um quarto nos fundos do quintal do apartamento, uma edícula úmida e acanhada. A primeira noite foi dos horrores. A primeira noite morando sozinho, à sombra de uma liberdade há tanto tempo nutrida e almejada, uma liberdade negada por múltiplas neuroses empilhadas como um pega-varetas. Dormir naquela cama era como ser enterrado vivo. Em um mural de cortiça, as meninas do apartamento, por farra, colaram vários adesivos, desses que as prostitutas põem nos telefones públicos: “Ellen – travesti safadinha, faz até o fim.” “Gracy – mulata 30a, anal, oral, do jeito que você gosta”, e assim por diante. Dentro do forno, uma pizza esquecida que teve folgados trinta dias para mofar. O cachorro babão, sempre que conseguia entrar na casa, enfiava o focinho na areia das gatas, comia com gosto toda aquela merda, e depois ia lambe-la nossa cara. Fazia muito tempo que as irmãs pareciam acostumadas àquele caos que, com o tempo, teve efeito terapêutico em mim. Esquecer dos compromissos imaginários, tomar umas e passar a noite fumando com Beatriz foi uma forma de emancipação. Ao meu modo de estar no mundo, as drogas sempre ocuparam uma zona negra de in-

terdição. Esta zona se situava em uma região central de minha personalidade. Eu tenho um tio que morreu oito anos antes de eu nascer, e que desde os catorze se descaminhou tomando bolinhas e fumando maconha. Pode parecer pouco, mas naquele tempo, tanto ele quanto a família estavam despreparados para lidar com o vício. Era a primeira geração da minha família a mergulhar no desenraizamento galopante de uma metrópole que explodia demograficamente. Inventaram novos modos de se desembaraçar da dor, do luto, da perda. Meu pai começou a fumar depois de se separar de uma garota. E meu tio também, imagine, começou a tomar essas coisas depois de uma decepção amorosa. Eu nasci sob este signo, e permaneci atrás, protegido por quem se atirava de cabeça aos entorpecentes, aprendendo com eles de longe, medindo os riscos ao extremo. Hoje, vejo, todos os meus amigos se drogam. E não são só os meus amigos. O mundo precisa da droga, como precisa da comida e do sexo. Ela exerce um papel crucial na manutenção da loucura social. A minha geração – e a sua, pois vejo que você é jovem, bem mais jovem que minha antiga analista – foi radicalmente apartada da geração anterior, dos nossos pais, porque eles não viveram isso como nós vivemos. A droga banal, o nosso *ecstasy* de cada dia, a carreira para animar, a pílula para dormir, a anfetamina para acordar. E este meu tio foi aquele que viveu sozinho o seu Woodstock particular. Um Woodstock sem ideologia, sem coletividade, germinado no fardo da separação. Como isso devia pesar para alguém que sempre pertenceu a uma família tradicional e endogâmica! E eu fui condenado a compreender a geração anterior. Sempre assisti aos meus pares com a consciência insuportável do que estava ocorrendo. Nunca me atirei à piscina do presente, nunca mergulhei

de olhos abertos na água borbulhante. Antes, fiquei rodeando a borda, molhando os pés, tentando entender uma experiência tão radical quanto paralisante. Ao mesmo tempo, baixava a cabeça perante uma família descuidada e moralista, cujos membros precisam aprender a se virar, pois costumam a se enxergar como filhos, pais, netos, avós, tios e tias (estes papéis são todos misturados, na minha família). Meu pai foi em parte criado pelos avós. Minha mãe pelas tias. Meu primo, também pelos avós. Meu tio, pelas proprietárias das pensões. Eu mesmo tive uma tia-mãe e uma mãe-irmã. Mas então toda a história com este meu tio viciado já terminara, e para nós tudo foi diferente. Perdemos a liberdade que eles tinham, e ganhamos outra, feita de pressa e veleidades. E veja só, estou falando de tudo isso para descrever o que senti na primeira noite em que fui dormir sem Aurora, em um apartamento na Rua Augusta, com uma amiga sem rumo. Daí você pode depreender o que significava para mim abandonar a casa, a rotina, todos os rituais que criei para me proteger. E eu tinha esperanças de que esta vida de solteiro seria alucinante, seria como estar de férias todos os dias. Separar-me significava me despedir deste sujeito tão dividido e condenado à própria casa solitária, de um calor que não experimentara na morada parental. A minha mulher cuidava das minhas dores e das minhas doenças. Com ela, aprendi a cuidar de mim. Aprendi a comer frutas, a balancear minha alimentação, a ir ao médico, a atentar para os alertas do organismo. Ao mesmo tempo, o período em que estive casado foi a época em que mais adoeci: tive dores nas costas, machuquei o joelho direito, que passou desde então a reclamar de escadas e de longas caminhadas. Não posso culpar Aurora por isso, veja bem, porque tudo brotou de mim. Mas a oportunidade de um

casamento me permitiu adoecer e ser cuidado, adoecer para ser cuidado. E Aurora foi a mulher, a primeira mulher, que esteve sempre lá para cuidar de mim. Por sua vez, Aurora dependia de mim. O meu desejo de liberdade e a minha disposição para recriar a vida sempre se refletiu em seu ânimo. Foi um pacto. Todo amor é um pacto de necessidades e desejos que se complementam. Eu me viciara neste amor e tentava me libertar. Naquela primeira noite longe de casa, dormindo no apartamento da Beatriz, a sensação foi de me atirar à piscina sem saber nadar. Eu sabia que precisava estar lá, precisava exercitar umas braçadas livres para onde quer que fosse, mas naquele momento tudo o que me ocorria era me debater, espirrando água para todos os lados, submergindo e engolindo o ar molhado de cloro, agitado pelas ondas que eu mesmo provocava. Não foi à toa que fiz isso numa época em que Laura (a minha melhor amiga, não a analista), estava de férias no Brasil. Ela havia acabado de se separar daquele catalão linha-dura de que lhe falei. E esbaldava-se na vida de solteira. Saía, dançava, conhecia um milhão de caras, transava adoidado. E eu, amordaçado pela falta de sexo, vesgo de tanto olhar para bundas e peitos que cruzavam despudorados o meu caminho, não via a hora de descartar compromissos apressados (eu sempre quis compromissos apressados). Já sabia o que era estar sufocado por uma força para dois. Já não precisava mais de uma mulher-mãe, de cuidados, e queria enfim assumir minha persona madura. Eu não era criança. Acho que nem quando criança fui parecido com uma criança. Um homem sério se parece com um velho, não com uma criança. Não era daqueles que pedem à mulher que ache suas meias, porque minha própria mãe nunca quis saber das minhas meias furadas. Mas descartan-

do qualquer senilidade imatura, eu queria assumir a postura de um homem. Como é difícil crescer! Me admira que dê tempo para fazer outra coisa. E insaciado, deixei-me conduzir pelo impulso primário sobre o tabuleiro de damas disponíveis da cidade. Abri as velhas agendas e recorri a números de sete dígitos. Quase todas estavam disponíveis. Mas de tanto beber e fumar, de tanto papo furado, me estômago embrulhava e eu vomitava antes de chegar ao meu objetivo. Vá lá, descobri que elas já não me atraíam tanto. De algum modo, me livrei das mulheres do passado. Mas fiquei enjoado desta vida boêmia. Senti-me um amador na arte de conquistas rápidas e inconsequentes. Eu era mais solene que isso. Mais melancólico que isso. O que queriam essas mulheres? O que queria eu com elas, agora, além da saciedade? Laura voltou a Barcelona. Passei a me dedicar ao filme. Não contei tudo sobre mim: dirigi um documentário que partiu de um livro que estou escrevendo. É a investigação narrativa de minha herança neurótica. Aprendi a filmar, a editar um longa-metragem, investi no projeto, reuni vários amigos, e prometi-lhes grandes realizações caso isso viesse a cabo. Eu faria de tudo para mostrar este filme ao mundo, mas aos poucos descobri que ele fazia parte de uma empreitada maior: seus minutos de película digital deveriam se reunir ao livro que estava escrevendo e, de modo bastante particular, a este período da minha vida. Nele, algumas das maiores dualidades vida X obra, e crítica X análise, estariam presentes e em conflito. E o que era de se espantar, nunca trabalhei tanto quanto nesse período em que morei com Beatriz. Já não pareciam joguetes infantis o que estava produzindo. Aos poucos, sem grandes aventuras amorosas, sem a enxurrada de fêmeas que tanto ansiava, mesmo imerso naquele caos das irmãs (e au-

xiliado por ele, talvez), eu estava feliz e apaziguado. Já não era dividido. Vai entender! Enquanto isso, não muito longe dali, as amigas de Aurora nutriam um ódio mortífero por mim. Um casal sadio e que convivia maravilhosamente foi implodido por um sujeito que de repente queria ficar sozinho. Eu era a ameaça do macho que rejeitava a força do amor. De um certo roteiro amoroso que, como tal, carregava o seu desfecho em si mesmo. Poderia ser assim simples, não é? Poderia ser o fim desta história. Mas não é. E por isso estou aqui. Talvez não esteja por conta de minha analista. Talvez seja pelo que ela deixou de me dizer quando teve de enlouquecer. Talvez seja pelo que representa me afastar deste porto seguro. Preciso ser sincero. Estou um pouco decepcionado. Afinal, você não é a pessoa com quem quero estar. Fico imaginando o momento em que vou estar com a Laura, quando enfim contarei a ela tudo o que me ocorreu. É por este motivo que às vezes penso que tudo não passou de uma grande encenação de sua parte, de um teatro vivo, na qual Laura fingiu estar louca, por se dar conta que esta era a única maneira de me mostrar que o meu fundamento era falível. “Nenhuma mulher, nem mesmo sua analista, estaria contigo para sempre.” Todos podem enlouquecer. Enlouquecer é um modo de encontrar a liberdade. Ela iria perceber que, naquela época de vital intensidade, quando eu e a Aurora estávamos separados, não conseguia ainda me desligar. Como a sua casa e da Beatriz eram próximas, muitas vezes eu ia até lá para ver se seu carro estava na garagem, e uma vez constatado que ela não estava se divertindo em alguma festa, finalmente voltava para a minha morada provisória, sem os imperativos da felicidade. Cansada deste vai e vem, Aurora me deu um ultimato. Eu deveria me decidir. Afinal, aquilo era

um tempo. E para ela, este tempo já estava dobrando a fronteira de seus limites. Já era hora de decidir o que fazer. Pedi mais um mês. E que, durante este mês, ficássemos sem nos ver. Mas não levou duas semanas antes que eu tomasse uma decisão. O que pensei quando decidi voltar para ela? Pensei que tudo o que tinha de aprender em intervalo tão curto já havia sido absorvido. Pensei que tantos anos de casamento, uma cumplicidade tão rica merecia mais uma chance. E duas semanas mais tarde, lá estava eu. Confesso, temia que ela se apaixonasse por outro. O meu ciúme, que existira nos primórdios de nosso namoro, ressurgia com toda força. Não estava disposto a abdicar desta paixão que ela sentia por mim. Estávamos em outubro, já faz três meses. No mesmo dia teria uma consulta com a minha analista. Foi precisamente nesta semana que Laura desapareceu de novo, e em definitivo. Sim, nessa margem de decisão. Bem que estranhei quando, em nossa última sessão, não suportou me ver por mais de cinco minutos. Achei que se tratava de um ato analítico. Como eu precisava dela! Precisava tanto que, quando voltou a sumir, tornei-me apático. Calei as inquietudes. Voltei para Aurora, que me recebeu. Como se nada ocorrera, estávamos juntos, dormindo juntos, conversando, comendo juntos, abraçados na cama grande e morna que tanta falta sentira de mim. Da cama, da sala, de meu escritório, dos meus livros, de um espaço sem cachorro, gatos e irmãs brigando. Depois de algumas semanas, o ar já me faltava. Mas havia uma viagem de fim de ano com os amigos. A Laura (amiga) voltaria ao Brasil. Passaríamos juntos o *réveillon*, a Laura (analista) estaria curada de sua infecção urinária, e tudo seria resolvido. Não poderia prever que os dias passariam tão rápido. Uma Laura chegou para as festas, a outra não, eu pro-

telava todas as decisões, e por um acaso rolou aquela noite em claro. Laura me contou de quando descobriu que não amava mais o catalão linha-dura. Chorou muito. Disse-me que, desde o meu casamento, não sentia que eu estava apaixonado por Aurora. E se perguntava se eu conseguiria viver sem ela. Questionava se eu precisava estar ao seu lado para querer não estar ao seu lado. Compreendi então que Aurora era uma vítima desta minha situação. A Laura-amiga voltou para Barcelona, e a outra, a analista, me fez aquela ligação. Minha analista teve um surto psicótico. Não retornou, e agora me dou conta que não voltará jamais. Todo este percurso me conduziu até aqui, e aqui ela não se encontra. E por esta razão eu falo com você. Não sei o que fazer com isso. Não quero fazer terapia de casal, e não quero fazer análise individual. Cansei deste processo, não desejo começar tudo de novo, não quero habitar mais este espaço. Não acredito nisso. Não mais. Mas precisava encontrar alguém para conversar, porque está tudo retornando. Passo as noites acordado, fumando e escrevendo as mesmas coisas em meu Moleskine. Um beco sem saída. A saída mais fácil seria morrer. Terminei o meu filme, a mulher mais compreensiva, carinhosa, amiga que conheço me perdeu. Ela não é feia. Ao contrário, é bastante bonita, tem um corpo atraente. Sua mãe gosta de mim, é bacana comigo. E ainda assim desejo partir. Sim, desejo partir. Desde que fiz o filme, uma frase de meu pai não sai da minha cabeça. Antes de se divorciarem, meus pais tiveram uma conversa séria. “Eu já pensei em sumir no mundo”, ele lhe disse. É esta minha vontade agora. Sumir no mundo. Não posso dizer que nada me prende. Tudo me prende. Agora vejo. Agora me dou conta de que eu quero me separar. Ai de mim, eu preciso me separar. Não há outra maneira. É terrível.

Aurora nem imagina. Ela me vê triste, mas não atina. Nem eu sabia. Preciso falar com ela. Ela é vítima da minha loucura. Se ao menos eu estivesse bem! Eu a amo, sim, eu a amo, mas não quero mais viver com ela. Quero outro tipo de amor. Preciso de outro tipo de amor, ou adoção. Ou morro. O que faço? Como faço? Este meu livro está concorrendo a uma bolsa generosa que transformaria a minha vida. Eu poderia recomeçar, mesmo continuando a viver em São Paulo. Ou poderia atravessar a América Latina, sempre escrevendo, fugir deste meio literário medíocre que é o meu. Destes eventos culturais insalubres. Deste intercâmbio de invejas, destes amigos perdidos e melancólicos, destes programas didáticos de ir ao cinema e ao bar, ao cinema e ao bar. Mas como faço? Preciso conversar com Aurora. Vou preparar tudo. Não, não posso ir embora assim de repente. Seria preciso tirar minhas coisas de casa. Mas eu poderia viajar, passar duas semanas fora daqui, encontrar-me com Laura em Barcelona, ficar em sua casa e concluir o meu romance. Já estou vendo como a coisa vai se desenrolar. Vou voltar para casa agora, vou comprar uma passagem pela internet para a semana que vem. Hoje vou conversar com ela. Vou aguardá-la depois de uma reunião no Instituto onde ela cumpre algumas horas. Vou deixar uma mala pronta para dormir na casa do meu pai. Antes, preciso contar ao meu pai. Que horrível. Ele vai fechar os olhos, como se a gravidade pesasse mais. Aí eu falo com Aurora e vou embora. Mas ela vai me impedir. Não vai acreditar no que estou dizendo, vai achar que é cedo, que não tentamos o suficiente. Quando disser que vou passar a noite fora, ela vai dizer que eu não posso fazer isso, que eu devo isso a ela, ao menos isso, ela vai rogar, dardejando pragas. Ela vai se jogar sobre mim, vai dizer chorando: “meu

querido, meu querido”, vai passar os dedos pelo meu queixo, vai puxar meus cabelos, vai me ensopar com tudo que vivemos, com o filho que nunca teremos. Vai me perguntar se estou mesmo disposto a perdê-la. Ela vai se lembrar de tudo o que me esforço para evitar, vai dizer que não pode ficar naquela casa nem mais um dia. Perguntará se eu conheci outra pessoa, e eu vou dizer que não, de modo algum, que não se trata de me ligar a outra pessoa, que não estou feliz com ela, que estou adoecendo, que minhas energias se esgotaram e não vejo outra saída, que ela é uma vítima de minha neurose, que ela tentou de tudo, e que seria uma crueldade vê-la se esforçando ainda mais para ter-me ao seu lado, que a isto eu só ofereceria mais desterro, mais olhares taciturnos, mais noites sem resposta. Vamos chorar até desabar. Iremos para a cama, e vou cozinhar para ela três ovos, vou descascá-los, e levá-los para a meia-luz do quarto. Vamos comer esses ovos brilhantes e macios, vamos ficar um ao lado do outro sem uma palavra até que o sono nos vença. A esta altura, já terei falado da passagem para Barcelona. Ela já terá reagido com fúria à minha atitude. “Vai lá, vai se drogar, vai se ferrar com a Laura, que é só isso que ela faz!” E vou virgular essa fúria, dizer que Laura é minha melhor amiga, a única pessoa depois dela que tem disposição para estar comigo. E não suportaria este deserto de São Paulo. Não direi que se trata de um modo de me proteger de mim mesmo, de meus rompantes de pânico e arrependimento. Que precisarei impôr esta distância para não entrar em conflitos internos. Eu me conheço. Mesmo resoluto eu fraquejo. A angústia me desorienta. E em Barcelona, isso não poderá acontecer. Estarei bem longe, em outro universo. Dia seguinte, ela regressará mais branda da terapia. Sua analista lhe dirá que está preocupada

comigo, com o surto de Laura e de como isto deve ter me afetado. Ela vai me chamar para conversarmos os três. E eu vou topar, porque qualquer ajuda é válida. No fundo, irei apenas para provar que não estou louco, que há lucidez em minha escolha. Antes deste encontro, eu e Aurora passearemos juntos no fim de semana. Serão dias delicados. Aprenderei muito por não ter fugido naquele dia da separação, por não ter feito como nos filmes. Mas no fim disso tudo terei uma viagem, e isto permitirá que fiquemos juntos. Aurora terá reações estranhas. Trabalhará muito, para esquecer o que está acontecendo. Não proporá discussões. Negaremos um pouco, riremos um pouco. No sábado, iremos a pé ao cinema e assistiremos a um filme japonês. Depois, tomaremos um sorvete, como se estivéssemos em uma cidade onde a Guerra Mundial ainda não chegou. No domingo, iremos à casa de meu pai, e todos os familiares estarão presentes, e gastaremos a tranquilidade que ainda nos resta. Em sua análise na segunda-feira, apelarei em minha defesa. Sua analista verá que não se trata de um desatino, e demonstrará uma raiva sem isenções. Em suas palavras, eu deverei assumir os riscos de minhas aventuras. Objetarei que sempre estive ciente dos riscos. Sairemos brincalhões do consultório. Alguns dias depois, de volta à casa de meu pai, daremos um abraço de despedida, e este abraço será insuficiente para o que está se passando. Num último relance de Aurora, atrás do vidro fumê de seu carro, ela buscará em meus olhos baixos uma revelação derradeira. Nada terei guardado. Por fim vencerei o medo e abrirei espaço para uma amargura avassaladora. Mas passada esta primeira onda de tristeza, um pavor inédito subirá pelas minhas pernas. Meu pai me deixará no aeroporto de Viracopos durante a madrugada. Estarei sem dinheiro (só eu sa-

berrei das minhas dificuldades financeiras), mas me contentarei pensando que tudo se arranja, tudo enfim se resolve quando estamos na direção certa, o dinheiro que não tenho não fará falta no dia do Juízo. Passarei a tarde em conexões e aguardando em saguões de aeroportos. Não terei pressa em chegar, porque tudo será exílio, um café em Barcelona ou um saguão internacional. E no meio do voo para Madri, minha última conexão, debaixo de um ar-condicionado impiedoso, começarei a tossir. A vinte mil pés, no meio da madrugada e do Atlântico, sentirei a solidão absoluta. “Vou morrer.” “O que estou fazendo aqui?” “Ninguém para olhar por mim.” Fugindo das tempestades do verão, estaria rumando para um inverno desolador até para os padrões europeus. Morreria. Não teria mulher, casa, emprego fixo. Estaria largado no espaço, um homem num assento sobre o Atlântico, chacoalhado por turbulências imprevistas. Estou à minha própria sorte. Será a consciência mais absoluta deste pavor, a prova de que me lanço a situações sem resguardo. Sair. Mas sair para onde? O que há do lado de fora? Só a Aurora me aguenta, ninguém mais suporta meus achaques de melancolia. A calma será restituída no contar dos minutos. “É isto mesmo. Não tinha outro jeito. É isto mesmo.” Você me dirá, ao final desta primeira entrevista: “Entregue-se em Barcelona. Você parece se conhecer. Mas sabe, ninguém se conhece plenamente. Você poderá se surpreender consigo. É difícil prever como lidaremos com experiências pelas quais não passamos.” Vou apoiar-me nesta sua afirmação, no modo como você não enxergou traços de patologia em meu ato. Não indagarei se você acha que estou preparado. Todos me consideram muito forte. Eu sou aquele que traça o meu destino, disseram alguma vez. E isto será fardo que não se

compartilha. Comprimido no assento de centímetros, vertical, transporte de cargas, vou ganhar umas horas de sono. O tempo há de passar, e a manhã triunfará. Sobre as planícies castanhas de La Mancha, o avião passará para o outro lado das nuvens e anunciará o pouso em Barajas, Aeroporto Internacional de Madri. Sem perguntas, o homem da alfândega imprimirá o carimbo no passaporte e saudará, apenas: *Pasa*. E mergulharei em uma monstruosa edificação de ecos lunares, entre lojas e mais lojas livres de impostos. Tudo será como num sonho indistinto. Vestirei o grande casaco que tomei emprestado de alguém, e circularéi por aquele piso lustroso. Subindo e descendo extensas escadas rolantes, encontrarei um aparelho de som do tamanho de um clipe e o embolsarei com meu cartão de crédito. No balcão de uma lanchonete, pedirei um sanduíche de *jamón*, pagarei com euros, imagine, ainda tímido com o castelhano, e mesmo sem fome, darei uma generosa mordida naquele pão consistente e de casca crocante, e quando chegar a sentir o gosto do presunto ibérico, suave na garganta, amargo no céu da boca e salgado na língua, saberei que esta será minha *madeleine*. Entre todo tipo de interjeição babélica, acompanhando as levas de blusões gordos, tomarei um trem subterrâneo que liga os terminais, e no avião doméstico para Barcelona adormecerei mais um pouco. É fim de tarde aqui, e hora do almoço no Brasil. Aurora ficou para trás, assim como as monções de verão, a casa – remota – e os familiares. Os movimentos comprometidos pelo sobretudo imponente, descerei a rampa no aeroporto de Barcelona. Com a minha mala de rodinhas trinando pelo solo irregular, a mesma mala cinzenta que levei comigo para o apartamento de Beatriz, pedirei indicações para chegar ao metrô que me levará ao centro da cidade.

O cachecol teima em se desenlaçar do pescoço, pende daqui, dali, e um pouco na dúvida, tomarei uma van até o terminal das linhas férreas. Ao lado de uma moça de mala vermelha, enrijecido pelo ar glacial que entra pelas mangas das camadas de tecido, verei se aproximar aquele trem em tudo distinto do que conheço. A publicidade será outra. Os assentos de outra cor, a velocidade com que as portas se fecham, o solavanco ao iniciar o deslize pelos trilhos, as tonalidades cutâneas e os casacos surrados, como pendem as cabeças no chacoalho do vagão, e a paisagem que se descortina, salpicada de uma chuva fria e fina, o modo como os subúrbios vão ficando para trás para dar lugar a mais subúrbios, onde a conformidade das casas e dos edifícios, o material de que são feitos, a luz que recai sobre os telhados e o asfalto que recobre as ruas são distintos. Não situarei as palavras que anunciam as estações. Encalene, El Prat de Llobregat, Sants-Montjuic, Moll Costa, parques que nada me dirão. Desembarcarei na imponente Estació de França, o braço dolorido por arrastar a mala com suas roupas escolhidas sem dedo, e ganharei a rua pluviosa, avançando a passo apertado debaixo das marquises para evitar que meu cabelo, meus óculos, minhas calças se molhem ainda mais, e em cinco minutos estarei em uma praça de paralelepípedos e bancos de metal, Paseig del Born, onde uma catedral de rochas ancestrais, vencidas pelo limo e resistente ao tempo, e que logo saberei se tratar de Santa Maria del Mar, oferece as espaldas com seus arcobotantes e pombos arredios. Depois de procurar em duas, três farmácias, encontrarei enfim um rosto gentil que depois de articular meia dúzia de sentenças velozes me estenderá um pequeno embrulho de papel enrolado em fita adesiva, dentro da qual encontrarei as chaves. Naquela mesma pra-

ça, sem me deter na profusão de mais detalhes distintos, mergulharei a chave na ranhura do portão pesado, e estarei enfim abrigado da chuva. Serão quatro lances estreitos, e a ainda mais pesada mala cinzenta galgará degrau a degrau, até finalmente atingir a porta do apartamento, que aberta oferecerá um calor recheado de condimentos, espelhos, um sofá vermelho, a cozinha anexa, quatrocentos estímulos visuais inéditos a explorar e um bilhete pendurado no lustre, saudando-me com euforia, a caligrafia familiar e brasileira de Laura, minha amiga Laura, e as instruções divertidas para ligar o aquecedor, explorar a geladeira, encontrar uma toalha limpa, ligar a água quente do chuveiro, conectar-me à internet do laptop sobre o balcão da cozinha. Por um tempo ficarei atirado no sofá com o bilhete na mão e sem reação ou ciência do meu próximo gesto, deixando repousar a bagagem no meio da sala de estar, reconhecendo os pingos no vidro da janela, movido apenas por um impulso salutar e primaveril de esquecer. Esquecer, direi à Laura, que incontida ao me ver em seu recanto cosmopolita, salientará que depois de tantos planos, afinal estaremos só nós dois em Barcelona, abertos para o que vier, e ela atirárá à fervura uns cappelettis recheados de salmão e alcachofra, o queijo amolecendo sobre a massa embebida em azeite enquanto eu ainda enuncio o que ficou para trás. Interrompendo meu próprio relato, pedirei a Laura que me ajude a esquecer, que me ajude a enlouquecer, e ela responderá num grito violento e acolhedor que sim, que sim, que eu não me preocupe com nada, que é isto que acontecerá comigo, e satisfeitos desceremos para a praça, onde a chuva estancou, e atravessaremos o Bairro Gótico, cruzaremos as Ramblas e encontraremos Aran, uma amiga de Laura, sentada ao balcão de um bar no Ra-

val, com seu piercing no nariz, a língua desbaratada de novidades para confidenciar. A um canto, vestindo uma expressão cansada e descansada, deixarei que falem e pedirei uma *long neck*, com a qual vou perambular entre as mesas, o cigarrinho na outra mão. Dali, partiremos para um galpão de videoartistas. E mais uns minutos, teremos à frente um porco picante em um restaurante indiano. A partir daí já não acompanharei o curso dos eventos. Permanecerá a imagem de uns jovens franceses, de uma holandesa falante que dança engraçado, de uma DJ com vestido de alcinhas e de um químico azedo na língua, de Aran, Laura, e todo mundo dobrando ruelas no bairro gótico, e uma bicicleta, haverá uma bicicleta e alguém tirando fotos borradas. Entraremos no Marula, sairemos no Macarena. Todos subirão ao apartamento no Born, e o cansaço chegará com a manhã, e quando eu acordar será noite outra vez, e uma mulher corpulenta gesticulando o cigarro entre os dedos me dará um beijo estalado no rosto, sem deixar de falar. Todos estarão na sala, quase na mesma posição em que os deixei, as *raias* na mesa de centro dispostas sobre um vinil de Schumann. Alcançarei um iogurte da geladeira com gosto de creme de leite, um homem de olhos azuis vai ensaiar saudações em português e me oferecerá umas *butifarras* recheadas de roquefort, e deslacrando um outro maço, vou me deixar impregnar por aquelas vozes, aquela pequena pista eletrônica. E na manhã de domingo, eu e Laura passearemos pela Barceloneta, com vista para o Mediterrâneo, o céu aberto e cristalino, o azul gelado do inverno ibérico e um *Lays* verde sujando as pontas dos dedos. Durante os dias seguintes, Laura sairá para trabalhar, e passarei as manhãs e tardes caminhando a esmo com fones de ouvido, percorrendo de ponta a ponta a Argentería, contornando o Parc de la Ciutadella, lambu-

zando-me com a nutella de um crepe em frente ao Palau de la Musica, tirando fotos na Via Laietana, acossado por imigrantes africanos em Gignas, Milans, Freixures, pronunciando estes nomes, sentindo-lhes a textura a caminho do Museo Miró em Montjuic, debaixo do mesmíssimo inverno azul. Comprarei um livro de Bertrand Russell em La Central, e passarei horas nos cafés envidraçados, procurando perder-me, afastar-me cada vez mais do Born, e depois encontrando uma estação de metrô que me conduza de volta. As lojas de roupas anunciarão liquidações de inverno, e comprarei um bocado de meias, camisas e blusas, ao passo que, pouco a pouco, atirarei fora tudo o que trouxe de São Paulo. Terminado o livro de Russell, marcarei em meu mapa a localização de todas as livrarias da cidade e farei um ensaio fotográfico de suas fachadas. Tomarei um trem para Figueres, e passarei o dia no Museu Dalí, a cinquenta minutos de Barcelona. Às noites, eu e Laura assistiremos a séries norte-americanas dubladas em castelhano, e vez ou outra jantaremos porções de *tapas*, elementares e fabulosas. Aprenderei o nome dos legumes na Boqueria, verei um show ao ar livre em frente ao Macba, e quando cansado de caminhar, sentarei em um bar qualquer, pedirei uma porção de *jamón* e uma cerveja, retirarei o pequeno laptop que levo na mochila, e digitarei palavra a palavra os últimos dias, registrando de uma vez por todas aquilo que, em seguida, perderá a força gravitacional que exerce na memória. Cada dia renderá cinco páginas, e não darei espaço para qualquer tipo de revisão. Ficará atrás o burburinho dos editores, críticos, colegas, oficinas, eventos culturais e conselhos que recebi. Abdicarei da abolição de certos verbos, de advérbios; não mais descobrirei e desconstruirei cacoetes; darei fim às opiniões díspares sobre um mesmo trecho a cada revisão;

descartarei a intuição de que, em três anos, algumas passagens me desagradarão; não vou diferenciar aliterações de cacofonias; deixarei de interpretar o livro; desistirei de transmitir prazer, dor, experiências; esquecerei todos os princípios, à medida que assoprar aquelas conjugações inéditas e imprevisíveis nas cordas vocais, palavras que nunca proferi, que não fizeram parte de meus capítulos anteriores, e levará tempo para descobrir que se trata de um idioma obscuro e regional, o catalão, a um tempo vivo e morto, arrostado pela pujança do castelhano, em nome da conservação de suas histórias e costumes. Irei tomá-las de empréstimo, levado pelo afã de me despedir da língua materna e seus equívocos, seus abusos, seus descasos. Nas galerias de uma exposição pré-colombiana, tomarei a decisão, sabendo que não se trata de uma decisão, mas de uma curva abrupta da sorte, de não retornar. Não voltarei mais à terra cujo nome esqueci. Nada em mim fará lembrar as cicatrizes do passado, aparte Laura, que ficará desolada quando com uma mala azul no topo da escada, ofertarei uma despedida fria, sem nenhum traço de familiaridade, nenhum sinal de cumplicidade dos exilados, porque já não serei eu, já não haverá qualquer referência aos idos, erros e desterros. E feliz, debaixo de uma outra pele, entre sobrados a sussurrarem o devir promissor, sob o céu sem nuvens de uma tarde de fevereiro, começarão a cair uns pingos cristalinos, lâminas d'água pura, e sacudido por aquela graça, imobilizado pelo milagre, guardarei o silêncio dos que ainda balbuciam, dos que principiam a engatinhar, dos que não foram tangidos a ferro pela danação dos ruídos que traduzem tanto, que expressam tudo, que significam nada.

Fortuna

No célebre ensaio sobre o narrador, escrito na primeira metade do século XX e a partir da experiência da Primeira Grande Guerra, Walter Benjamin apresenta de modo pioneiro e talvez visionário a crise da experiência que se tornaria aguda na passagem para o século XXI. Diante da experiência extrema da guerra, e poderíamos acrescentar dos horrores dos campos de concentração nazistas, entre outros exemplos de barbárie que marcaram o mundo contemporâneo, os sobreviventes, segundo Benjamin, mergulharam no silêncio traumático.

Por outro lado, as figuras tradicionais do narrador, do ancião que guarda a memória da aldeia ao viajante que colhe as histórias do mundo, também não existiriam mais, substituídos pelo narrador profissional, ou o escritor. Se a escrita remete, direta ou indiretamente, a alguma experiência vivida, conhecida, ou imaginada (cujos traços de realidade se transfiguram na narrativa), essa relação aparece mediada não somente pelos artifícios da linguagem, como ancoradas na tradição literária. Mais que uma abordagem saudosista, ou passadista, como pretendem as leituras rápidas de Benjamin, o que está agora em jogo é saber que tipo de experiência pode ser narrada e que pertinência tal narra-

tiva possui para os leitores cuja experiência perdeu o sentido, ou não tem mais o sentido original de enraizamento no mundo, vale dizer, no real. Seja como registro, relato, ou canto vital.

Essas questões surgem de imediato na leitura de *Documentário*, de Tiago Novaes. Livro híbrido, que funde as linguagens literária, cinematográfica e musical para constituir uma narrativa possível, ele busca sua forma na autoanálise do autor, exposta aos leitores como um ritual de iniciação.

Dividido em três partes, na primeira autor e analista confrontam suas perplexidades diante da própria experiência em busca de identidade. Tendo publicado dois livros, o escritor enfrenta a angústia de produzir uma nova obra, um romance com teor autobiográfico, mas cuja estrutura não está clara, ou como se o foco da narrativa lhe escapasse. A necessidade de recuperar o passado e tentar definir como o presente se configura, se é que se configura, e para onde aponta parece convincente, mas a segurança sobre a própria experiência e sua pertinência como tema surgem no horizonte como um drama pessoal e assunto a ser desvendando pela psicanálise.

Nomeando-se muito sutilmente, e de forma indireta, Tiago se coloca como personagem da trama espelhada, fracionado nas personas de autor e analista, uma vez que ele viveu e vive as duas experiências na “vida real”. Em seu currículo consta o período em que clinicou, fez acompanhamento terapêutico, militou como psicanalista até deixar a profissão para se dedicar à literatura. O trajeto de incertezas e impasses teórico-existenciais aos poucos vai se entranhando na narrativa, ora como relato de um especialista no estudo da psique, ora como um aprendiz de escritor que questiona sua capacidade inventiva e seu traquejo

na convivência com literatos, num esquema de estratégias e barganhas no seletivo meio editorial.

As figuras são complementares, analista e escritor, e sua relação especular dá à narrativa o andamento do impasse, do autoquestionamento, e também de uma sutilíssima investigação metalinguística. Não se trata, é claro, daquela metalinguagem óbvia, do texto que ironiza o próprio texto, que por sua vez é pretexto de uma discussão teórica disfarçada de literatura. O processo aqui – por trazer à cena o diálogo psicanalítico, em que analista e paciente entram no terreno nebuloso da transferência para buscar as fronteiras do que é próprio de cada um – abre uma brecha dolorosa por onde o leitor se infiltra, ele mesmo como o fiel de uma balança que se equilibra.

Obsessão próxima à de Borges, que no jogo de espelhos vislumbra a aparição fantasmagórica do outro, negação de si mesmo, um monstro desconhecido forjado nas malhas arquetípicas do inconsciente, a do narrador deste *Documentário* busca no “outro”, ou na voz do analista, a figuração precária de suas dúvidas mais profundas, de suas inseguranças diante das paixões, do passado, da opção problemática pela carreira de escritor num tempo e num país em que a cultura é superficial, elitista, midiática. O analista, em tese, seria o porto seguro de uma travessia assustadora, espécie de calvário e de rito de passagem, num romance de formação às avessas, antiépico, sem aprendizado nenhum para o personagem ou para os leitores. Porque as questões que o escritor faz ao analista não se respondem, nem a realidade nem a ficção desta são capazes de resolver os impasses.

A análise tampouco é suficiente para preencher as lacunas que a tentativa da narrativa em dar forma à materialidade da ex-

periência, entretecida de memória e presente, ameaça malograr. É justamente desse malogro inescapável que o escritor começa a organizar seu projeto ficcional. A narrativa se institui como lapso, como recolha dos fragmentos de um processo de desvelamento da história do autor, de sua herança familiar, feita de cacos de outras histórias, também elas irredutíveis ao mecanismo de verossimilhança.

O embate entre analista e autor reverbera a busca pelo entendimento do que é a escrita, de como a narrativa se articula nos espaços possíveis da linguagem, tanto na dimensão íntima, dos processos internos da psicologia do escritor, que se revela ao leitor sem pudores, como do que é imaginação, em projeções dessa sensibilidade aguçada em confronto com as demandas e dilemas da realidade.

Esse impasse ficcional, do que pode ser narrado (como possibilidade) e do que o autor sente que deve narrar (seus traumas e desejos), nasce o paralelo e o paradoxo do documentário cinematográfico. Tiago vai à história de sua família, da origem italiana à migração para o Brasil, estabelecendo-se em Avaré, para armar o substrato da experiência que se tornará estrutura narrativa, ainda que de modo precário e fragmentar. Não parece viável, ou exequível, totalizar a experiência, moldá-la numa forma precisa, apaziguada, do romance. O romanesco precisa se justificar, explicar seus fundamentos, expor sua fragilidade diante de um mundo cujo sentido de inteireza se perdeu. O sujeito está morto, a experiência se volatiliza e o narrador está à beira de um colapso.

Resta ao autor-narrador, sócia do escritor-analista, reconstituir os passos da história familiar que legaram as sombras de seu presente, sua presença dúbia frente à agonia do que dizer, da for-

ma como dizer, sem garantias de que o dito logrará repercussão entre incertos leitores.

Imagem e texto compõem uma teia que potencializa o jogo especular do autor que analisa sua própria ação, que dramatiza seus impasses e que nos invoca como testemunhas dessa artimanha ficcional. Se no texto o autor tenta deixar as marcas de seu estilo, testando-o a cada página, no documentário que se desenrola nas entrelinhas, trazendo a voz de parentes, imagens do passado e do presente, para resgatar nas ruínas do cotidiano, das contas a pagar, dos amores frustrados, das amizades de ocasião, dos delírios literários, das influências, da formação intelectual sempre errante, um caminho a seguir, uma viagem utópica e redentora.

Daí que na segunda parte do livro os apontamentos do autor se misturem com citações que traçam um mosaico de pistas sobre um projeto narrativo a perseguir, como rastros de vozes literárias que formam a consciência possível do escritor, ou despojos de leitura. Cortázar ou Gunther Anders, Tolstoi ou McEwan, Van Gogh ou Tarkovski, misturam-se com notas em moleskines, trechos de uma narrativa que não se completa, não se fecha, permanecem como ruído para os depoimentos em vídeo que consolidam o documentário que se desdobra em ficção para afirmar-se como memória do autor e de sua jornada para se tornar escritor, ou como diz na terceira parte do livro: “a investigação narrativa de minha herança neurótica”.

Como um sintoma, para além do sintagma, a narrativa carrega os traços insuspeitos, mesmo ocultos, do que pode resultar na obra escrita, ou em progresso. Literatura como devir, na concepção de Deleuze em *Crítica e clínica*, o livro que é fluxo de vida

possível, ou como um eco do “livro por vir” de Banchot, cujo roteiro de viagem é a própria viagem.

Do manuseio crítico do leitor e no diálogo entre mídias, texto e imagens, a narrativa é reconstruída, ou remontada. O conceito de montagem, de edição, adquire um papel crucial na fruição de *Documentário*. Composto de narrativas cruzadas, vídeo e texto, o livro convida o leitor a reconstruir, com o narrador, a história do escritor.

A ficção permanece em aberto, como uma proposta, um desafio, um roteiro que permite mais de uma travessia. A viagem epifânica a Barcelona na terceira parte do livro aponta para esse devir-livro, essa aposta numa narrativa pessoal, que intervenha nas nervuras do real, e que fuja “deste meio medíocre que é o meu”, desabafa o narrador.

A utopia desse romance “crochê”, na precisa definição do narrador, é guardar “o silêncio dos que ainda balbuciam, dos que principiam a engatinhar, dos que não foram tangidos a ferro pela danação dos ruídos que traduzem tanto, que expressam tudo, que significam nada”. Narrativa que rasga as convenções da ficção exposta como objeto de mercado, que tranquiliza as angústias da existência, que camufla os apelos ideológicos, como um ruidoso artifício de entretenimento. Narrativa que se auto-análise, em que o escritor se analisa diante do leitor para expor sua incerta e arriscada proposta de intervenção na consciência do leitor, partindo de uma escavação simbólica, poética, e quase antropológica, na consciência do autor.

Reynaldo Damazio

Das certezas que o acudem num discurso qualquer ao meio-dia, das noções claras que o sol da tarde lhe deslinda, das palavras que um golpe de vento lhe sussurra nos ouvidos, das melodias que tamborilam em sua nuca a água de um banho distraído, das aflições que o mantêm desperto na madrugada intranquila; a qual dessas múltiplas vozes deve ser fiel o artista quando cria? Pode se deixar levar pela voz mais eloquente, a cada momento pela que mais alto grite, ou deve zelar pelo cumprimento de uma intenção prévia, de um projeto, pela atenção estrita a um programa de princípios, silenciando as que não se adéquam? Deve alguma lealdade ao instante, à força que o conduz àquele ato, ao desespero ou à euforia que o impelem, ou responde a um tempo mais dilatado, calculando um efeito futuro, amealhando mais um sentido às tramas do passado? Cabe a ele esquadrinhar sua verdade mais íntima, desnudar-se aos olhos de um público voyeurista, ou deixar-se tomar pelo impulso fictício que tudo deforma, tudo deturpa, aproximando-o inevitavelmente das malhas da mentira?

Em cada uma de suas páginas, em cada uma de suas linhas, em suas partes diversas e até nos silêncios de seu filme, a obra de Tiago Novaes é atravessada por esses inconclusos conflitos. Se há respostas para tais indagações (decerto há, e decerto são infinitas), Tiago não as encontrou. “Sou um sujeito torturado por

uma indecisão crônica”, seu personagem admite, e não é difícil transferir o julgamento a quem forçou o sujeito a confessar-se. Também o Tiago-autor é um homem dividido, cindido entre sua condição de autor e sua condição de homem, entre a exigência de engendrar uma obra coesa e a vontade de conhecer-se, de explorar até o limite suas vivências. Não surpreende que seu livro resulte igualmente indeciso, configurando-se não apenas como romance, mas como relato confessional, como processo autoanalítico, o livro inteiro como um interminável sonho paradigmático mesclando “os traumas do passado, os pânticos presentes e os desejos de porvir”. Cada uma de suas frases é dupla, no mínimo: cumpre uma necessidade interna da obra e infere um juízo sobre sua vida.

Mas talvez não caiba fazer essas ilações tão de partida, não sem antes repassar uma breve cronologia, um tanto mais particular e sincera do que seria esperado (lamento burlar os padrões adequados a um texto crítico, mas a obra de Tiago Novaes nos exige uma sinceridade irrestrita). O caso é que nos conhecemos há alguns anos, temos travado nesse tempo um diálogo sempre interrompido, somos, enfim, o que se convencionou chamar de amigos. Enquanto ele concebia e escrevia seu livro, nos encontramos com relativa frequência em um mesmo bar, trocávamos amenidades até que um pouco pudéssemos nos embriagar, e só então nos púnhamos a conversar sobre literatura. Não pretendo entrar nos méritos de sua transformação física, que se deu em paralelo ao processo de seu livro e foi quase um envelhecimento às avessas, Tiago a cada encontro mais firme, mais magro, sua pele mais íntegra, mas posso dizer que nos primeiros tempos eram conspícuas em suas feições e em seus modos as angústias

torturantes que o corroíam. Para usar as palavras dele, era como se o visse nascendo e morrendo mil vezes, “vivendo sempre a mesma pena danada, despojado e de bolsos vazios”. Para mim, naturalmente, nascia ao chegar ao bar, morria quando se ia.

Tiago, no entanto, é um sujeito sinuoso, cheio de complexas ambiguidades, e é preciso ouvi-lo com a atenção devida para descobrir – como terá descoberto o leitor atento desta obra – que suas angústias mais profundas e seus conflitos mais legítimos não são os que se desvelam à primeira vista. Estará perdido, por exemplo, o leitor ou ouvinte que cair no engodo de sua imobilidade, de suas alegadas travas criativas, de sua suposta “clausura psíquica”. Tiago quer se proteger com os dramas da aporia, mas sua mente fervilha e suas mãos são ágeis em achar teclas imprevistas: criativo ao extremo, ficcionista artilheiro, ele é ainda um jovem prolífico. A qualquer momento, enquanto relata suas indecisões e suas madrugadas vadias, pode se permitir soltar com toda seriedade, como o fez em uma noite longínqua, seu plano tão ambicioso de escrever um romance contrastando em capítulos sucessivos a voz de um escritor em crise e a voz de seu analista. Em poucas frases, como num passe de inverossimilhança, Tiago passava da apatia literária à oportunidade de fazer o “relato de um drama humano”, ou à pretensão de alcançar a “real complexidade da alma”, ainda que em “uma porção pequena”.

Não terão me faltado palavras para revelar meu entusiasmo, saudando aquela viravolta com um sonoro brinde. Parecia se encerrar nesse instante um longo período de desvios, de apelo a questões inessenciais, de ocultamento sob o laconismo dos contos curtos de *Subitamente: agora*, de distração no ludismo farto de seu romance policial, seu *Estado vegetativo*. Subitamente, ago-

ra, Tiago abdicava de sua imaturidade tão profícua e criava um projeto à altura de seu potencial ficcional e crítico, um projeto aberto o bastante para comportar em numerosas páginas todo o universo de seu sofrimento psíquico, seu incansável périplo à procura de um lugar não-sabido, sempre alhures, desconhecido. Conciliavam-se enfim as duas vertentes de sua personalidade que ele cuidara de traduzir em ofícios – o escritor e o psicanalista – e nessa síntese sua integridade de autor terminaria de se constituir.

Aos poucos, em noites sucessivas, em comentários que devo ter contestado com rigidez excessiva, foi ficando claro que ele não se ateria a esse plano primitivo, que essa nunca havia sido sua intenção. Que seu projeto era múltiplo, incluiria um filme contemplando toda sua família, músicas de fundo, citações das mais variadas, arabescos e trechos de moleskines, a invenção de um conto do século XIX que aqui acabou suprimido, a intromissão de resenhas dispersivas de contestáveis especialistas. Antes mesmo de ter lido a primeira linha, eu era pura decepção: seria o desperdício da melhor ideia que ele já tivera em sua vida, do romance que o justificaria ante o mundo, da obra que o alçaria a uma condição privilegiada entre seus contemporâneos. Como sua amiga ou personagem Beatriz diagnosticava com pertinácia, ele malversava seu talento, perdia tempo se dissolvendo em outras identidades, ouvindo vozes por demais aleatórias. Preferia ser fiel a si mesmo, aos seus ímpetos idiossincráticos, a uma verdade pessoal mais imbricada, menos esquemática, que ser fiel à boa obra que ideara.

É claro que se tratava de uma opção consciente, da adoção de um novo programa de princípios, e quando finalmente tive aces-

so ao trabalho completo vi que aquilo se explicitava de maneira muito clara. “Frustrar as leis intrínsecas à obra. Reinventá-las. Um romance sobre uma separação não pode deixar de frustrar e de trair. (...) Na segunda parte, trair os leitores da primeira parte. Na terceira parte, os leitores da segunda. Trair, por fidelidade ao objeto maior.” Sim, eu era, antes mesmo de ser leitor, o leitor frustrado da primeira parte, o leitor traído que persistiria em sua leitura sempre tomado de certa amargura.

Amargo, não deixava de pensar que dessa forma Tiago frustrava também a si mesmo, traía a si mesmo, mas aos poucos me dava conta de quanto era imprescindível esse gesto, de como ele acusava de fato a busca de uma verdade – e de como essa busca renitente era um mérito imenso, conferindo-lhe uma legitimidade incontestada. Mais desarmado e entregue, percebia como a cisão do autor entre escritor e analista era insuficiente, como o romance exigia outras cisões importantes, entre filho e homem independente, entre a função de marido e a disfunção de solteiro, entre o conforto de ser um paciente e o aflitivo abandono no mundo sem um discurso autorizado. Cativado por fim, descobria assim a grande riqueza de sua obra, a ruptura maior que ela comporta, a cisão entre um eu antigo, anterior à metamorfose que o livro encerra, e um eu presente ainda inenarrável.

Se me dou ao trabalho de descrever essa trajetória de leitura, aqui desta minha antipática posição de crítico, é porque vejo em suas oscilações o movimento próprio do romance que o leitor tem às mãos, movimento que poderá acometê-lo com os mesmos sentimentos que a mim assaltaram: o entusiasmo da verdade anunciada, a frustração programática, a redenção melancólica. Foi essa a ópera que aquelas tantas vozes entoaram em coro

nos ouvidos de Tiago, vozes que ele fingiu modular pouco em seu discurso moderno, como se deixasse que por ele falassem em um cuidadoso processo de escrita livre, como se apenas as registrasse em um *Documentário*. Ninguém haverá de negar que, nesse gesto, Tiago Novaes se fez porta-voz de algo, por difícil e doloroso que fosse: fez-se, sem dúvida, portador legítimo e habilitado de sua própria história.

Julián Fuks

Este livro foi produzido
na cidade do Rio de Janeiro
pela Fundação Nacional de Artes – Funarte
e impresso na gráfica Walprint em 2012
com arquivos fornecidos pela Funarte.

Sonharei com as curvas e os recuos destas realidades paralelas, e pintarei viagens, perdas de tempo, frases prolixas, vilarejos sem saída, recantos abandonados, projetos de malogro e somas vultuosas desperdiçadas. Enquanto estiver com ela, não poderei pensar. Mas buscarei o silêncio – ventre do desamparo fora do qual, constato, não posso respirar muito tempo.



Este projeto foi contemplado com a Bolsa Funarte de Criação Literária de 2010

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA